



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

AMANDA DE SOUSA RODRIGUES

**O ESPETÁCULO JUNINO:
AS MANIFESTAÇÕES FESTIVAS DAS QUADRILHAS DO DISTRITO
FELIZARDO (IPAUMIRIM-CE), 1985-2013**

CAJAZEIRAS-PB

2019

AMANDA DE SOUSA RODRIGUES

**O ESPETÁCULO JUNINO:
AS MANIFESTAÇÕES FESTIVAS DAS QUADRILHAS DO DISTRITO
FELIZARDO (IPAUMIRIM-CE), 1985-2013**

Monografia apresentada à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), do Curso de Graduação em Licenciatura em História, da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção de nota.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Ceballos

CAJAZEIRAS-PB

2019

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva Lourenço - Bibliotecária CRB/15-046
Cajazeiras - Paraíba

R696e Rodrigues, Amanda de Sousa.
O espetáculo junino: as manifestações festivas das quadrilhas do
Distrito Felizardo (Ipaumirim - CE), 1985-2013 / Amanda de Sousa
Rodrigues. - Cajazeiras, 2019.
114f. : il.
Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Ceballos.
Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2019.

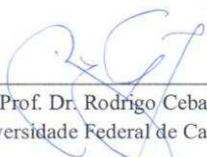
1. Festa tradicional. 2. Festejos juninos. 3. Quadrilha junina. 4.
Felizardo - Ipaumirim - Ceará. 5. Manifestação cultural. I. Ceballos,
Rodrigo. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de
Formação de Professores. IV. Título.

AMANDA DE SOUSA RODRIGUES

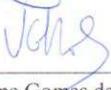
O ESPETÁCULO JUNINO:
AS MANIFESTAÇÕES FESTIVAS DAS QUADRILHAS DO DISTRITO
FELIZARDO (IPAUMIRIM-CE), 1985-2013

APROVADA EM: 06/12/2019

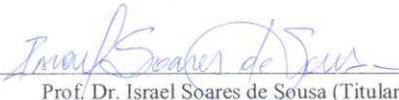
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Rodrigo Ceballos (Presidente)
Universidade Federal de Campina Grande - CFP



Prof.ª Dra. Viviane Gomes de Ceballos (Titular)
Universidade Federal de Campina Grande - CFP



Prof. Dr. Israel Soares de Sousa (Titular)
Universidade Federal de Campina Grande - CFP

Prof.ª Dra. Mariana Moreira Neto (Suplente)
Universidade Federal de Campina Grande - CFP

*Dedico à minha mãe, Raimunda Cleonice de Souza,
por sempre acreditar que este trabalho seria possível.*

AGRADECIMENTOS

Agradecer parece uma tarefa simples, mas é um desafio diário. Quantas vezes nos pegamos reclamando dos obstáculos postos no decorrer da pesquisa e nos esquecemos de dizer obrigado. Agora chegou o momento de prestar minha gratidão aos que direta ou indiretamente contribuíram para esse processo formativo.

A Deus, por ter me mantido no caminho certo até a realização deste trabalho monográfico, com saúde, força, paciência e perseverança para finalizá-lo. E pela oportunidade de trilhá-lo perto de pessoas maravilhosas.

Aos meus pais, pelos incentivos e esforços para ver suas três filhas estudando, especialmente à minha mãe, Cleonice, que acompanhou de perto a produção desse trabalho, minhas angústias, medos, e por sempre acreditar que tudo daria certo. Sou o resultado da força e confiança que você depositou em mim. Amo vocês!

Às minhas irmãs mais novas, Andreza e Alana, que tiraram um tempinho para me escutar quando precisei e contribuíram no que foi possível. Torço muito por vocês!

Aos meus companheiros de turma, pelos bons momentos e conhecimentos compartilhados durante esses anos, em especial Amanayara, Samuel, Joedna e Welligton, com quem tive maior contato e foram importantes principalmente nos momentos de indefinição dessa pesquisa. Obrigado, muito sucesso para vocês!

Agradeço à companheira de pesquisa Alane, quantas foram as vezes que passamos nas casas dos colaboradores em busca de fontes para desenvolvimento de nossas pesquisas, você com as fotografias e eu com as quadrilhas. A Aline e Cinthya por também terem contribuído para esse processo.

Aos meus entrevistados, por abrirem as portas de suas casas para me receber e cederem um espaço da sua rotina diária para responder a minhas perguntas. Muito obrigada!

Como não poderia deixar de ser, um especial agradecimento ao professor e orientador Rodrigo Ceballos. Obrigado por sempre estar presente, indicando a direção correta, pelas valiosas contribuições dadas ao longo desse trabalho, e, sobretudo pela confiança, compreensão e atenção, mesmo diante das atribuições diárias.

À instituição, pela oportunidade de fazer o curso, por proporcionar um ambiente acolhedor, amigável, criativo e que permitiu-me ampliar meus horizontes.

Ainda preciso agradecer ao Programa de Auxílio ao Ensino de Graduação (PAEG) pela bolsa de estudos, que proporcionou minha estadia no campus.

Ao corpo docente do curso de licenciatura em História do CFP, por contribuir e enriquecer nossos conhecimentos com valiosos ensinamentos. Gratidão!

O ser humano é basicamente criativo e recriador e os artistas populares que lidam com o canto, a dança, o artesanato modificam continuamente aquilo que um dia aprenderam a fazer. Essas são as regras humanas da criação e do amor: fazer de novo, refazer, inovar, recuperar, retomar o antigo e a tradição, de novo inovar, incorporar o velho no novo e transformar um com o poder do outro

Carlos Rodrigues Brandão, 1984

RESUMO

O presente trabalho se propõe a analisar a formação e ressignificação da quadrilha junina no distrito de Felizardo (Ipaumirim-CE), onde perpassamos sobre os significados e as formas de apropriação que esta manifestação cultural adquiriu entre o período de 1985 a 2013. Como os padrões culturais têm uma tendência a se modificarem ao longo do tempo, faz-se necessário compreender como se apresenta o campo de tensão entre o tradicional e o moderno. Deste modo, o estudo focaliza as disputas simbólicas presentes no grupo específico da quadrilha “Arrasta-Pé”, os festejos juninos promovidos na localidade, as experiências e os próprios discursos que valorizam a realização desse evento. Para tanto, faremos uso da História Oral, entrevistando integrantes de quadrilhas juninas e utilizaremos também de fotografias e vídeos (produções independentes), que permitiram, com suas diferentes linguagens, elucidar as modificações na imagem da quadrilha e as questões sociais que contribuíram para suas reinvenções. Nesse sentido, o conceito de “tradição inventada” proposto por Eric Hobsbawm, é um elemento norteador para entender as reelaborações na imagem da quadrilha, já que o autor assinala esse processo de “invenção” como uma formalização e ritualização que mantém um vínculo com o passado, mesmo que artificial, pelo uso da repetição.

Palavras-chave: Quadrilha junina; tradição; modismo; reconfigurações.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the formation and resignification of the June dance group (*quadrilha*) in the Felizardo district (Ipaumirim-CE), where we go over the meanings and forms of appropriation that this cultural manifestation acquired between the period 1985-2013. Since cultures have a tendency to change over time, it is necessary to understand how the field of tension between the traditional and the modern is presented. Thus, the study focuses on the symbolic disputes present in the specific group of the “*Arrasta-Pé*” group, the June festivities promoted in the locality, the experiences and the speeches themselves that value the realization of this event. To this end, we use Oral History, interviewing members of June groups and also using photographs and videos (independent productions), which allowed, with their different languages, to elucidate the changes in the image of the group and the social issues that contributed to their reinventions. In this sense, the concept of “invented tradition” proposed by Eric Hobsbawm, is a guiding element for understanding the reworkings in the group image, since the author marks this process of “invention” as a formalization and ritualization that maintains a link with the past, even artificial, by the use of repetition.

Keywords: June dance group; tradition; fad; reconfigurations.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Frente da Capela Nossa Senhora da Conceição, distrito Felizardo.....	22
Figura 2: Vinheta do programa São João no Nordeste, 2006.....	27
Figura 3: Faixa de classificação em 2ª lugar da quadrilha “Arrasta-Pé” no concurso de logomarca, 2010.....	32
Figura 4: Apresentação da quadrilha “Arrasta-Pé”, 1999.....	35
Figura 5: Seção de créditos da quadrilha “Tabako Fumaçando”, 1995.....	37
Figura 6: Barraqueiro na quadrilha “Tabako Fumaçando”, 1995.....	42
Figura 7: Apresentação da quadrilha “Arrasta-Pé”, 1998.....	51
Figura 8: Apresentação da quadrilha “Arrasta-Pé”, 2013.....	52

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Participação das lideranças nas apresentações da quadrilha “Arrasta-Pé”, 2009.....	39
Tabela 2: Relação das temáticas da quadrilha “Arrasta-Pé”, 1997-2013.....	56

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO 1 - ENTRE MEMÓRIAS: SOCIABILIDADE E TRADIÇÃO JUNINA NO DISTRITO FELIZARDO-CE.....	17
1.1 Um distrito, uma história e sua festa: tecendo relações.....	17
<i>1.1.1 Modos de festejar: um olhar sobre as formas de diversão a partir das fontes orais...</i>	19
1.2 O mês de junho chegou!.....	25
1.3 Festeja Felizardo: a quadrilha como uma expressão junina.....	29
CAPÍTULO 2 - A QUADRILHA JUNINA E SUAS FORMAS DE APROPRIAÇÃO.....	34
2.1 “Espetacularização do poder”: participação dos políticos na festa.....	34
2.2 “Se tem festa, tem barraca”: atividades comerciais no São João.....	40
CAPÍTULO 3 - RESSIGNIFICAÇÕES NA IMAGEM DA QUADRILHA “ARRASTA- PÉ” E SEUS DESÁFIOS.....	45
3.1 Os brincantes e as novas formas de dançar.....	45
3.2 O Arrasta-Pé: entre modismo & tradição.....	49
3.3 O desafio financeiro e político para fazer a festa.....	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
REFERÊNCIAS.....	60
APÊNDICES	
APÊNDICE A - Imagem de satélite do espaço da festa.....	65
APÊNDICE B - Termos de Consentimento Livre e Esclarecido.....	66
APÊNDICE C - Entrevistas.....	76
ANEXOS	
ANEXO A - Panorama da evolução da quadrilha.....	114

INTRODUÇÃO

O mês de junho chegou! O clima junino que antecede o período de apresentações das quadrilhas toma conta do distrito Felizardo, situado no interior do Ceará. Os foguetes – chuvinha, bombinha e traque de salão – fazem a diversão de crianças e adultos, as bandeirinhas coloridas enfeitam os pequenos arraiais, e as fogueiras indicam as casas daqueles que seguem o velho costume de homenagear o santo. Sobre tais circunstâncias, a quadrilha junina é conduzida na localidade e, durante esse período, os quadrilheiros retomam a rotina de ensaios para em julho se apresentarem para o público e marcarem o encerramento de mais um ciclo.

Essas cenas fazem parte da minha vivência como sujeito participante. Ao chegar ao distrito ainda criança por volta dos anos 2000, acompanhei de perto o auge das transformações empreendidas na performance dos grupos juninos. Só não imaginei que um dia fosse pesquisá-la. O desejo só veio acontecer na disciplina de “Projeto de Pesquisa I”, do Curso de História, quando fui provocada a pensar sobre uma temática que me aguçasse a curiosidade. A partir daí passei a questionar sobre a dimensão histórica da quadrilha junina na localidade: como essa prática passou a fazer parte das comemorações? Quais os sentidos atribuídos ao festejo? E o que teria provocado sua ressignificação?

Assim, o eixo central dessa pesquisa desenvolveu-se em torno da formação e ressignificação da quadrilha junina no distrito Felizardo, entre 1985 até 2013. Nesse contexto, as quadrilhas foram instituídas na localidade e gradativamente se moldaram ao processo de estilização, substituindo as roupas simples por adereços e caracterizações glamorosas. A estrutura também foi modificada, dando lugar ao que Eleonora Leal (2004) chamaria de “quadrilha moderna”, um novo formato de coreografia com ritmo acelerado, diversidade de gêneros musicais e danças.

Para pesar as ressignificações das quadrilhas juninas, o conceito de “tradição inventada” proposto por Hobsbawm e Ranger (2008) foi de suma importância para a reflexão acerca da influência da dinâmica social sobre a tradição, pois inventam as tradições “[...] quando uma transformação rápida da sociedade debilita ou destrói os padrões sociais para os quais as ‘velhas’ tradições foram feitas [...]” (HOBSBAWM; RANGER, 2008, p. 12). Também nos apropriamos das discussões de Lima (2008), que trata do processo de transformação do São João de Campina Grande (PB), atentando para os mecanismos políticos e econômicos que agenciam o festejo.

Nesta perspectiva, buscamos investigar a atuação de dois grupos juninos: o “Tabako Fumando”, fundado em 1985, e, principalmente, o “Arrasta-Pé”, de 1997. Atentamos para suas condições de produção e para a representatividade que ganharam na comunidade em curto espaço de tempo. Se observarmos sua temporalidade, veremos que se trata de uma criação recente, mas isso não retira o *status* de tradição dado pela continuidade que o evento adquiriu no distrito. Como os padrões culturais têm uma tendência a se modificarem ao longo do tempo, faz-se necessário compreender como se apresenta o campo de tensão entre o tradicional e o moderno dentro do grupo “Arrasta-Pé”. Este último chamou a atenção porque as “inovações” empreendidas no seu interior possuem uma maior intensidade. Suas apresentações estão conectadas às novidades que chegam cada vez mais rápido através dos meios de comunicação – o rádio, a televisão e, mais tarde, a internet –, responsáveis por lançarem novas tendências aos valores culturais.

Ao problematizar sobre as quadrilhas juninas, recorreremos ao método da História Oral entrevistando sujeitos que tiveram algum tipo relação com os grupos “Tabako Fumando” e “Arrasta-Pé” dentro do recorte temporal delimitado. O uso das entrevistas foi imprescindível para esta pesquisa, pois nos proporcionou obter informações que não seriam possíveis através de uma pesquisa bibliográfica, visto que se trata de uma prática localizada, sobre a qual não há trabalhos com a temática proposta.

Torna-se necessário conhecer este documento e como aproveitá-lo na pesquisa acadêmica. Ao discutir sobre as especificidades da História Oral, Alberti (2004, p. 42) mostra que a potencialidade desse tipo de fonte está contida no terreno das subjetividades e representações de um passado tomado como dados objetivos. Seguir esse caminho não significa abdicar do mesmo trabalho crítico lançado a outras fontes. Os relatos orais também precisam ser questionados e, mesmo que inconscientemente, eles não estão isentos dos condicionamentos e nem das seleções.

Ainda utilizamos como fonte de pesquisa fotografias e filmagens internas dos grupos juninos a partir de 1995. Os registros aos quais tivemos acesso retratam cenas dos quadrilheiros em momentos de apresentação e também da comunidade festiva envolvida como parte integrante do “arraiá”.

A imagem, seja em vídeo ou fotografia, possui uma forma particular de ser lida, pois carrega mensagens explícitas ou implícitas: “[...] a imagem assemelha-se ou confunde-se com aquilo que ela representa. Visualmente imitadora, pode tanto enganar como educar” (JOLY, 2007). Por esse motivo, é importante problematizar e questionar o

que está por trás da produção (autor, contexto, expectativas do receptor e os conteúdos) para interpretar seus possíveis significados e estabelecer relações com a problemática da pesquisa.

Nessa perspectiva, o trabalho se compõe da seguinte maneira: no primeiro capítulo, intitulado “**Entre memórias: sociabilidade e tradição junina no distrito Felizardo-CE**”, refletimos sobre o lugar de formação com o qual trabalhamos e sua dinâmica dentro da rede-territorial em que está inserido. Apresentamos os modos de festejar que proporcionaram a introdução das quadrilhas juninas no distrito, como também o espaço da Capela Nossa Senhora da Conceição, que carrega uma carga simbólica por compor o cenário das festas, sejam religiosas ou profanas. Tratamos da festa junina no processo de espetacularização no Nordeste por volta da década de 1980, conduzido pelos principais polos juninos, Caruaru-PE e Campina Grande-PB. É nesse momento que buscamos pensar a formação da quadrilha “Tabako Fumaçando” e “Arrasta-Pé” a partir das narrativas dos fundadores dos respectivos grupos. Dessa forma, este capítulo nos ajuda a compreender as condições sociais que contribuíram para a formação desses grupos juninos e a representatividade adquirida na localidade.

Por meio da visibilidade que essa prática teve no distrito, desenvolvemos o segundo capítulo: “**A quadrilha junina e suas formas de apropriação**”, em que procuramos fazer uma discussão sobre o uso do espaço festivo por políticos e barraqueiros. Abordamos como o dia de festa se constituía como ideal para a comunicação dos políticos com o público – seus eleitores – e o espaço de fala que as lideranças locais conquistaram durante as apresentações dos grupos juninos. Para tanto, utilizamos fotografias e filmagens que retratam a presença desses sujeitos junto aos quadrilheiros. Tratamos, também, da participação do barraqueiro a partir das vivências de Romulo Rocha de Menezes, de 53 anos, que chegou a montar barracas nas quadrilhas por volta dos anos de 1990.

No terceiro capítulo, “**Ressignificações na imagem da quadrilha Arrasta-Pé e seus desafios**”, discutimos sobre as mudanças empreendidas dentro desse grupo específico e seus desafios financeiros e políticos para manter a estrutura de uma quadrilha junina no processo de estilização. Apresentamos as condições sociais que proporcionaram a reinvenção dessa prática, como também a composição do grupo formado em sua maioria por jovens, tidos como um elemento renovador, e as influências dos padrões culturais veiculados na mídia sobre a performance dos quadrilheiros. Ainda tratamos das

dificuldades em fazer o evento a partir das novas demandas, e da mobilização do grupo para superar a falta de recursos para o desenvolvimento da festa.

Intentamos que esta pesquisa possa contribuir como mais uma leitura no campo da Nova História, que tem trazido à tona as vivências de pessoas comuns. Esperamos, também, que os próprios sujeitos da localidade que venham a ler este trabalho possam encontrar-se ou reencontrar-se nesse estudo. Boa leitura.

CAPÍTULO 1

ENTRE MEMÓRIAS: SOCIABILIDADE E TRADIÇÃO JUNINA NO DISTRITO FELIZARDO-CE

Discorreremos neste capítulo sobre a dinâmica do distrito Felizardo dentro da rede-territorial em que está inserido, dando enfoque às manifestações festivas marcadas pela promoção de sociabilidades. Desse modo, percebemos as condições que proporcionaram a introdução das quadrilhas juninas nas atividades culturais de forma sistematizada no ano de 1985 e os sentidos atribuídos a essa prática. Para isso, apresentamos os convívios lúdicos da localidade, que acreditamos servir de base para a introdução das quadrilhas; discutimos também a influência da capela na organização do espaço e sobre os modos de festejar. Essas questões foram apontadas a partir das experiências dos entrevistados com as festas locais e o contato de alguns desses sujeitos com o chamado “São João de fora” já que a primeira quadrilha da localidade, “Tabako Fumaçando”, é inspirada nos festejos de Campina Grande-PB.

1.1 Um distrito, uma história e sua festa: tecendo relações

O distrito Felizardo é uma subdivisão do município de Ipaumirim. Sua administração está concentrada na sede municipal, que possui significativos poderes sobre a economia e a política na região. Apesar dessa divisão, o distrito de Felizardo tem sua própria história, que está imersa em uma rede-territorial de dependência e independência local em relação ao âmbito político, cultural e social. Nesse sentido, buscamos neste trabalho compreender seu lugar de formação dentro dos seus arranjos espaciais.

Inicialmente, o sítio Olho D’água do Melão, hoje Felizardo, pertencia à Vila de Lavras da Mangabeira.¹ Entretanto, da segunda metade do século XIX até o século XX, esse território passou por um processo de fragmentação a partir da criação dos municípios

¹ A Vila de Lavras da Mangabeira foi criada em 1816 por meio de uma resolução régia, sendo uma das dezesesseis primeiras vilas cearenses, impulsionadas pela intensificação na criação e comercialização do gado (PONTES, 2010).

de Umari (1883), Baixio (1932) e Ipaumirim (1953). Nesse meio tempo, o sítio Olho D'água do Melão conquistou o *status* de distrito, com sede no Baixio, e teve seu topônimo modificado para Felizardo em 1938, fazendo jus ao nome da família considerada fundadora (GONSALVES, 2007). Posteriormente, houve a transferência da sede para a cidade de Ipaumirim, município ao qual o distrito atualmente pertence.

Segundo a literatura local apresentada na obra “Em Família”, de Chagas e Rolim (2004, p. 18), o desenvolvimento deste sítio está relacionado à fundação da Capela Nossa Senhora da Conceição, desmembrada da Freguesia de Lavras em 1874, já que em torno dela foram construídas as primeiras casas, inclusive a de Félix Antônio Duarte, considerado um dos primeiros moradores, que passou a adquirir terras na localidade para realização de suas atividades na agricultura e agropecuária, setores responsáveis por girar a economia local da época. Como proprietário de terras, Duarte logo veio a assumir cargos políticos e exercer controle dos espaços. O próprio terreno da capela foi cedido por sua mulher, Maria José de Lima. Essas transformações refletiram sobre o crescimento desse sítio, que a longo prazo ganhou a dimensão de povoado devido aos novos terrenos adquiridos tanto para fins residenciais, como para o uso agrícola.

Assim, passou a se construir uma relação de paternalismo entre os moradores do povoado e Duarte, pois este era quem estava à frente das demandas políticas da região. Seu genro, Vicente Felizardo Vieira, também se destacou nesse meio, e com a morte do sogro em 1900 foi considerado um “continuador” e ao mesmo tempo “fundador” da região por possuir uma influência local e por estar envolvido com os trâmites legais que levaram o então povoado à categoria de distrito. Vicente Felizardo Vieira fazia parte de uma rede familiar de prestígio, era proprietário de terras, com indústria de algodão em Ipaumirim (sede municipal) e possuía uma estreita relação com a família Augusto de Lavras da Mangabeira.² Essas duas figuras da elite local se destacaram na história da região não só por ocuparem cargos políticos, mas também por utilizarem esse espaço de atuação para o desenvolvimento do povoado e, conseqüentemente, na construção de sua imagem pública.

Ao mesmo tempo, não podemos ser ingênuos e atribuir o desenvolvimento do distrito apenas a essa elite local, pois suas ações dependiam de um cenário nacional. De

² Os Augustos eram uma família de posição social elevada em Lavras da Mangabeira, e possuíam uma significativa atuação sobre a política no estado do Ceará. Esse sobrenome descende da Família Oliveira Banhos, quando um dos filhos do casal (Francisco Oliveira Banhos e Ana Rosa de Oliveira Banhos) foi homenageado no ato do batismo, com o nome do padrinho João Carlos Augusto de Oyenhansen e Gravemburg – segundo Governador da Capitania do Ceará e Marquês do Aracati (MACEDO, 1990, p. 15).

acordo com Pontes (2010), o período que compreende os anos 1930 e 1963 é marcado por transformações políticas, econômicas e sociais. Deste modo, percebemos que:

[...] nos anos 50 o período em que se inicia o processo de urbanização no Ceará, quando chega à maioria das cidades médias a energia da Hidroelétrica de Paulo Afonso. É também o tempo de uma nova institucionalização com uma linha mais desenvolvimentista do Estado, onde são criados o Banco do Nordeste do Brasil (BNB), a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), por exemplo (IPLANCE, 1982 *apud* PONTES, 2010, p. 44).

Tais mudanças no âmbito estadual têm uma repercussão sobre suas extensões. No mesmo período foi inaugurada a luz elétrica no distrito, quando este ainda pertencia ao município de Baixio (BEZERRA, 2013). Com isso, houve uma valorização da localidade em relação ao seu uso comercial e residencial, pois com a luz elétrica a região ganhava características da urbanidade e atraía mais moradores para o local.

Nesta ocasião, chega ao distrito José Dias de Sousa, que se integra ao comércio de algodão desenvolvido em Ipaumirim. Dentro desse espaço torna-se um sujeito importante, pois se elegeu ao cargo de vereador (1958 e 1962) e, posteriormente, ao de Vice-Prefeito (1989). Além disso, entra em sociedade com João Moreno Rolim, morador da região, e tornam-se compradores do posto de combustível São João, no Felizardo, localizado próximo à BR-116. Essa sociedade, denominada J DIAS & ROLIM, teve uma influência sobre a localidade, gerando empregos formais e informais, e atraindo pessoas em busca de novas oportunidades de trabalho.

Ao contextualizar sobre esses sujeitos no distrito Felizardo, não temos a pretensão de apontá-los como os únicos meios para organização desse espaço de formação, assim como bem salientam Sousa e Silva (2017, p. 81), “[...] a História Local pode cair nas teias do localismo e na troca da exaltação de uns heróis por outros”. Mas, é por meio do tronco familiar dos Vieira, Dias e Rolim que somos apresentados às questões relacionadas ao modo de festejar promovidos no distrito, já que estes estão diretamente envolvidos.

1.1.1 Modos de festejar: um olhar sobre as formas de diversão a partir das fontes orais

O festejo consiste em um momento de interação com o coletivo, em que seus participantes são convidados a saírem da rotina, deixarem seus valores sociais ou reafirmá-

los enquanto a festa durar (AMARAL, 2001). Esse ato não tem por finalidade apenas a diversão. Ele é carregado de significados e interesses para seus atores e espectadores. Uma festa não é feita apenas por lazer, os envolvidos atribuem sentido às comemorações que estão diretamente ligadas à noção de cultura, sentimento e imaginário. Em torno dessa temática há um intenso debate sobre os princípios da festa. Ela seria um restabelecimento da ordem ou uma ruptura com o cotidiano?³ Entretanto, aqui não queremos nos deter especificamente a essa questão, mas sim perceber os modos de festejar promovidos no distrito Felizardo e como as quadrilhas juninas se instituíram nesse meio a partir dos discursos locais que valorizam sua realização e as experiências dos participantes.

Para tanto, faremos uso da História Oral a partir de entrevistas realizadas com fundadores das quadrilhas juninas locais. Inicialmente, nos debruçamos sobre a memória festiva desses sujeitos com o propósito de analisar as formas de festejar, sua dinâmica no distrito e os sentidos atribuídos. Entretanto, é necessário conhecer melhor os sujeitos/fontes da pesquisa.

Os entrevistados neste trabalho fazem parte de dois grupos de quadrilhas locais: a “Tabako Fumaçando”, fundada em 1985 por iniciativa de um grupo de jovens⁴ que vivenciou as festas juninas de Campina Grande-PB durante a década de 1980, e resolveram organizar uma quadrilha no distrito com o apoio da comunidade; e o grupo “Arrasta-Pé”, constituído em 1997 sob a liderança de Raimunda Vieira Rolim e Maria Flaucineide Vieira Chagas, que abraçaram a ideia de alguns jovens em formar outra quadrilha para incrementar o festejo junino do distrito. Dentre estes dois grupos, selecionamos três sujeitos históricos que fizeram parte da fundação e acompanharam o desenvolvimento dos grupos juninos. No caso, relataremos as experiências e memórias de Maria Flaucineide Vieira Chagas (integrante do grupo “Arrasta-Pé”); Josefa Luciene Dias Rolim e Rubens Dario Tavares Vieira, ambas testemunhas da história do “Tabako Fumaçando”.

Esses sujeitos fazem parte do ramo familiar apresentado anteriormente, em que a literatura local como Gonsalves (1997), Bezerra (2013), Chagas e Rolim (2004) destacam dentro dos principais círculos sociais (política e economia), responsáveis por movimentar o distrito de Felizardo. Os entrevistados passaram boa parte de sua vida fora do espaço delimitado neste trabalho, pois precisaram se ausentar para estudar. Mas nas férias e finais

³ Os autores tratam dessa polarização em relação ao fato da festa ser ou não uma ruptura com o cotidiano. Cf.: Albuquerque Júnior (2011); Amaral (2001); Castro (2012); Oliveira (2015).

⁴ O grupo de jovens era composto por: Sephora Maria Vieira Coura; Rubens Dario Tavares Vieira; Carmem Lúcia Dias Rolim; Luciene Dias Rolim.

de semana, em alguns casos, vinham para o distrito esses momentos coincidiam justamente com o período em que as atividades festivas se intensificavam na localidade e, portanto, eles têm o que nos contar. Entre suas idas e vindas, havia uma intensa troca cultural refletida nas manifestações locais. A título de exemplificação, temos duas festas classificadas como “tradicionalistas” que foram vivenciadas por moradores em outras regiões, e, posteriormente, incorporadas à cultura do distrito Felizardo como é o caso da “quadrilha”, que como já foi dito e aprofundaremos no tópico seguinte, foi influenciada pelo clima junino vivenciado na cidade de Campina Grande-PB; e a “Festa do Divino”, que não é diretamente o foco deste trabalho, mas é importante citá-la, pois também se trata de uma manifestação influenciada por uma festa de outra região do país: a comemoração religiosa do estado de Goiás.

Na entrevista realizada com a moradora Josefa Luciene Dias Rolim, ela menciona as formas de diversão promovidas no distrito. Estes convívios lúdicos, inicialmente, estavam ligados apenas ao espaço religioso e, segundo Josefa, em sua infância havia uma festa tradicional, instituída, de caráter popular. Desta forma:

Nós tínhamos, que não é do tempo de vocês (risos), mas eu alcancei, eu era criança. Nós tínhamos as festas tradicionais da igreja, que era quando se dividia em dois grupos que chamavam de dois partidos, né? Aí cada um ia trabalhar, pedir ofertas para a igreja e aí tinha a questão da rainha que o partido que tirasse mais contribuição, no dinheiro, em alimento, seja o que fosse, que as pessoas ofertassem, era o partido vencedor. Aí a rainha ia ser coroada, e aí tinha festa aqui na calçada da igreja, eram essas nossas festas assim mais tradicionais, aí pronto!⁵

Nesse relato, percebemos que a entrevistada delimita o espaço onde ocorriam as festas e sua própria natureza. Os momentos de diversão são proporcionados por manifestações de caráter religioso, e estão concentrados no entorno da capela, que ocupa um lugar significativo no cotidiano das pessoas e têm uma influência sobre os costumes e até sobre as formas de festejar da comunidade essa concepção remete a uma herança do período colonial, onde a edificação da igreja representava a organização do espaço urbano em formação e simbolizava a centralidade religiosa (COSTA, 2008). Portanto, as esferas sociais, culturais e políticas perpassavam pela ideia da religiosidade, fosse na dimensão “oficial” ou “popular”.

⁵ Josefa Luciene Dias Rolim é moradora do distrito Felizardo, tem 52 anos. Entrevista realizada em 17-08-2018, Distrito Felizardo (Ipaumirim-CE).

O simbolismo em torno da Capela Nossa Senhora da Conceição é visível no distrito Felizardo. Desde a realização da reforma em 2015, em que foi construída a torre frontal da capela, esse aspecto tornou-se ainda mais presente, pois evidenciou a importância do templo. Na foto abaixo (figura 1) podemos observar que a construção da torre atribui uma relevância simbólica ao monumento, trazendo as imagens dos representantes religiosos locais em sua estrutura: o Divino Espírito Santo e Nossa Senhora da Conceição.

Figura 1: Frente da Capela Nossa Senhora da Conceição, distrito Felizardo



Fonte: registro feito pela autora, 2019.

Segundo Costa (2008), o que diferencia na representação da igreja é o tamanho e a presença da torre frontal. Esses eram os critérios responsáveis por revelar a importância das vilas nos núcleos urbanos. Deste modo, compreendemos que a inauguração da torre não vem apenas diferenciar a estética da instituição, mas há toda uma carga simbólica para aqueles que frequentaram o espaço e se apropriaram de suas intermediações, fosse para fins religiosos ou lúdicos. Como é o caso das festas de rua que eram e permanecem sendo organizadas na frente da capela, um lugar de sociabilidades em que os moradores se encontram para conversar e se divertir.

Além desse espaço, havia outros, responsáveis por promover comemorações mais ínfimas. Ainda segundo Josefa, havia as tertúlias, caracterizada como uma “festa caseira” que ocorria na sala de casa entre amigos e familiares. Era animada ao som da radiola e

dança entre os participantes. Como nem tudo é festa, as tertúlias aconteciam em dias específicos, finais de semana ou feriados esse tipo de festa ainda fazem parte das celebrações particulares, só não tem mais este termo utilizado pela entrevistada. De acordo com Amaral (2001, p. 26), “[...] o divertimento (pressuposto da festa), é uma rápida fuga da monotonia cotidiana do trabalho [...]”. Nesse sentido, pensar sobre essas formas de festejar no Felizardo é perceber momentos pontuais no cotidiano dos moradores, relacionado aos encontros em grupos.

Outro ambiente criado com esse propósito eram as “quadras”, um lugar onde se realizavam festas particulares. Nesse caso, os participantes necessitavam pagar a entrada para custear as despesas com a contratação dos conjuntos musicais. Esses tipos de festas, apesar de serem realizadas em locais fechados e, conseqüentemente, terem um menor número de pessoas, ainda possuíam sua característica principal, que consistia no fato de estabelecer relações entre os participantes. Na falta de recursos para a contratação desses conjuntos musicais, realizavam-se nas quadras os “shows de dublagem” e “peças teatrais” organizadas por alguns dos moradores.

O entrevistado Rubens Dario Tavares Vieira guarda em sua memória festiva lembranças desse evento. Segundo ele, essas atividades movimentaram a comunidade especificamente na década de 1970:

Esse show de dublagem a gente apresentava em Cachoeira dos Índios, apresentava em Ipaumirim, apresentava aqui, sabe? Era um sucesso naquela época. [...] Então a década de 60, 70, principalmente 70, sabe? Foi uma década de grandes, de grandes, eu diria, enfim, ebulições culturais aqui. Peças de teatros, peça de teatro, sabe? [...] e as dublagens, lembro-me de músicas que eram dubladas, por exemplo, Jane Herondy, aquela música... é... como era mesmo? Herondy. “Não se vá!” Sabe?⁶

Durante sua entrevista, Rubens chega a falar de nomes de outros artistas que eram dublados na época pelos participantes, como: Belchior, Elba Ramalho e Ney Matogrosso. Com isso, podemos notar que esses shows possuíam um repertório diversificado, com músicas de artistas que se incorporaram a uma nova ordem social estabelecida com a massificação da cultura. Além disso, também refletiam aquilo que estava sendo veiculado nos meios de comunicação em massa, como o rádio e a televisão, que conquistava seu espaço.

⁶ Rubens Dario Tavares Vieira é morador do município de Barro-CE, tem 54 anos. Entrevista realizada em 13-09-2018, Distrito Felizardo (Ipaumirim-CE).

Os detalhes presentes nesse relato em particular levam-nos a perceber como este sujeito estava envolvido com essa atividade cultural, lembrando-se de diferentes aspectos: os locais onde se apresentavam; o repertório das canções dubladas; o nome daqueles que faziam a festa acontecer. Assim, percebemos que o entrevistado se aproxima mais da figura do “ator” que do “espectador”. De modo geral, o que diferencia essas duas categorias em uma festa é a forma de sua participação: enquanto um está vinculado ao grupo restrito que participa diretamente da organização do evento, o outro se refere aos que estão indiretamente envolvidos, ou seja, a plateia (AMARAL, 2001).

Já Maria Flaucineide Vieiras Chagas⁷ nos mostra, através dos seus relatos, as comemorações juninas promovidas na escola. Entretanto, esse momento não foi experimentado diretamente por ela, mas pela mãe, que era professora da escola e organizava festinhas junto com seus alunos. Essa experiência é classificada como “vivido em tabela”, e segundo Pollak (1992), trata-se de um elemento constitutivo da memória projetado no sujeito ou identificado com o passado do seu grupo social. Nesse caso, o fato de sua mãe ser reconhecida na história local como uma das primeiras professoras diplomadas entre os anos de 1934 e 1943 e ter morrido justamente nesse último ano, tem uma influência direta sobre a construção dessa memória.

Esses sujeitos fazem parte do mesmo espaço, mas carregam memórias individuais que nos permitem passear por diferentes pontos de vista sobre o distrito e as formas de diversão nele presentes. Nos relatos analisados observamos que o ato de lembrar está diretamente ligado ao momento significado pelo sujeito: Josefa pontua as manifestações a partir dos espaços em que eram promovidos; Rubens se restringe às festas que participou ativamente (organização); e Maria aciona uma memória festiva que não foi vivenciada por ela, mas projetada pelo círculo social no qual está inserida.

Com esses elementos podemos perceber como se constituiu o ambiente festivo e como os indivíduos se apropriam dessas manifestações, tomando-as cada um a seu modo. Como ressalta Chauí (1979, p. 30), “[...] o grupo transmite, retém e reforça as lembranças, mas o recordador, ao trabalhá-las, vai paulatinamente individualizando a memória comunitária [...]”. É importante salientar que essas lembranças apresentadas são fragmentos de um passado reconstruído. Cada narrativa aparece aqui condicionada pela experiência do sujeito, que organiza o passado de acordo com seu tempo presente.

⁷ Maria Flaucineide Vieiras Chagas tem 78 anos, é moradora do distrito Felizardo. Entrevista realizada em 17-08-2018, Distrito Felizardo (Ipaumirim-CE).

Como vimos até aqui, essas diferentes interpretações sobre o modo de festejar no distrito Felizardo, assim como a disponibilidade dos moradores em se envolver com as atividades culturais, são importantes para entender as condições que proporcionaram a introdução das quadrilhas juninas nas celebrações do São João e, ao mesmo tempo, a constituição de uma festa que integrasse a comunidade. Ao relatar sobre essas celebrações juninas nos anos que antecederam 1985, Rubens Dario diz que “A comemoração do São João aqui era ‘típica’, cada morador do distrito colocava sua fogueira na frente de sua casa e aquelas comidas típicas cada uma fazia em sua casa, mas não tinha uma festa que agregasse todo mundo”. Assim, as quadrilhas juninas vieram incrementar o São João da comunidade, pois incitou a reunião de pessoas em torno de um objetivo em comum: fazer a festa acontecer.

1.2 O mês de junho chegou!

No Brasil, o mês de junho corresponde ao denominado “ciclo junino”, marcado pelas festas dos santos católicos: Santo Antônio, no dia 12; São João, em 24; e São Pedro, no dia 29. Durante esse período são desencadeadas diversas manifestações pelas regiões do país, que oscilam entre eventos profanos, religiosos, populares e folclóricos. Para Luciana Chianca (2008), o São João é “a mais brasileira das festas” devido a mobilização das pessoas e pelo significado que ela representa, tida como uma comemoração do lar, da família e da casa.

Porém, nas últimas décadas do século XX (1980 e 1990), os festejos juninos foram ressignificados devido às novas demandas socioculturais, estabelecidas pelo processo de urbanização e industrialização. De acordo com Salvatore Santagada (1990, p. 123): “Os anos 80 trouxeram consigo mudanças significativas de ordem econômica, política, social e também demográfica. Em 1970, 56% da população brasileira residia nas cidades, em 1980 esse índice já chegava a 67,6%”. Além disso, outros sujeitos históricos se incorporavam ao perfil social (o migrante, o imigrante e os latifundiários) e se estabeleciam como novos consumidores do mercado interno, devido à popularização das tecnologias (RIDENTI, 2014). Contudo, as desigualdades ainda eram expressivas no país, e boa parte da população permanecia excluída dos circuitos sociais.

Essas questões se fizeram sentir no âmbito cultural. A adesão à vida urbana, por exemplo, repercutiu diretamente sobre a representação da manifestação junina; a “festa rural” ganhou outro cenário (a rua), e para tanto teve que se adequar a um processo lento e progressivo de transformação. Ao analisar o São João na cidade de Campina Grande-PB, Lima (2008, p. 18) acentua os reflexos dessa invenção:

Atualmente a festa junina no espaço urbano é algo diferente, ela se redefine, extrapola o localismo e utiliza os elementos da tradição junina, para ser reinventada, apropriada e conservada como um espetáculo de cenários, cores, luzes e sons [...].

E, em se tratando de uma “tradição inventada”, como a que trabalhamos nesse estudo, é essencial que haja o que Hobsbawm e Ranger (2008) chamam de “formalização” e “ritualização” da prática esse processo combinaria o “velho” e o “novo”, estabelecendo uma continuidade artificial em relação ao passado apropriado. Os autores acrescentam ainda que “[...] inventam-se novas tradições quando ocorrem transformações suficientemente amplas e rápidas tanto do lado da demanda quanto da oferta” (HOBSBAWM; RANGER, 2008, p. 12). É com relação a essa nova estrutura e concepção da festa junina que debruçamos nossos estudos, pois justamente nesse contexto de transformações é que a quadrilha passa a integrar o São João no distrito Felizardo, precisamente em 1985. Mas antes de indagar sobre a quadrilha como uma expressão junina no distrito, seria interessante investigar sua espetacularização no Nordeste, espaço em que o festejo ganhou uma projeção e onde estão contidos seus referenciais simbólicos. Não será aqui exposto como foi construído o imaginário dessa região em pormenores, todavia, faremos uma breve contextualização para compreendermos a base em que o festejo junino local está calcado.

O significado identitário do Nordeste é formulado no início do século XX (até então, o Brasil era dividido em duas áreas: Norte e Sul). Como afirma Albuquerque Júnior (2011, p. 80), essa região “se inventa no presente” para contrapor ao processo de modernização capitalista, que afrontava o poder das elites agrárias da região. Isso levou os intelectuais e artistas locais a elaborarem uma imagética-discursiva marcada por circunstâncias históricas, políticas e econômicas; baseados, principalmente, na ideia do saudosismo que propõem um retorno ao passado, ou seja, a continuidade de uma sociedade rural, pré-capitalista e patriarcal. Essa situação incidiu de diferentes formas. De um lado, funcionou como uma estratégia para manutenção do poder dessas elites (produtores do

açúcar e algodão, comerciantes e intelectuais) que usaram o discurso da seca para arrecadar recursos, e por outro lado, alimentou a superioridade da região Sul, que se utilizou dos estereótipos para inferiorizar o Nordeste em contraposição ao seu desenvolvimentismo.

É sobre esse imaginário que o São João é conduzido no Nordeste. O festejo foi reinventado na década de 1980, período caracterizado como o *boom* da quadrilha moderna. Mas o discurso de conservação da tradição ainda persiste, pois serve como uma estratégia de legitimação da prática. Segundo Foucault (2008, p. 28), a noção de tradição:

[...] autoriza reduzir a diferença característica de qualquer começo, para retroceder, sem interrupção, na atribuição indefinida da origem; graças a ela, as novidades podem ser isoladas sobre um fundo de permanência, e seu mérito transferido para a originalidade, o gênio, a decisão própria dos indivíduos.

Nessa perspectiva, parece ser mais interessante para os produtores partir daquilo que o público já espera. Como diz Albuquerque Junior (2011, p. 91), “Não é à toa que as pretensas tradições nordestinas são sempre buscadas em fragmentos de um passado rural e pré-capitalista [...]”. A mídia aparece como a principal mediadora desse discurso, e no mês de junho esse meio de comunicação intensifica a imagem desse Nordeste tradicional. É como se no São João os participantes pudessem retornar ao passado e se religarem às suas raízes. Na vinheta de apresentação do programa “São João do Nordeste”, exibido pela Rede Globo em 2006, é possível identificar como a manifestação junina encontra-se condicionada por essas questões apontadas.

Figura 2: Vinheta do programa São João no Nordeste, 2006



Fonte: abertura criada por Marcos Buccini. Print de tela da reprodução do YouTube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8AUFgtCNB9o>> Acesso em: 29 jul. 2019.

O Nordeste que se apresenta nessa reprodução não é o urbanizado, mas sim aquele ligado ao meio rural. Na vinheta de um minuto e cinquenta e oito segundos, os casais dançam ao som do forró em um cenário que aparenta ser uma pequena vizinhança composta por casas simples, bandeirolas, pés de milho e mandacarus. O que interessa aqui é notar como o “retrato fantasioso” dessa região continua forte mesmo dentro dessa ressignificação. Como sabemos, a festa junina, especialmente no formato de grande afluência, corresponde a um evento urbano e moderno. Um exemplo significativo dessa situação na região se dá nos dois polos juninos, liderados por Campina Grande-PB e Caruaru-PE. Essas cidades disputaram e ainda disputam o mercado turístico das festas juninas. Para tanto, produzem um evento para ser visto, vivido e comercializado.

O próprio *slogan* de “Maior São João do Mundo” dos campinenses e “Capital do Forró” dos caruaruenses, adequa-se perfeitamente a essa nova lógica do mercado turístico. A construção desse título é responsável por dar uma visibilidade a esses municípios. Conforme Santos (2007, p. 35), “Busca-se um posicionamento, que é um diferencial do ‘produto’ ou da ‘marca’ – atribui-se um nome forte e monta-se uma identidade corporativa”. Isso deu propriedade ao festejo junino, e não é por acaso que esses dois polos são referências no meio.

O São João de Campina Grande, em particular, surge com recorrência nas narrativas dos entrevistados Rubens Dario e Josefa Luciene. De acordo com esses sujeitos fundadores da quadrilha “Tabako Fumaçando”, a constituição desse grupo de quadrilheiros no distrito Felizardo decorreu da convivência deles com o denominado “São João de fora”. Como destaca Rubens: “[...] Campina Grande é uma cidade que respira-se o São João, são 30 dias de festa lá, tem o Parque do Povo, então a gente que morava lá, vivia isso”.⁸

Essa troca cultural ocorre a partir da década de 1980, quando um grupo de jovens do distrito (incluindo os dois entrevistados) mudaram-se para estudar em Campina Grande, e em paralelo a isso passaram a vivenciar o São João da cidade, que naquele período já era denominado de “Maior do Mundo”. Como observa Lima (2008), durante esse período o evento tomava outra dimensão: a festa passava a ser fabricada como um espetáculo turístico em vista dos investimentos do governo municipal na sua institucionalização. A convivência com esse clima junino tem uma interferência direta no desejo de fundar uma quadrilha no distrito, como destaca Josefa Luciene:

⁸ Rubens Dario Tavares Vieira, 13-09-2018, op. cit.

E tinha aquelas quadrilhas né, muito bonitas e tudo, então foi uma inspiração para a gente também fazer aqui. Uma vez que aqui é, nós não tínhamos as quadrilhas, tínhamos o forró que é tradicional, mas a quadrilha não tinha, né? E aí foi quando a gente começou a fazer as quadrilhas aqui.⁹

Nesse sentido, é importante termos em mente que a quadrilha, enquanto um elemento simbólico do São João, foi uma construção levada para a localidade em estudo. Como exposto, houve uma série de fatores que proporcionaram a sua recepção na comunidade e também ditaram suas características de acordo com as condições locais. Frente a esse aspecto, Certeau (1998, p. 41) nos fala que “essas ‘maneiras de fazer’ constituem as mil práticas pelas quais usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sócio-cultural”. Assim, compreendemos que a quadrilha só ganha sentido no distrito a partir do momento em que há uma interação entre sujeito, lugar e prática.

1.3 Festeja Felizardo: a quadrilha como uma expressão junina

Nasceu em Felizardo
Na chama da fogueira
Em uma noite de São João
Levando sua magia
Trazendo alegria, pra dentro do coração.
(*Hino da quadrilha Arrasta-Pé*. Autor: Marcio Vieira Rolim, 2006)

O trecho transcrito acima faz parte do hino da quadrilha “Arrasta-Pé”, e retrata o ambiente que essa manifestação foi sendo instituída no distrito. Nos fala, a princípio, do São João familiar realizado nos lares, onde boa parte das pessoas se reunia em torno da fogueira para celebrar essa data simbólica. É justamente dentro dessas circunstâncias que a quadrilha é inventada na localidade. Ao empregar os termos “magia” e “alegria”, o autor dessa canção nos leva a crer no desejo dos organizadores em produzir algo que surtisse um efeito. Por meio das lembranças dos entrevistados, procuramos nessa seção versar sobre as condições de produção, finalidade e significados atribuídas a quadrilha no espaço felizardense.

⁹ Josefa Luciene Dias Rolim, 17-08-2018, op. cit.

Essa festividade era dividida em dois momentos: o primeiro refere-se às comemorações familiares, onde o principal elemento simbólico eram as fogueiras acesas nas frentes das casas; e o segundo diz respeito às festas coletivas que ocorriam, geralmente, na praça e foram proporcionadas pela introdução das quadrilhas em 1985. Uma não exclui a outra, mas seguem contextos específicos no distrito. Enquanto as celebrações juninas identificadas como de caráter familiar são acionadas em junho, seguindo o período oficial do São João, as apresentações das quadrilhas (festa coletiva) ocorrem em julho, coincidindo com o momento das férias escolares.

O interessante em relação a esses aspectos é que para os moradores do distrito a comemoração junina só ganha uma imponência com a inserção da quadrilha no festejo. Segundo o entrevistado Rubens Dario, por volta nos anos 80 “[...] não tinha uma festa que agregasse todo mundo. Uma festa que juntasse a comunidade. O ‘Tabako Fumaçando’ realmente foi a precursora da história junina do distrito Felizardo”.¹⁰ Contudo, o São João não se restringe à quadrilha. Vários elementos compõem esse tipo de manifestação (música, decoração, culinária, fogos de artifícios e a dança). Nesse caso em particular destacamos a quadrilha devido à importância que essa prática teve na localidade e pelo fato de ter dado certa visibilidade ao distrito, firmando-se como aquilo que Chianca (2007) considera “proprietários de um capital festivo simbólico”.

No ano de 1985, enquanto em algumas regiões do Brasil a quadrilha aderiu ao processo de inovação decorrente do contexto em que estava inserido, no distrito Felizardo formava-se o primeiro grupo de quadrilheiros denominado “Tabako Fumaçando” com aspectos típicos de uma quadrilha tradicional. No grupo havia a participação espontânea dos “brincantes”, que não eram fixos; a presença de um casal destaque responsável por conduzir os demais pares; e com relação aos trajes, estes eram de chita – um tecido colorido, florido e barato – ideal para a ocasião, por possuírem poucos recursos.

Desse modo, observamos que a gestação da quadrilha no distrito não estava sincronizada com o movimento de quadrilheiros projetado nos centros urbanos. No panorama realizado pela pesquisadora Eleonora Leal (2004, p. 109) sobre a evolução da quadrilha dos anos de 1960 a 1990 em Belém do Pará,¹¹ podemos identificar a distância entre os eventos. A imagem que se sobressai nos anos 1980, segundo a autora, é de uma quadrilha profissional, competitiva, com uma rotina densa de ensaios, diversidade de

¹⁰ Rubens Dario Tavares Vieira, 13-09-2018, op. cit.

¹¹ Ver panorama no Anexo A.

passos e trajes estilizados (caracterizado pelo uso de paetês, lantejoulas, novas combinações de tecidos e maquiagem), algo bem diferente do que estava sendo empregado no Felizardo no mesmo período. Isso se dá pelas especificidades locais. A festa aparece condicionada pelo meio e, portanto, é única.

Ao narrar sobre seus tempos de quadrilheira, Josefa Luciene recorda como se deu a iniciação do grupo “Tabako Fumaçando”:

E fomos chamar o pessoal para dançar, o pessoal muito assim... a novidade de dançar uma quadrilha, mostrar pra o nosso distrito que a gente pode fazer algo diferente, então todo mundo com muita boa vontade. Os ensaios... olhem, para vocês terem uma ideia, o pessoal que residia nos sítios, estudavam aqui na escola à noite e depois das aulas era o ensaio.¹²

Na perspectiva de Brandão (1984), o saber folclórico perpassa pela ideia da reprodução oral, aceitação coletiva e o anonimato ou não. Algumas dessas noções nos são apresentadas quando Josefa nos fala da disponibilidade da comunidade em participar do grupo, os esforços individuais dos membros para realização do festejo e a divulgação boca a boca realizada para unir as pessoas nesse projeto junino.

No festejo “julino” em pauta, notamos que prevalecia uma dimensão lúdica e popular. Desde o início, como revelam os entrevistados, as apresentações de quadrilha estavam associadas às ideias de “diversão”, “fuga do convencional” e “alegria”. Conforme Nóbrega (2010, p. 234), as festas populares se materializam como “[...] produtos de forças coletivas, ao animar a comunidade, celebrar alguma coisa que tem valor para um povo, oferecer algo a ser compartilhado [...]”. Esse exercício favorece a interação social entre seus participantes e estabelecem os laços afetivos e de apropriações.

Assim, o gosto por brincar o São João influenciou na formação de outros grupos. A quadrilha “Arrasta-Pé” é um bom exemplo. Fundado 12 anos após a “Tabako Fumaçando” em 1997, o grupo teve o desafio de diferenciar-se frente ao que estava posto na comunidade. Dessa forma, os organizadores tiveram uma preocupação em formalizar o grupo e, para tanto, criaram uma logomarca, um hino oficial, e registraram a quadrilha na União Brasileira de Quadrilhas Juninas (Fortaleza-CE). Segundo Maria Flaucineide, esse órgão não tinha uma participação ativa e o registro serviu apenas para oficializar o grupo. Na figura 3 percebemos um interesse do cinegrafista em focalizar a faixa de classificação

¹² Josefa Luciene Dias Rolim, 17-08-2018, op. cit.

em 2º lugar da quadrilha “Arrasta-Pé” no concurso de logomarca promovido pela União Brasileira de Quadrilhas em 2002. Essa faixa ocupa uma parte considerável do enquadramento e também está localizada na frente do palco, um ponto estratégico, já que o público estava com os olhares voltados para esse espaço. Acreditamos que seria importante para a imagem desse grupo junino exibir essa conquista, pois dava uma maior representatividade social ao grupo.

Figura 3: Faixa de classificação em 2º lugar da quadrilha “Arrasta-Pé” no concurso de logomarca, 2010



Fonte: Print de tela da seção extra da quadrilha “Arrasta-Pé”. Produção do vídeo por: Rinaldo Produções, 2010.

O perfil da quadrilha “Arrasta-Pé” aparece traçado pela ideia de “inovação”, e por ser um grupo novo, havia a necessidade de atrair a atenção do público e ao mesmo tempo construir sua identidade em contraponto ao “Tabako Fumaçando”. As temáticas das apresentações eram responsáveis por cumprir essas funções. Dona Flaucineide caracteriza os temas anuais como um fator diferenciador: “[...] a nossa quadrilha ela tem um brilho especial, diferente, as roupas e tudo, todas as roupas são feitas de maneira, obedecendo tema, cada ano a quadrilha tem um tema”.¹³ O comentário exposto acentua o campo de disputa no qual a “Arrasta-Pé” estava inclusa, buscando anualmente estratégias para se distinguir frente a outros grupos da localidade. A partir desse aspecto, percebemos que a imagem desse grupo, em particular, está relacionada com o formato de quadrilha que Leal

¹³ Maria Flaucineide Vieiras Chagas, 17-08-2018, op. cit.

(2004, p. 109) classifica como moderna, por apresentar um “pluralismo de coreografias e distintas modalidades de dança”.

O momento histórico da fundação desse grupo também colaborou para sua padronização. No então período, a quadrilha estilizada – referente às mudanças estéticas –, já tinha consolidado seu espaço nos festivais juninos e isso não tardou para intervir no que estava sendo produzido no distrito, principalmente com as novas formas de comunicação estabelecidas pelo avanço das tecnologias. A escolha do grupo “Arrasta-Pé” para composição deste trabalho se deu pelo fato de sua imagem estar marcada por esse processo de transformação. Por ora, cabe salientar que essas duas quadrilhas, “Tabako Fumaçando” e “Arrasta-Pé”, ocupam um lugar central dentre outras quadrilhas que se apresentam entre junho e julho. Suas apresentações possuem uma continuidade, elas ocorrem na rua principal (Rua Zeca Felizardo, Centro), são seguidas de uma banda (2ª atração da noite), e contam com a presença de autoridades intermunicipais. Por essas razões procuramos perceber a festa como espaço de mediação entre as estruturas sociais, políticas e econômicas.

CAPÍTULO 2

A QUADRILHA JUNINA E SUAS FORMAS DE APROPRIAÇÃO

Neste capítulo apresentamos como os políticos e os barraqueiros locais se apropriaram e se apropriam do festejo “julino” em Felizardo. Tomamos como fonte de análise os discursos e narrativas desses seguimentos sociais presentes no arraial das quadrilhas “Arrasta-Pé” e “Tabako Fumaçando”. O espaço da festa configura-se como ideal para esses sujeitos interagirem com a comunidade festiva e exercerem seu ofício, seja na arte de fazer política ou na venda de mercadorias. Apesar de ocuparem o mesmo espaço, esses grupos sociais não se relacionam entre si: os políticos assistem à apresentação do palanque, e o que ainda os aproxima do público é o momento de fala no evento, que visa anular esse distanciamento. Enquanto isso, os barraqueiros estão restritos às suas barracas, interagindo com as pessoas ao seu redor e os clientes. Desse modo, podemos compreender o festejo da localidade dentro da rede de significações dadas pelos diferentes segmentos que compõem o cenário festivo.

2.1 “Espetacularização do poder”: participação dos políticos na festa

O Projeto de Lei nº 2.557 de 2015, que visava instituir o dia 24 de junho (dia de São João) em feriado nacional, nos revela a importância que essa comemoração adquiriu perante as autoridades. Segundo Menezes (2012), desde a segunda metade dos anos 1990, o poder público tem se interessado pela cultura devido a esse segmento movimentar as atividades turísticas, até então restritas aos atrativos naturais. Não é difícil encontrar figuras políticas nas manifestações populares. De alguma forma, eles fazem parte da festa, seja no meio do público ou no palanque discursando.

Na festividade “julina” do distrito Felizardo este fato não é diferente. Os políticos locais e seus prepostos têm um espaço reservado na programação do evento. Antes da apresentação da quadrilha, os organizadores costumam saudar o público e convidar ao palco as lideranças para dar início ao festejo. Esse momento é a oportunidade para os

sujeitos políticos ganharem uma projeção social, pois assim podem interagir com diferentes grupos, incluindo a oposição.

Na fotografia abaixo (figura 4) é possível identificar a participação de políticos na festa. A foto trata de uma apresentação da quadrilha “Arrasta-Pé” em 1999, com o tema “Luiz Gonzaga e o sertão”. Percebe-se que essa imagem foi realizada no próprio arraial, pois podem ser identificadas as bandeirolas na parte superior da fotografia.

Figura 4: Apresentação da quadrilha “Arrasta-Pé”, 1999



Fonte: Autor não identificado. Fotografia cedida por Valdejane, integrante da quadrilha.

Nesse espaço preparado para dançar a quadrilha, aproximadamente quarenta e sete pessoas posam para a foto. Por conta da luminosidade mista (com planos mais claros e outros mais escuros) não podemos precisar um número exato. Mas percebe-se que a imagem possui três planos: no primeiro estão dois representantes da política local da época (o homem sentado na parte central era o prefeito José Miraneudo Linhares Garcia e ao seu lado o suplente a vereador José Geraldo dos Santos); e ao lado deles há três mulheres que fazem parte da comissão. No segundo plano estão os integrantes da quadrilha, na sua maioria mulheres com roupas padronizadas e coloridas; e em terceiro, seus pares, que estão em posição elevada comparada aos outros.

Esse é um retrato oficial da quadrilha, geralmente realizado antes ou depois da apresentação. Nessa ocasião, o grupo se reunia para registrar um momento de divertimento no distrito. Através das expressões dessas pessoas, vemos que seus ânimos estão voltados

para o “viver a festa”. Nesse tipo de registro, os políticos nem sempre estavam em posição de destaque, pois o foco era o grupo de quadrilheiros. A figura 4 que apresentamos aqui foi uma exceção entre as fotos cedidas, portanto, merece a nossa atenção. Mas é preciso salientar que antes de ser um produto final, a fotografia é fruto de um movimento. Como afirma Kossoy (2001), é “[...] resultante da ação do homem, o fotógrafo, que em determinado espaço e tempo optou por um assunto em especial [...]”. Ou seja, a situação retratada não foi por acaso, mas sua escolha foi movida pelo meio social.

Segundo Lima (2008, p. 142), “[...] na festa junina pode-se experimentar uma nova forma de fazer política, desta vez, mediada por um jogo de sedução, de disputa por pertencimento, de comunicação direta com o público”. No distrito Felizardo essa relação entre os políticos e a festa pode ser observada tanto na prática do festejo como nas fontes consultadas (imagens, vídeos e entrevistas). Um aspecto interessante é que eles não se autodenominam “donos da festa”, e sim “parceiros” ou “amigos” da comunidade. Este aspecto difere-se da cidade de Campina Grande, onde o ex-prefeito Ronaldo Cunha Lima é considerado o “pai do evento”, pois durante sua gestão a festa junina foi idealizada e transformada em um megaespectáculo (LIMA, 2008). Essas particularidades se dão por questões presentes na fundação dos grupos. As duas quadrilhas estudadas nessa pesquisa, como já mencionamos, são idealizadas por grupos de jovens que tinham um desejo de diversão. Porém, é preciso sublinhar que aqueles que ficaram à frente dos grupos, em particular nossos entrevistados, possuíam uma relação com lideranças locais e, ao longo da trajetória da quadrilha, alguns chegaram a ocupar cargos políticos. Conforme dito anteriormente, os entrevistados fazem parte dos ramos familiares dos Vieiras e dos Dias e Rolim, que tinham influência direta sobre os campos sociais e políticos locais. Portanto, não é um acaso o interesse deles em desenvolverem um grupo de quadrilha, assim poderiam ganhar uma maior visibilidade dentro dessas atividades festivas.

Essas questões são essenciais para compreendermos como se constituiu esse processo de apropriação dos festejos juninos locais. Inicialmente, os políticos não possuíam tanta projeção, pois como destacam os participantes, se tratava apenas de uma “brincadeira” para reunir a comunidade. Porém, com o tempo, essa diversão tornou-se oficial e ganhou visibilidade local. A quadrilha tornou-se a estrela da festa e passou a atrair a população do distrito, que logo se identificou com esse tipo de manifestação. Desse modo, passou a ser um espaço ideal para as aparições públicas e sua interação com a comunidade. Na filmagem da quadrilha “Tabako Fumaçando” em 1995, percebemos

referenciais desse tipo de relação entre políticos e a festa. Tivemos fácil acesso a esse registro¹⁴ devido à procura da comunidade por esse material: suas cópias foram comercializadas no distrito.

Figura 5: Seção de créditos da quadrilha “Tabako Fumaçando”, 1995



Fonte: Vídeo produzido por Maurílio Produções, 1995. Duração total: 18min e 5 seg. Formato original: VHS.

Conforme Clement (*apud* POWELL; FRANCISCO; MAHER, 2004, p. 5), o vídeo, quando usado como ferramenta metodológica, “[...] pode capturar comportamentos valiosos e interações complexas e permite aos pesquisadores reexaminar continuamente os dados”. Neste caso, o registro audiovisual configura como uma fonte de pesquisa rica em uma linguagem verbal e visual. Porém, como qualquer outra fonte, a imagem em movimento é uma produção, ou seja, passou por uma edição. Na figura 5, percebemos que o editor optou por fazer uma sobreposição de imagem e texto que destacasse a relação entre um órgão público (Prefeitura Municipal de Ipaumirim) e a quadrilha. De certa forma, isso causou uma boa impressão para gestão da época, pois mostra que os políticos locais estavam interessados no desenvolvimento da cultura junina do distrito.

Nesse vídeo, o apoio das autoridades foi evidenciado tanto na parte dos créditos, como no momento da festa. Apesar de não terem espaço de fala, durante a filmagem do

¹⁴ O formato original desse registro era Vídeo Home System (VHS), mas para a análise conseguimos uma cópia convertida em DVD.

arraial uma voz em *off* anuncia sua ajuda: “Eita menino, vai ser assim hoje à noite, todinha, certo! É o prefeito, é o bola de ouro, é Luiz Alves de Freitas, é Leylton, e haja garganta”.¹⁵ Com base na fala acima, pode-se dizer que a figura do prefeito da época, Luiz Alves de Freitas e o vice Leylton Nery, foram enaltecidas. O trecho destacado funciona como um mecanismo de afirmação de que essas lideranças contribuíram para um instante de exaltação coletiva. Acrescenta-se, ainda, que estes sujeitos foram focados em diferentes planos na filmagem do festejo.

Essa união entre os políticos e a festa ao que parece é mediada por um jogo de interesses. Como menciona Amaral (2001, p. 264), “A negociação entre os símbolos da festa e seu uso político é complexa, e ela não se rende, senão naquilo que considera necessário para atingir seus objetivos”. Essa questão está presente na fala de Josefa Luciene, onde essa afinidade aparece atravessada pela ideia de concessão: se de um lado a festa ganha com a contribuição dos gestores, por outro, eles têm um espaço de aparição. Vejamos:

[...] através da política, de apoio da prefeitura, foi que também começou a se trazer bandas melhores até, né? Porque o público quando entra e quando tem a disponibilidade como a Secretaria de Cultura ou a própria administração, o gestor, aí vai contribuído de uma forma, e é uma forma também de aparecer [...].¹⁶

Essa participação dos políticos na festa junina é uma prática comum no Nordeste brasileiro. De acordo com informações do Portal UOL, na matéria “A força política do ‘arraiaá’” (PRAZERES; MADEIRO, 2018), durante o São João os políticos migram para diferentes cidades do Nordeste com o propósito de construir seus perfis políticos e se aproximarem da população local, os seus eleitores. Em declaração prestada ao mesmo jornal, o pesquisador Jânio Castro (2012) divide essa relação em duas fases: a primeira corresponde até o final da década de 1970, período em que as festas não tinham “donos”, era uma celebração comunitária e descentralizada (várias manifestações ocorriam no mesmo município), e a segunda inicia-se a partir de 1980, quando as festas do ciclo junino passam a ser institucionalizadas por iniciativa de lideranças (políticos, comerciantes ou empresários). Isso não é uma regra, podem variar dependendo do espaço e tempo, mas o

¹⁵ Quadrilha junina. Produção: Maurílio Produções, 1995. Duração do vídeo: 18min e 5 seg. Formato original: VHS.

¹⁶ Josefa Luciene Dias Rolim, 17-08-2018, op. cit.

interessante é sublinhar que a articulação estabelecida entre a festa e os políticos é fundamental para a manutenção do evento.

Ao analisarmos as filmagens da quadrilha “Arrasta-Pé” nos anos de 2008, 2009, 2010 e 2013, observamos que as lideranças locais gradativamente conquistaram um espaço de fala durante as apresentações. O vídeo de 2009, em particular, nos chamou atenção porque marca uma mudança em relação à participação das autoridades na festa. Se no ano anterior, em 2008, esses sujeitos estavam presentes apenas como convidados compondo o palco, em 2009 eles eram os apoiadores e tiveram seu momento na abertura do evento. Vejamos a tabela abaixo.

Tabela 1: Participação das lideranças nas apresentações da quadrilha “Arrasta-Pé”, 2009

Ano/Duração	Lideranças	Tempo de fala
2009/1h 32min 33seg	Maria Flaucineide Vieiras Chagas (Org./Vereadora da Câmara)	03min e 48seg
	Raimundo Antonio de Macedo (Deputado Estadual)	04min e 16seg
	José Miraneudo L. Garcia (Ex-prefeito)	01min e 78seg
	José Geraldo dos Santos (Prefeito)	06min e 05seg
	Duração total	15min e 47seg

Fonte: “Arrasta-Pé” 13 anos. Edição: Multicores Digital, 2009. Duração: 1h 32min 33seg. Formato: DVD.

A tabela acima apresenta o tempo em que as lideranças locais discursaram durante apresentação da quadrilha “Arrasta-Pé” em 2009. Esse era um momento especial para os políticos, pois tratava-se de um período pós-eleição, e a nova gestão precisava mostrar trabalho ou interesse pelos assuntos da localidade. No dia 24 de julho, durante a apresentação dos 13 anos do grupo “Arrasta-Pé”, o palco estava recheado de lideranças locais e estaduais. É válido destacar que em 2010 ocorreriam as eleições federais e estaduais, e a aparição dos deputados se mostrava ideal para as articulações políticas.

Os indivíduos referenciados na Tabela 1 fazem parte dos políticos que estavam no poder e/ou eram apoiadores. É possível notar que eles têm um espaço significativo e uma fala determinada por seus interesses. Os da casa abrem uma discussão em nome da valorização da festa, do empenho da comunidade em fazê-la acontecer e se mostram dispostos a dar continuidade ao evento. Isso é observado na fala do ex-prefeito José Miraneudo Linhares Garcia, que tinha uma ligação direta com a quadrilha “Arrasta-Pé”,

pois foi criada no seu mandato: “Mas eu quero parabenizar primeiramente a comunidade, por ter perseverança e estimular para que essa quadrilha tenha essa continuidade [...]”.¹⁷ Quanto aos visitantes, proferem discursos de acolhimento voltados à comunidade local e às cidades circunvizinhas. No comentário realizado por Raimundo Macedo (deputado estadual e pré-candidato a deputado federal) na abertura da festa é possível identificar essa questão:

[...] a gente veio como amigo de Ipaumirim, como amigo do Felizardo, como amigo do Canaúna e como amigo dessa região, prestigiar essa grande vereadora, presidente da Câmara, as nossas lideranças políticas e empresariais que estão aqui presentes, os secretários da municipalidade, os comerciantes, agricultores, as lideranças comunitárias e enfim agradecer aos organizadores do Arrasta-Pé, que completa 13 anos nessa data.¹⁸

Esse discurso corrobora com a ideia de a festa ser um espaço propício para a comunicação com o público. No trecho acima, o político constrói para si a imagem de amigo da comunidade, e utiliza as figuras de lideranças locais para criar esse vínculo de proximidade. Com isso, percebemos que o evento atraiu os olhares de diferentes seguimentos sociais interessados no que o festejo podia lhes conceder de melhor.

2.2 “Se tem festa, tem barraca”: atividades comerciais no São João

A composição dos festejos juninos no Felizardo conta ainda com a presença do barraqueiro. Vender comida, bebida e guloseimas nas barraquinhas faz parte do imaginário popular que se tem da festa junina. É certo para nós, neste estudo, que o barraqueiro é parte integrante da festa e da comunidade onde vive, por isso procuramos ouvir o que esse segmento tem a dizer. Cabe, por ora, analisar uma experiência particular do barraqueiro, vivenciada por Romulo Rocha de Menezes. Ele chegou a montar barracas nas quadrilhas por volta dos anos de 1990 e acompanhou o desenvolvimento dessa festividade. É por meio de suas memórias que tentaremos nos aproximar do significado da festa para este setor comercial e da forma como se apropriam do espaço festivo. Não temos a pretensão aqui de tratá-lo como modelo, até porque este é um sujeito com experiências particulares.

¹⁷ Discurso de Miraneudo Linhares Garcia, presente no vídeo da quadrilha “Arrasta-Pé”, 2009 no distrito Felizardo. Duração: 1h 32mim 33seg. Formato, DVD.

¹⁸ Discurso de Raimundo Antonio de Macedo, presente no vídeo da quadrilha “Arrasta-Pé”, 2009 no distrito Felizardo. Duração: 1h 32mim 33seg. Formato, DVD.

Seu Menezes tem 53 anos, é morador do distrito e trabalhou algumas vezes como barraqueiro nas comemorações do São João local. Em sua entrevista é possível notar que a barraca era um meio de ganhar uma renda extra. Ele não dependia inteiramente dessa atividade, pois sua ocupação diária era na agricultura. O entrevistado rememora esse tempo festivo:

Olha, naquela época era bom, era divertido né. A gente ia trabalhar mais, assim, montar as barracas mais pela animação que tinha. Era bom você estar naquela, era bom demais, homem, dois, três dias antes, a gente gostava de fazer. [...] A gente aqui não trabalhávamos muito com isso, só na quadrilha, né. [...] Naquela época, eu trabalhava na roça.¹⁹

Observamos nessa narrativa que o entrevistado se identifica como parte de um grupo – barraqueiros –, e ele fala em nome do coletivo, tanto que usa a expressão “a gente” com frequência no seu relato. E ainda utiliza o termo “a gente aqui”, evidenciando a distinção entre o comerciante local e aqueles que vinham de fora. Com relação a esse último aspecto, a principal diferença identificada é o caráter itinerário do barraqueiro visitante. Ele costumava transitar por vários tipos de festas e lugares, além de possuir uma barraca própria. Claro que há exceções, alguns barraqueiros locais também tinham essa característica de levarem suas barracas para outros lugares onde houvesse festa. O espaço festivo se caracteriza, geralmente, por concentrar pessoas para fins recreativos e essa condição atraiu esse tipo de comerciante apresentado acima, pois veem no momento de diversão a oportunidade de ganhar dinheiro. Segundo Fontes (1999, p. 31), o comércio de rua, ou melhor, os dias de feira, estão associados a momentos de diversão:

[...] a origem das feiras está associada a celebração de festas religiosas, em datas fixas, servindo para a troca comercial dos excedentes da produção local, permitindo igualmente aos mercadores de longe introduzirem-se na região. Esta ligação entre a Feira e a dias solenes, está deste o período [*sic*] romano amplamente documentado (Viterbo, *Elucidário...* Vol. II. p.254). O próprio étimo da palavra “feira” permite-nos fazer, aliás, também esta ligação com os dias festivos. Em latim, “feria” significa “dia de festa”. Inicialmente teria sido aplicado aos dias festivos da Páscoa e Pentecostes, festas que duravam mais de um dia. O seu uso, ter-se-á depois generalizado a outros dias (Cf. Serafim Silva Neto, *História...*).

¹⁹ Rômulo Rocha de Menezes é morador do distrito Felizardo, tem 53 anos. Entrevista realizada em 18-10-2019, Distrito Felizardo (Ipaumirim-CE).

Na filmagem da quadrilha “Tabako Fumaçando”, em 1995, identifica-se a dispersão do comerciante pela festa e como se apropriam desse espaço de sociabilidade. Nesse vídeo em particular, o conteúdo é organizado de forma diferenciada. Seu enfoque não se restringe apenas ao grupo de quadrilheiros, e traz os arredores da festa e seus diferentes atores sociais. O barraqueiro aparece no meio da população festiva vendendo suas mercadorias na praça da capela enquanto o público dança, reencontra amigos, e consome. Sobre essa relação, Borges (2009, p. 152) nos diz “[...] que entre lazer e trabalho há laços indissolúveis – para que exista o lazer de uns, há que existir o trabalho de outros, e, portanto, onde há pessoas em atividades de lazer, há também pessoas em atividades de trabalho [...]”.

Figura 6: Barraqueiro na quadrilha “Tabako Fumaçando”, 1995



Fonte: Produção de Maurílio Produções, 1995. Duração do vídeo: 18min e 5 seg. Formato original: VHS.

A imagem acima (figura 6) é de uma barraca presente na festa dos 11 anos da quadrilha “Tabako Fumaçando”. Trata-se de um registro instantâneo, capturado enquanto a câmera faz um movimento panorâmico para registrar os arredores do festejo. Na sequência de imagens capturamos o momento exato em que o barraqueiro é enquadrado na filmagem com o objetivo de perceber seu ambiente de trabalho e os produtos comercializados. Nela temos uma visão interna da barraca, onde é possível notar no primeiro plano a presença do vendedor (não identificado) bem vestido, com blusa social e calça jeans; no segundo plano temos outro vendedor, provavelmente alguém da família que estava ajudando; e temos

também os instrumentos de trabalho, como: a estufa de salgados e o congelador de bebidas ao fundo. Esses eram os produtos mais comercializados nos dias de festa. Menezes diz que “[...] vendia só bebida, refrigerante, bebida quente, cerveja, só. [...] E tinha algumas pessoas que não vendia nem bebida, vendia comida, né, caldo, cachorro-quente, essas coisas assim”.²⁰

Nesse vídeo, identificamos quatro barracas que seguem o mesmo padrão da apresentada na figura 6: eram brancas, de material metálico e de encaixe; por isso os barraqueiros tinham a necessidade de ocuparem a rua dois ou três dias antes para montá-las e marcar lugar. O entrevistado Rubens Dario, organizador da quadrilha “Tabako Fumaçando”, narra como as barracas se estabeleceram na festa junina:

No início essas barracas eram montadas de maneira improvisada como realmente são no São João típico tradicional né. As pessoas daí mesmo, do Felizardo, passaram a vender comida típica, bebida, enfeitando as barracas com palha de coco bem rústico e ao mesmo tempo valioso para a questão cultural. Com o tamanho da festa, ela foi ganhando uma proporção muito alta, então essas barracas, tanto por mim, e eu fiz muito isso, minha irmã também, ou até outras pessoas também que estavam envolvidas, a gente já fazia um contato, lembro bem, com a distribuidora de bebida, que tinha em Icó, no Ceará, e ela já chegava pra festa com as barracas em cima, mesa, cadeira e a bebida também [...].²¹

O trecho acima coloca em evidência a mudança na estrutura dessas barracas. Nota-se que sua padronização ocorreu pelo contato entre os organizadores da quadrilha e o fornecedor de bebida da região, e este trazia as barracas conforme a demanda local. Com isso, outros sujeitos foram agregados à categoria de barraqueiro, pois no período não precisava ser proprietário de uma estrutura física para vender na rua, bastava procurar a comissão do evento e dar o nome para receber a barraca no dia da festa. Desse modo, a categoria passou a ser composta tanto por vendedores do ramo, que já trabalhavam com bares ou não. O exemplo de Menezes é interessante nesse sentido: “O seu Lala tinha o bar dele né, sempre teve. Eu tinha não, só vendia nessa época, [...] só nos dias da quadrilha, eu era”.²²

Outro elemento que parece ter sido importante para ocupação da rua pelos barraqueiros é a “liberdade” que estes possuíam no espaço. Quando questionado se poderia montar barraca em qualquer lugar, Menezes diz que “poderia, naquela época não tinha as

²⁰ Rômulo Rocha de Menezes, 18-10-2019, op. cit.

²¹ Rubens Dario Tavares Vieira, 13-09-2018, op. cit.

²² Rômulo Rocha de Menezes, 18-10-2019, op. cit.

exigências acho que da prefeitura [...]”. Essa afirmação se dava pelas condições locais. Os barraqueiros não possuíam um comércio permanente, ou seja, trabalhavam concomitantemente à festa junina e esta acontecia anualmente. Daí talvez essa “liberdade” em ocuparem a rua. Percebe-se também, nessa fala do entrevistado, que o ato de lembrar está ancorado no presente; ele parte do pressuposto que hoje tem exigência para esse tipo de venda. Com relação a esse aspecto da memória, Halbwachs (*apud* Bosi, 1979, p. 17) ressalta que “[...] lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado”.

Em uma passagem do relatório da 6ª Conferência Municipal das Cidades do Município de Ipaumirim-CE, no ano de 2016²³, ao mencionar sobre as condições necessárias para o uso do espaço público, ressalta-se que o município deve investir em conscientização e intervir através de penalidades junto aos comerciantes que utilizam indevidamente os espaços públicos para exposição de mercadorias em calçadas e praças, interditadas cotidianamente por esses vendedores. Nessa pauta, os discursos estão direcionados aos vendedores fixos, que ocupam indevidamente o espaço público, dificultando a locomoção das pessoas na rua. Os barraqueiros não são atingidos diretamente por essas propostas, pois só montam barracas em épocas festivas, como nas apresentações de quadrilhas. É válido ressaltar também que essa logística posta no relatório é pensada para o centro comercial do município, mesmo assim, é interessante trazê-la para situar a fala do entrevistado no tempo e no espaço de produção.

Com isso, percebemos que não havia uma política específica para o barraqueiro. Este estava no campo da informalidade, caracterizado pela insegurança vivida no emprego, na renda, na seguridade social e na representação do trabalho (MATTOSO *apud* COSTA, 2010). Observamos no relato de Menezes que a atividade de barraqueiro na festa era incerta, pois não tinha como saber se o evento manteria uma continuidade. Daí se explica o porquê da expressão utilizada no início desse tópico: “se tem festa, tem barraca”, em que um é pertinente ao outro e, portanto, se integram e se complementam.

²³Relatório da 6ª Conferência Municipal das Cidades do Município de Ipaumirim-CE, ano de 2016, p. 41. Disponível em: <<https://www.cidades.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/12/2018/06/ipaumirim-16.pdf>>. Acesso em: 26 out. 2019.

CAPÍTULO 3

RESSIGNIFICAÇÕES NA IMAGEM DA QUADRILHA “ARRASTA-PÉ” E SEUS DESAFIOS

Segundo Brandão (1984, p. 56), “as coisas mudam: nomes, lugares, pessoas, situações, passos de danças, significados do fazer religioso e festivo”. Tomando como base as palavras do autor, este capítulo discorre sobre as ressignificações na imagem da quadrilha “Arrasta-Pé” e sua associação à ideia de “inovação”. Para tanto, trazemos a participação das juventudes na quadrilha – principal público participante –, sua influência sobre as novas formas de dançar, e também apresentamos a introdução dos modismos nas apresentações da quadrilha, evidenciando a relação da tradição junina com aquilo que é veiculado na mídia. Desse modo, buscamos compreender como os sujeitos atuantes – brincantes e comissão organizadora – lidavam com o processo de estilização da quadrilha. Com este fim, analisamos os vídeos das apresentações nos anos 2009 e 2013 em que é possível identificar as mudanças nas performances do grupo.

3.1. Os brincantes e as novas formas de dançar

Discutir a respeito da participação dos jovens na constituição da quadrilha “Arrasta-Pé”, por várias vezes chamada carinhosamente de “Menina Moça” pelos organizadores, traz informações úteis para incrementar nossas reflexões sobre a ressignificação na imagem do grupo pode-se dizer que existe uma relação direta entre os jovens e a ideia de inovação na quadrilha junina, segundo Araújo (2014, p. 3), “Os jovens se tornam seu principal motivo de mudança de uma composição tradicional para uma estilização nos figurinos, nos passos, no tema”. A autora chama a atenção para a caracterização da categoria juvenil enquanto um elemento renovador dentro do grupo junino. Dentro desse contexto, torna-se necessário questionar a imersão do jovem na quadrilha “Arrasta-Pé” a partir das narrativas dos próprios brincantes, de membros da comissão organizadora e fundadores.

É preciso, antes de tudo, entender que a “noção de juventude” corresponde a uma construção social, histórica e cultural (DAYRELL, 2003). Nessa perspectiva, os jovens são vistos como sujeitos sociais e construtores de um modo de vida particular, baseado em suas vivências cotidianas. O uso recente do termo “juventudes” no plural procura justamente suprir as eventuais lacunas em tratar a categoria juvenil de maneira singular. Como diz Bourdieu (1983), “[...] falar dos jovens como se fossem uma unidade social, um grupo constituído, dotado de interesses comuns, e relacionar estes interesses a uma idade definida biologicamente já constitui uma manipulação evidente”. Desse modo, trabalhar com quadrilheiros pressupõe compreender que estamos lidando com um universo múltiplo, em que cada um possui suas particularidades. Só que nosso objetivo aqui não é tratar dessa diversidade, mas sim a influência de jovem da geração Z sobre as novas formas de dançar quadrilha. De acordo com Toledo, Albuquerque, Magalhães (2012, p. 4), a Geração Z é:

Formada por indivíduos constantemente conectados através de dispositivos portáteis e, preocupados com o meio ambiente, a Geração Z não tem uma data definida. Pode ser integrante ou parte da Geração Y, já que a maioria dos autores posiciona o nascimento das pessoas da Geração Z entre 1990 e 2010.

Para pensar sobre essa projeção dos jovens no período junino do distrito Felizardo, fizemos uso das discussões de Ricardo Cruz Macedo (2016), que disserta sobre experiências e práticas juvenis vividas no universo das festas e quadrilhas na Agremiação Junina Cariri e como os grupos juninos são apropriados por essas juventudes ao se sentirem parte integrante de seu arranjo. Ao realizar uma pesquisa em Juazeiro do Norte-CE sobre o protagonismo juvenil, o autor percebeu que estes sujeitos passaram a ser atores singulares dentro do processo de ressignificação da quadrilha junina.

Percebe-se que a presença e a força do jovem na quadrilha “Arrasta-Pé” têm repercussão sobre sua identidade. Não por acaso, é chamado de “Menina Moça”, expressão que nos remete ao passado recente da quadrilha, fundada em 1997. Temos a impressão de que a quadrilha, em seu pouco tempo de atividade, estaria representando a própria juventude. De acordo com Chartier (1991, p. 183), a representação consiste na “[...] capacidade de fazer reconhecer sua existência a partir de uma demonstração de unidade”. Assim, percebemos que o grupo significa uma característica particular – temporalidade recente – para se distinguir frente ao outro.

Hoje é dia de festa no distrito de Felizardo, grande festa porque se resume num grande espetáculo. É dia da quadrilha Arrasta-Pé. Arrasta-Pé significa Menina Moça, porque, porque faz hoje 13 anos que vive essa quadrilha implantando cultura no distrito e se transformando com a mesma decência e mostrando ao povo, aos visitantes, e os jovens como se faz cultura popular e se desenvolve através dos tempos.²⁴

Nesse discurso de abertura do 13º Arraial do Grupo Arrasta-Pé, ocorrido em 24 de julho de 2009, a coordenadora e também vereadora na época, Maria Flaucineide, representante da política local, pontua os incentivos culturais que a quadrilha tem proporcionado ao distrito. Para além disso, outros interesses estão em jogo, pois estamos falando de uma figura pública da localidade, que deve trabalhar justamente com o desenvolvimento e bem-estar do município e do distrito. Por essas e outras, procuramos entender a quadrilha, no decorrer da pesquisa, dentro dessa rede de significações dada por alguns dos diferentes sujeitos que compõem a festa.

Maria Flaucineide menciona em sua entrevista que os jovens respondiam positivamente à iniciativa participativa na quadrilha:

[...] muitos nos procuravam por espontânea vontade, vinham porque aquilo era um momento especial para a vida deles, já que aqui nós não temos nenhum, como se diz, nada a oferecer aos jovens com relação a modismo, a distração, então eles nos procuravam.²⁵

Esse trecho traz como tema principal a ausência de espaços abertos às juventudes do distrito, e evidencia o entrosamento deles com a quadrilha junina como um momento especial para os brincantes. Observação semelhante compõe o discurso de Raimunda Vieira Rolim, outra coordenadora que ao lado da sua irmã, Maria Flaucineide, lidera a quadrilha em estudo. No discurso de abertura do 17º Arraial realizado em 26 de outubro de 2013, ela reconhece os jovens como parte produtora do evento e evidencia a importância deles na composição do grupo. O ato de falar e registrar, nesse sentido, torna real a ideia que se tem desse evento tradicional. Vejamos:

[...] cada ano que passa, é visível o crescimento artístico desses jovens, são eles que fazem a Arrasta-Pé e vocês vão sentir nesse cenário o

²⁴ Discurso de Maria Flaucineide Vieiras Chagas, presente no vídeo da quadrilha “Arrasta-Pé”, 2009. Distrito Felizardo. Duração: 01h 32min 33seg. Formato, DVD.

²⁵ Maria Flaucineide Vieiras Chagas, 17-08-2018, op. cit.

desenvolvimento dessa gente. Aqui desenvolvemos a quadrilha com um diferencial, em roupa e apresentação.²⁶

Sobre a mobilização dos jovens na quadrilha junina em Belém do Pará, Eleonora Leal (2004, p. 109) nos mostra que “os brincantes dão preferência pela quadrilha moderna”, uma vez que esta agregava outras modalidades de danças. De acordo com essa autora, percebemos que:

Os jovens almejavam uma quadrilha junina moderna que atendesse aos seus interesses, estimulando-os com experiências surpreendentes, como coreografias mais elaboradas, músicas com novos arranjos e mais aceleradas e, conseqüentemente, movimentos que os tornassem dançarinos mais ágeis (LEAL, 2004, p. 78).

A fim de analisarmos esse aspecto no interior da quadrilha “Arrasta-Pé”, na perspectiva de um jovem quadrilheiro, realizamos uma entrevista com Francisco Aparecido Ferreira Alves, de 23 anos. Ele narra que ser quadrilheiro não consiste apenas em dançar, mas também se deve ter a responsabilidade de adquirir recursos para produzir o evento, como fazer “bingo” ou “passar em porta pedido ajuda”. Sobre sua iniciação na vida de quadrilheiro em 2010, evidenciou o que mais chamou sua atenção no grupo: “[...] eu sempre gostei de dançar né, aí fui assistir um ensaio, achei muita criatividade, porque não era só... era uma mistura, era mista, uma mistura de dança com quadrilha e eram vários ritmos”²⁷.

Sob a ótica de Leal (2004), as principais características da quadrilha moderna percorrem o pluralismo coreográfico, composto por forró e uma diversificação de gêneros musicais. A fala de Francisco destaca com precisão essas ideias e é exatamente essa diversidade que parece envolvê-lo: “[...] aquilo foi me cativando, eu fui gostando, aí dancei um ano e nunca mais deixei de dançar”²⁸.

É válido destacar que os jovens protagonistas da quadrilha “Arrasta-Pé” de hoje não são os mesmos que idealizaram a formação do grupo no passado. Como diz o provérbio árabe: “os homens parecem mais com sua época do que com seus pais” (BLOCH, 2001, p.7), ou seja, os tempos são outros, eles se deparam com novos desafios e dilemas, postos

²⁶ Discurso de Raimunda Vieira Rolim, presente no vídeo da quadrilha “Arrasta-Pé”, 2013. Distrito Felizardo. Duração: 55min 03seg. Formato, DVD.

²⁷ Francisco Aparecido Ferreira Alves tem 23 anos, é morador do distrito Felizardo. Entrevista realizada em 26-10-2019, Distrito Felizardo (Ipaumirim-CE).

²⁸ Idem.

pela dinâmica social. Aqueles que iniciaram o projeto junino encontram-se, hoje em dia, geralmente na comissão organizadora do evento.

Nesse sentido, a convivência com diferentes gerações na quadrilha, como coloca Araújo (2015, p. 121), requer tecer algumas adaptações que contemplem tanto os anseios de uma diretoria adulta, quanto os desejos de membros jovens. Esse aspecto se faz presente no relato do jovem Aparecido, quando diz: “Porque ela não é a quadrilha em si, [...] entre a quadrilha, eles apresentam vários tipos de danças, forró, axé, tudo... samba, pagode”.²⁹ Sem dúvida, a interação entre as gerações no interior do grupo imprime novos repertórios, danças e representações na quadrilha “Arrasta-Pé”. É sobre essa mediação entre a tradição e os modismos passageiros, que condicionam essa busca pelo novo, que versa o tópico seguinte.

3.2 O Arrasta-Pé: entre modismo & tradição

Nos anos 1990, a quadrilha junina aparece marcada pelo processo de midiaticização devido à transmissão do programa de entretenimento São João do Nordeste,³⁰ que trazia para a televisão os festivais de quadrilhas organizados no estado. Brandão (1984, p. 42) diz que essas culturas popularizadas através dos meios de comunicação em massa estão sujeitas ao modismo – refere-se ao sucesso comercial – e, portanto, exibem um padrão de curta duração. Nesse contexto, a necessidade do novo passou cada vez mais a fazer sentido para os quadrilheiros, que almejam fazer da quadrilha um espetáculo para ser visto e apreciado pelo público. Segundo Castro (2012, p. 82), percebemos que:

Os recursos midiáticos tiveram um papel importante no processo de espetacularização das festas populares da Região Nordeste, principalmente das festas juninas, e serviram não só como meios para potencialização da visibilidade pública como também como produtor de novas tradições, de novas carências, de novos desejos.

É sob essas circunstâncias que nasce a quadrilha “Arrasta-Pé”. Ainda que não tenha experimentado diretamente essa exposição na mídia, de alguma forma as imagens que

²⁹ Francisco Aparecido Ferreira Alves, 26-10-2019, op. cit.

³⁰ Segundo Silva (2017, p. 17), o primeiro programa foi ao ar no ano de 1995, em uma parceria da TV Globo Nordeste com as filiadas da Rede Globo de Televisão espalhadas nos nove estados do Nordeste (CE, PE, MA, RN, PB, SE, BA, PI, AL).

circulavam no meio chegavam e chegam até o grupo. Como destaca Oliveira (2000, p. 237), vivemos em uma civilização das imagens que estão disseminadas por toda parte. E não é porque trabalhamos com uma prática localizada – distrito Felizardo – que deixaremos de perceber essas nuances de interação entre o local e o nacional.

Na entrevista realizada com Maria Flaucineide, entendemos que o poder visual da televisão tem influência sobre a performance da quadrilha junina: “Hoje, com a televisão, com as notícias, do mundo, do mundo moderno, a gente quer ver coisa nova, né isso, e então, todo ano nos apresentamos o mais novo possível de modo que o povo, o povo saia satisfeito”.³¹ As colocações postas pela entrevistada indicam não somente a difusão dessas imagens midiáticas no cotidiano como possibilita interpretar o fascínio pelo modelo de sociedade moderna veiculado nesse aparato tecnológico. De acordo com Hamburger (1998, p. 443), “A moda, a gíria e a música que cada novela lança transmite uma certa noção do que é ser contemporâneo”.

Por essas inferências, procuramos considerar as inovações dentro de um processo de reconfiguração. Nesse sentido, as fotografias e as filmagens internas do grupo podem oferecer importantes contribuições para a pesquisa, pois através dos seus vários sentidos materializados podemos visualizar essas modificações. De início, cabe pontuar que a quadrilha “Arrasta-Pé” apresenta características ditas como tradicionais no mundo junino, tais como: o traje roceiro, os passos simples, o ritmo linear e o predomínio do forró na trilha sonora das apresentações.

A fotografia que apresentaremos abaixo é do 2º Arraial da quadrilha “Arrasta-Pé” realizado em 1998, com o tema “Festa na Roça”. Trata-se de um registro instantâneo capturado pelo fotógrafo (não identificado) no momento da dança. Os quadrilheiros estão todos posicionados em fileira com seus pares:

³¹ Maria Flaucineide Vieiras Chagas, 17-08-2018, op. cit.

Figura 7: Apresentação da quadrilha “Arrasta-Pé”, 1998.



Fonte: Autor não identificado. Fotografia cedida por Dorinha, integrante comissão da quadrilha.

Para além dessas disposições, a foto aciona referências do tradicionalismo, a partir de seus signos icônicos (figurativos) – roupa xadrez, chapéu de palha e os adereços de flores – dizemos que retrata o imaginário da festa tradicional ligada ao meio rural. Só que não é aquela tipificada, onde prevalece a imagem do matuto de roupas remendadas, maquiagem borrada e dentes pintados de preto, mas sim uma reinvenção, com roupas padronizadas e alinhadas.

Se observarmos as apresentações dessa prática junina no distrito Felizardo, para os anos 2000 – período de intensificação dessas mudanças no grupo –, percebemos traços de uma quadrilha moderna, devido à modificação nos trajes e introdução de novos passos e músicas. No vídeo do 13º Arraial do Arrasta-Pé, em 2009, foi apresentado o tema “Dançando, o mundo brilha em Felizardo”. Os quadrilheiros passam parte da apresentação (29min e 29seg) posicionados no fundo, atrás de uma estrutura decorativa, enquanto seis danças representando culturas mundiais e nacionais (Forró, Espanhola, Marrabenta, Zuqui, Indiana e o Samba) são desenvolvidas nesse intervalo. Após isso, a quadrilha ganha seu espaço com um ritmo acelerado, que serve de evidência de uma rotina densa de ensaios.

Na descrição acima, o que chama nossa atenção é a diversidade de danças presentes na apresentação do grupo. Não fosse a globalização, essas danças não atravessariam as fronteiras e chegariam ao cotidiano dessa sociedade. Nesse sentido, não seria coincidência a presença da dança Indiana no mesmo período de exibição da novela

“Caminho das Índias” (19/01/2009 - 11/09/2009), sucesso de audiência na Rede Globo. A televisão, mais uma vez, com sua proposta sedutora, inspira as criações das performances.

Outro aspecto importante que identificamos nas apresentações da quadrilha Arrasta-pé é os trajes personalizados, onde cada dança apresenta um vestuário de acordo com a temática anual. Na apresentação de 2013 em particular, podemos visualizar um vestuário mais trabalhado com diversidade de cores, brilho e as brincantes aparecem de salto, dando um aspecto glamoroso visualmente. Na imagem abaixo (figura 8), capturamos duas quadrilheiras que ocupam o enquadramento central da cena exibindo seus trajes de cetins coloridos, tules e pedrarias que marcam essa transição do modelo tido por “tradicional” para o “estilizado”.

Figura 8: Apresentação da quadrilha “Arrasta-Pé”, 2013.



Fonte: Print da apresentação da quadrilha “Arrasta-Pé”. Produção do vídeo por: Rinaldo Produções.

Notamos que essas inovações eram tidas como necessárias, segundo a organizadora Flaucineide: “[...] a quadrilha em si é muito cansativa uma dan/, aquela dança, a gente vê uma vez, não quer ver mais, repetida, então a gente tem que ter inovação, pra quadrilha mudar os temas, pra automaticamente mudar o tipo de dança, o tipo de roupa, viu! [...]”.³² É importante salientar que o modismo, como qualquer outro tipo de inovação, está sujeito a resistências.

³² Maria Flaucineide Vieiras Chagas, 17-08-2018, op. cit.

Esse fator é realçado na fala Francisco Aparecido, integrante da quadrilha “Arrasta-Pé”:

[...] dizem que funk não é hit/ não é cultura, né? E eles sempre quiseram mostrar que funk também é [...] porque tudo aquilo que o homem cria ou faz é cultura, então eles sempre quiseram mostrar isso, que quadrilha não é só aqueles passos tradicionais não, é uma mistura de ritmo, cores, isso tudo.³³

Pode-se dizer que este é um discurso interiorizado pelo grupo e funciona como uma forma de defesa aos sujeitos que veem no funk uma descaracterização da festa junina. Não cabe aqui dizer se o gênero musical citado descaracteriza ou não a quadrilha, mas é importante trazê-lo para entendermos as circunstâncias que permitiram essas mudanças. Sabemos que este fator se dá pela própria composição do grupo, que tem como principal público participante os jovens. Como coloca Martha Abreu (2003),

O mundo da cultura e das práticas culturais é (e sempre foi) repleto de contradições e conflitos, que podem ser rapidamente observados na sociedade brasileira se lançarmos mão de velhos impasses, como a permissão, ou não, para os escravos batucarem e sambarem, e de novos desafios, como o convívio, ou não, com o funk. Esquecer estes conflitos, ou as interações e tolerâncias que sempre existiram, é perder de vista a possibilidade de compreensão das práticas culturais.

O gênero musical funk foi induzido na apresentação do 17º Arraial, “Felizardo festivo”, realizado em 2013, e passou a ter um espaço reservado nas apresentações seguintes. Após um recesso de dois anos por questões internas, a quadrilha “Arrasta-Pé” volta com uma proposta ousada, contemplando os jovens quadrilheiros. Neste retorno, o hit “Show das poderosas” da cantora Anitta, sucesso nas mídias digitais, e que por sua vez dominava o universo das novas gerações, compôs a trilha sonora da quadrilha. Entretanto, o gênero forró, em suas versões “Tradicional”, “Universitário” e “Eletrônico”³⁴ continuava a dominar o repertório da quadrilha.

O que podemos problematizar seguindo essa descrição é a mediação entre o tradicional e o modismo. Embora a prática junina seja marcada por uma busca pelo novo, suas reelaborações partem de algo pré-existente. É fato que adequar esses dois elementos nas apresentações do grupo é uma tarefa desafiadora para os coreógrafos, pois se trata de

³³ Francisco Aparecido Ferreira Alves, 26-10-2019, op. cit.

³⁴ Para mais detalhes sobre os três tipos do gênero forró, cf.: Silva, 2017.

uma mistura de simbologias – atuais ou não – que precisam estar em harmonia aos olhos do público.

Sem dúvida, essas mudanças estéticas na quadrilha, o desejo de fazer sucesso e ser reconhecida pelo público, teve um custo para os grupos juninos da localidade. E a partir desse último aspecto, construímos o tópico a seguir.

3.3 O desafio financeiro e político para fazer a festa

As metodologias da História Oral, da análise de fotografias e vídeos internos de apresentações dos grupos juninos, nos permitiram fazer uma reflexão sobre desafios de manter a prática de dançar quadrilha ativa no distrito Felizardo. Para Hall (1992, p. 1), “[...] a História Oral está longe de ser uma experiência espontânea, não é a experiência vivida em estado puro, e que os relatos produzidos pela História Oral devem estar sujeitos ao mesmo trabalho crítico das outras fontes que os historiadores costumam consultar”. Nesse sentido, procurando um diálogo com essas outras fontes, através de comparações, confrontos e discussões, sublinhamos os desafios de fazer a festa acontecer.

O mês de junho era um momento de mobilização dos grupos. Estes se organizavam para fazer orçamentos, pensar estratégias de arrecadar dinheiro, formular temáticas, ensaiar e, no final de julho, fazerem a festa dos felizardenses. Essa dinâmica, por sua vez, não manteve uma continuidade ao longo dos anos; tanto o grupo “Arrasta-Pé” como o “Tabako Fumaçando” conviveu com o mesmo dilema, que consistia na incerteza de fazer ou não a quadrilha.

A entrevistada Luciene, organizadora da “Tabako Fumaçando”, diz que a maior dificuldade é a questão financeira, pois:

[...] como mudou o cenário, aquela roupa de chita já não agrada mais as pessoas que vão dançar, os dançantes eles querem/ a gente hoje quer até fazer uma exibição mais bonita né, da quadrilha. Isso requer mais recursos financeiros, então assim, fica difícil de você conseguir em um distrito pequeno como o nosso, se você não tiver apoio financeiro, fica difícil de fazer, porque as roupas são caras, o aluguel da roupa é muito caro, a ornamentação é cara, entendeu? [...] O que agradava lá no passado, hoje não agrada mais, o público é mais exigente.³⁵

³⁵ Josefa Luciene Dias Rolim, 17-08-2018, op. cit.

Maria Flaucineide, líder no grupo “Arrasta-Pé”, partilha da mesma ideia:

[...] a maior dificuldade é dinheiro – ah, dona Cineide, mas vocês não vão fazer a quadrilha, que não tem festa, não tem nada – mas nós não temos dinheiro. [...] o pessoal tá reclamando muito, ela tem muito sentido essa festa junina daqui, porque a gente só faz a festa se for de primeira categoria [...].³⁶

Essas narrativas mostram que não é somente dançar quadrilha, a festa precisa ser de qualidade e construir uma boa impressão frente ao público. Só que isso depende dos esforços da organização, dos participantes e da relação com os políticos. Segundo Amaral (2003, p. 21), “[...] a festa pode ser entendida até mesmo como um modo de ação coletiva que pode responder à necessidade de superação das dificuldades dos grupos e das regiões onde se inserem [...]”.

Nessa perspectiva, se coaduna o relato de Francisco, participante do grupo “Arrasta-Pé”, quando ressalta em sua entrevista que a rotina dos quadrilheiros não era apenas dançar, mas também fazer o evento acontecer. O entrevistado menciona que o grupo se dividia em cinco equipes, cada um com destino a ruas diferentes para pedir contribuição à comunidade, e quando retornavam era feita a soma do dinheiro com a coreógrafa, e esta repassava para a liderança do grupo (as irmãs Flaucineide e Raimunda). Francisco também diz que o grupo tinha conhecimento de todo o dinheiro que saía e entrava, pois a apresentação deles dependia desse valor: “[...] a roupa dependia muito do tema da quadrilha e dependia muito do dinheiro que você ia arrecadar, se a gente arrecadasse pouco dinheiro é óbvio que o figurino ia ser mais barato né”.³⁷

Nesse trecho, fica explícito que o evento, para acontecer, necessitava da dedicação de todos que compunham o grupo: comissão organizadora, de apoio e brincantes. Ao utilizar o pronome de tratamento “você”, o entrevistado generaliza que qualquer um na posição de quadrilheiro tinha que trabalhar para o desenvolvimento da festa. É importante destacar que estamos falando de uma festa do distrito, divisão territorial subordinada ao município. Os organizadores não podiam contar especificamente com os recursos públicos. Daí a necessidade de realizar outras atividades para arrecadar recursos para o evento.

Mesmo assim, a contribuição dos políticos, como observamos anteriormente, aparece como importante para o desenvolvimento da festa. Em relação a esse aspecto,

³⁶ Maria Flaucineide Vieiras Chagas, 17-08-2018, op. cit.

³⁷ Francisco Aparecido Ferreira Alves, 26-10-2019, op. cit.

temos que considerar a relação entre as lideranças dos grupos juninos e o partido que está no poder. Uma hipótese desse estudo é que quando membros da comissão passam a ocupar cargos políticos, a quadrilha fica à mercê do jogo de poder. Se a liderança que representa o grupo junino apoia o “partido A” e o “partido B” ganha as eleições, isso certamente repercute sobre a produção do evento, pois suas prioridades serão outras.

O meio político é incerto, segundo Lima (2008, p. 157), “[...] hoje se tem um aliado, amanhã este se torna opositor”. Nesse sentido, a relação entre os políticos e a festa, apesar de ter seus benefícios por dar um caráter institucional ao festejo, tem suas armadilhas, que podem levar a um desgaste das atividades culturais. Os organizadores da quadrilha têm consciência dessas consequências e isso pode ser observado no relato de Josefa: “[...] acredito que o maior desafio realmente de 2013 para cá eu, de certa forma, eu quis resgatar essa quadrilha sem aquela questão política envolvida [...] de manter uma cultura que estava se desgastando, que não se tornasse é, aquele arrimo político”.³⁸ Para termos uma noção desse quadro, vejamos a Tabela 2, na qual traçamos a relação das temáticas da quadrilha “Arrasta-Pé” entre 1997 e 2013.

Tabela 2: Relação das temáticas da quadrilha “Arrasta-Pé”, 1997-2013

Temas	Anos
Casamento matuto	1997
Festa na roça	1998
Luiz Gonzaga e o sertão	1999
Nosso Nordeste	2000
Viroleiros da terra	2001
Mulher rendeira	2002
Vaqueiros do Nordeste	2003
Cantando o Nordeste	2004
Origem da valsa	2005
Homenagem a Paraíba na pessoa da cantora Marines	2006
Homenagem ao profeta da chuva e poeta Joaca Rolim, filho da terra	2007
Danças do Nordeste	2008
Dançando, o mundo brilha em Felizardo	2009
Brincando de Boneca	2010
<i>Não houve apresentação</i>	2011
<i>Não houve apresentação</i>	2012
Felizardo festivo	2013

Fonte: Elaborada pela autora, 2019.

³⁸ Josefa Luciene Dias Rolim, 17-08-2018, op. cit.

A tabela mostra a relação dos temas e ano de cada apresentação do grupo “Arrasta-Pé” dentro do recorte estudado. Observamos que entre os anos de 1997 a 2010 houve uma continuidade do evento, e este fator contribuiu para dar um *status* de representatividade a essa prática. Nos vídeos aos quais tivemos acesso, os organizadores do grupo falam com a admiração dessa história da quadrilha e enfatizam o tempo que o grupo está em atividade, reforçando o poder simbólico desse aspecto: “Esse ano 2008, o Arrasta-Pé está completando 12 anos de trabalho, 12 anos de cultura, 12 anos de vivência, com esses jovens daqui do Felizardo”.³⁹

Percebemos também a imersão desse grupo no jogo do poder conduzido pela política local. No 14º Arraial do “Arrasta-Pé” em 2010, a organizadora da quadrilha e vereadora na época, Maria Flaucineide subiu ao palco ao lado do prefeito José Geraldo dos Santos (2008-2012). Após um recesso de dois anos sem ter apresentação, a liderança do grupo retorna como vice-prefeita de Wilson Alves de Freitas na gestão 2013-2016, trazendo a quadrilha com o discurso de continuidade. Os motivos desse intervalo na festa estão subtendidos nos discursos, mas é visível que entre eles está a questão política. Acontecimentos semelhantes se sucederam em outros anos, só que não convém trazê-los à tona. O caso em particular chamou nossa atenção por mostrar que a festa precisa fazer sentido para todos seus componentes, caso contrário, seu destino é ficar na memória daqueles que um dia a fizeram acontecer.

³⁹ Discurso de Maria Flaucineide Vieiras Chagas presente no vídeo da quadrilha “Arrasta-Pé”, 2008. Distrito Felizardo. Duração: 1hr 22min 08seg. Formato, DVD.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao pesquisar sobre a quadrilha junina no distrito Felizardo nos aproximamos do seu modo de festejar, do espaço de sociabilidades e das diferentes narrativas que a festa suscitou nos participantes, durante o contexto estudado. Conhecemos como se deu sua invenção e como a convivência com o São João de Campina Grande foi significativa para a fundação do primeiro grupo de quadrilheiros, o “Tabako Fumaçando”. Sem dúvida, a introdução desta prática modificou as celebrações juninas na localidade. Pois se até então não havia uma festa que agregasse a comunidade, com a quadrilha, as pessoas passaram a ter um motivo para se reunir e festejar e, por isso, a quadrilha ganhou centralidade quando o assunto era o São João.

Percebemos que a gestação da quadrilha junina do distrito não estava sintonizada com o movimento de quadrilheiros projetado nos centros urbanos em meados dos anos 1980. Neste período, a quadrilha que ganhava espaço nacional era a profissional, competitiva e que possuía uma diversidade de passos e trajes estilizados. Diferente deste modelo, a quadrilha que dava seus primeiros passos no distrito era marcada pela improvisação entre os moradores da vizinhança. Foi possível notar essa distância através do diálogo com outros autores como Leal (2004), Silva (2017) e Lima (2008), que trabalham com grupos de quadrilha da região Nordeste e Norte, onde se tem uma maior concentração de pesquisas com essa temática. Com isso, compreendemos que cada festa possui suas próprias condições de produção mediadas pelas especificidades locais.

A midiáticação dos festivais de quadrilha somada à popularização dos meios de comunicação contribuiu com o processo de estilização dos grupos juninos em Felizardo. O público participante – majoritariamente jovem – queria ver e produzir algo que estivesse próximo das imagens veiculadas pela grande mídia. É o caso da quadrilha “Arrasta-Pé”, em que identificamos influências de padrões culturais que estavam fazendo sucesso no meio televisivo. Ressaltamos, todavia, que também havia um diálogo com traços da chamada “quadrilha tradicional”.

Buscamos entender os festejos juninos dentro de sua rede de significações, dada por aqueles que idealizaram as quadrilhas, os fundadores; aqueles que participaram ativamente, os quadrilheiros; e aqueles se apropriaram do espaço de sociabilidades proporcionado pela festa, no caso, os políticos e barraqueiros. Cada um desses segmentos carrega aspectos diferentes, com suas narrativas se conectando em determinados momentos.

Nas filmagens analisadas, observamos que os políticos buscaram imprimir um caráter oficial à festa, a partir do momento que estes sujeitos passaram a frequentar o espaço festivo e a investir no evento com o objetivo de mostrarem compromisso com o desenvolvimento da cultura.

Longe de encerrar ou de dar por concluída essa discussão, salientamos que a tradição da quadrilha possui múltiplos aspectos que podem ser explorados, inclusive, sobre a problemática proposta neste trabalho. Atentamos, aqui, apenas para alguns daqueles que acreditamos fazer sentido para compreendermos as especificidades da festa local e o seu processo de ressignificação no distrito Felizardo de Ipaumirim-CE.

REFERÊNCIAS

ABREU, Martha. Cultura Popular, um Conceito e Várias Histórias. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel. **Ensino de História, Conceitos, Temáticas e Metodologias**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**: textos em História Oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. Festas para que te quero: por uma historiografia do festejar. **Patrimônio e Memória**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 134-150, 2011.

AMARAL, Rita. **Festa à Brasileira**: sentidos do festejar no país que “não é sério”. 2001. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/festas.html>>. Acesso em: 22 dez. 2018.

ARAÚJO, Liana Matos. As primeiras comemorações em honra de São João Batista na cidade de Areia Branca/SE: Festa e Memória. In: CONGRESSO SERGIPANO DE HISTÓRIA E ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH/SE, 4., 2014, Sergipe. **Anais eletrônicos...** Aracaju: Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, 2014. Disponível: <<http://docplayer.com.br/19714822-As-primeiras-comemoracoes-em-honra-de-sao-joao-batista-na-cidade-de-areia-branca-se-festa-e-memoria.html>>. Acesso em: 12 mai. 2019.

_____. Juventudes e estilos de vida: tensões e processos identitários entre os quadrilheiros de Aracaju/SE. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 24., 2014, Natal. **Anais...** Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2004. Disponível em: <http://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1401984918_ARQUIVO_Artigo_RBA_LianaMatos.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2019.

_____. **Juventudes e quadrilha junina**: estilo de vida e sociedade no cenário do consumo cultural em Sergipe. 2015. Dissertação (Mestrado em antropologia) – Programa de Pós-graduação em Antropologia, Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2015. 145 f.

ASSIS, Lenilton Francisco de; ARAÚJO, Francinelda Ferreira de. A centralidade do comércio na cidade pequena nordestina: o caso da feira livre de Varjota (Ceará/Brasil). **Scripta nova - Revista electrónica de geografía y ciencias sociales**, Barcelona, v. 13, n. 294, [s.p.], 2009.

BEZERRA, Hermes Pereira. **Ipaumirim 60 anos**: fatos e fotos Alagoinha/Ipaumirim. Ipaumirim: [s.e.], 2013.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2001.

BORGES, Silva. Lazer, trabalho e sociabilidades na Praia de Copacabana. In: BARBOSA, Livia; PORTILHO, Fátima; VELOSO, Letícia (Orgs.). **Consumo, cosmologia e sociabilidade**. Rio de Janeiro: Mauad Editora Ltda, 2009.

BOURDIEU, Pierre. A juventude é apenas uma palavra. Entrevista a Anne-Marie Métaillé, publicada em *Les Jeunes et le premier emploi*, Paris, Association de Ages, 1978. In: BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p. 112-121. Disponível em: <<http://www.observatoriodoensinomedio.ufpr.br/wp-content/uploads/2014/04/a-juventude-e-apenas-uma-palavra-bourdieu.pdf>> Acesso: 01 nov. 2019.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Folclore**. 4. ed. São Paulo: Editora Brasiliense 1984.

CAMPANA, Priscila. O impacto do neoliberalismo no Direito do Trabalho: desregulamentação e retrocesso histórico. **Revista de Informação Legislativa**, Brasília, ano 37, n. 147, p. 129-144, 2000.

CASTRO, Jânio Roque Barros de. Concepções de festa, os sentidos do festejar e as dimensões socioeconômicas, culturais e lúdicas das festas juninas. In: **Da casa à praça pública: a espetacularização das festas juninas no espaço urbano**. Salvador: EDUFBA, 2012, p. 39-84.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

CHAGAS, Maria Flaucineide Vieira; ROLIM, Raimunda Vieira. **Em família**. Cajazeiras: Edição do autor, 2004.

CHARTIER, Roger. O Mundo como Representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, 1991.

CHAUÍ, Marilena de Souza. Os trabalhos da memória. In: BOSI, Ecléa (Dir.). **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979.

CHIANCA, Luciana. Quando o campo está na cidade: migração, identidade e festa. **Sociedade e Cultura**, v. 10, n. 1, p. 45-59, 2007.

_____. São João: a mais brasileira das festas. In: COLÓQUIO FESTAS E SOCIABILIDADES, 2., Natal, 2008. **Anais...** Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2008, p. 141-145. Disponível: <https://anaiscoloquiofestas2.files.wordpress.com/2011/08/ii-colic3b3quio-festas-e-sociabilidades-anais-completo_lt.pdf>. Acesso em: 30 mai. 2019.

CORDEIRO, Graça Índias. O arraial, festa da rua e da cidade. In: COLÓQUIO FESTAS E SOCIALIDADES, 3., 2015, Belo Horizonte. **Anais...** Lisboa: ISCTE, 2015, p. 19-25. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/15138/1/2015_Arraial_festa_da_rua_e_da_cidade.pdf>. Acesso em: 27 mai. 2019.

COSTA, Ana de Lourdes Ribeiro da. A cartografia do período colonial brasileiro e a Igreja Católica. **Visões Urbanas**, Salvador, v. 5, n. Especial, [s.p.], 2008.

COSTA, Márcia da Silva. Trabalho informal: um problema estrutural básico no entendimento das desigualdades na sociedade brasileira. **Caderno CRH**, Salvador, v. 23, n. 58, p. 171-190, 2010.

COSTA, Thainá Castro; FRANCHINI, Silvia; RIBEIRO, Leila Beatriz. Minha querida VHS: a Contribuição Técnica para uma História do Audiovisual. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 7., 2009, Fortaleza. **Anais...** Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/7o-encontro-2009-1/Minha%20querida%20VHS.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2019.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 40-52, 2003.

FONTES, Carlos. **Feira Popular de Lisboa: diversão e poder**. Lisboa: [s.e.], 1999.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GONSALVES, Rejane Monteiro Augusto. **Umari, Baixio, Ipaumirim: subsídios para a história política**. [s.l.]: [s.e.], 1997.

HALL, Michael. História oral: os riscos da inocência. In: **O direito à memória**. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1992, p. 157-160.

HAMBURGER, Esther. Diluindo Fronteiras: a televisão e as novelas no cotidiano. In: SCHWARCZ, Lilia (Org.) **História da vida privada no Brasil – vol. 4**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 440-487.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (Orgs.). **A invenção das tradições**. 6. Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2008.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Lisboa: ed. 70, 2007.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LEAL, Eleonora. **Contando o tempo: transformação, coreografia e modernidade no espetáculo da quadrilha junina em Belém do Pará**. 2004. Dissertação (Pós-Graduação em Artes Cênicas) – Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2004. 199 f.

LIMA, Elizabeth Christina de Andrade. **A fábrica dos sonhos: a invenção da festa junina no espaço urbano**. 2. ed. Campina Grande: EDUFCG, 2008.

MACEDO, Joaryvar. A Família do Logradouro. **Revista da Academia Cearense de Letras**, Fortaleza, [s.v.], [s.n.], p. 11-31, 1990.

MACEDO, Ricardo Cruz. **Galera, a gente vai bombar!** Sociabilidades juvenis nas quadrilhas juninas em Juazeiro do Norte-CE. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande, 2016. 133 f.

MAIA, Alexandre Gori; BUAINAIN, Antonio Marcio. O novo mapa da população rural brasileira. **Confins, Revista Franco-brasileira de Geografia**, São Paulo, n. 25, [s.p.], 2015.

MARTINS, José Clerton de Oliveira. Festa de Santo Antônio de Barbalha-Ceará: sagrado e profano em circularidades de significados. In: **Sentidos de devoção: festa e carregamento em Barbalha**. Fortaleza: Iphan, 2013, p. 10-43.

MENEZES, Paula Dutra Leão de. A (Re) invenção do cotidiano: a transformação de festas populares em evento turístico (estudo de caso do São João de Campina Grande). **CULTUR**, Ilhéus, v. 06, n. 1, p. 105-116, 2012.

MIRANDA NETO, José Queiroz de. Redes, território e a formação dos circuitos espaciais de poder: uma leitura a partir da ciência geográfica. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará**, Belém, v. 1, n. 2, p. 90-114, 2014.

NÓBREGA, Zulmira. **A festa do maior São João do Mundo: dimensões culturais da Festa Junina na cidade de Campina Grande**. Tese (Doutorado em Cultura e Sociedade) – Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2010. 316 f.

OLIVEIRA, Adriana da Silva. Viva São João: a festa como elemento do cotidiano nas comemorações em Cruz das Almas-BA. In: **SEMINÁRIO DA PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS: CULTURA, DESIGUALDADE E DESENVOLVIMENTO**, 5., Cruz das Almas/BA, 2015. **Anais...** Cruz das Almas: UFRB, 2015. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/12586948-Gt-01-cultura-popular-festejos-e-rituais-viva-sao-joao-a-festa-como-elemento-do-cotidiano-nas-comemoracoes-em-cruz-das-almas-ba.html>>. Acesso em: 12 jun. 2019.

OLIVEIRA, Henrique. O vídeo como fonte para a história. **Projeto História**, São Paulo, n. 21, p. 237-246, 2000.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PONTES, Lana Mary Veloso de. **Formação do território e evolução político administrativa do Ceará: a questão dos limites municipais**. Fortaleza: IPECE, 2010.

POWELL, Arthur; FRANCISCO, John; MAHER, Carolyn. Uma abordagem à análise de dados de vídeo para investigar o desenvolvimento de ideias e raciocínios matemáticos de estudantes. **Bolema**, Rio Claro, v. 17, n. 21, p. 81-140, 2004.

PRAZERES, Lenadro; MADEIRO, Carlos. **A força política do “arraiaí”**: em busca de votos, políticos fazem “romaria” às festas juninas e julinas do Nordeste. Matéria publicada no Portal UOL em 8 de julho de 2018. Disponível em: <<https://www.uol/eleicoes/especiais/a-forca-politica-do-arraia.htm>>. Acesso em: 22 ago. 2019.

RIDENTI, Marcelo. Cultura. In: REIS, Daniel Aarão (Coord.) **Modernização, ditadura e democracia**: 1964-2010. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

SANTAGADA, Salvatore. A situação social do Brasil nos anos de 1980. **Indicadores Econômicos FE**, Porto Alegre, v. 17, n 4, p. 121-143, 1990.

SILVA, Juliana Hermenegildo. **Quadrilha Junina Babaçu**: Processos Folkcomunicacionais, Identidade e Representações Culturais. Dissertação (Mestrado em Estudos das Mídias) – Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2017. 97 f.

SOUSA, Israel Soares de; SILVA, Severino Bezerra da. **Educação popular e ensino de história local**: cruzando conceitos e práticas. João Pessoa: Editora da UFPB, 2017.

APÊNDICES

APÊNDICE A – IMAGEM DE SATÉLITE DO ESPAÇO DA FESTA



Fonte: disponível em: <<http://mapa.cultura.ce.gov.br/busca/#>>. Acesso em: 22 jan. 2019.

Legenda:

-  Perímetro da capela Nossa Senhora da Conceição, localizada na parte central do distrito Felizardo.
-  Área onde são realizadas as quadrilhas sistematizadas.

APÊNDICE B - TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Universidade Federal
de Campina Grande

CFP/CAMPUS – CAJAZEIRAS-PB

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente termo de consentimento livre e esclarecido eu RUBENS DA SILVA TAVARES JUNIOR, em pleno exercício de meus

direitos me disponho a participar como voluntário no estudo “O espetáculo junino: modismo e tradição nos festejos juninos no distrito Felizardo (Ipaumirim-CE), 1985-2013”. Declaro ser esclarecido, que terá como objetivo geral: Analisar a formação e ressignificação da quadrilha junina na localidade do distrito Felizardo nos anos de 1985-2013. Esse estudo será feito a partir da análise das falas de fundadores das quadrilhas juninas locais, objetos que os mesmos possam disponibilizar como fotografias, vídeos (produções independentes) das apresentações que permitiram com suas diferentes linguagens elucidar as modificações na imagem da quadrilha e o auxílio de textos acadêmicos para discussão do tema.

Procuramos também desenvolver alguns objetivos específicos como: perceber por meio dos relatos orais as condições que proporcionaram a criação do “lugar de tradição” às quadrilhas, como esses sujeitos se apropriam da imagem dessa manifestação festiva e analisar a partir das fotografias/vídeos as transformações presentes no grupo específico da quadrilha “Arrasta Pé”.

A sua participação é muito importante, ela se dará da seguinte forma: entrevistas registradas com gravador de voz e transcritas, realizadas com aproximadamente três pessoas que fazem parte da fundação das quadrilhas juninas locais, a escolha desses sujeitos serão norteadas pela participação dos mesmos na quadrilha “Tabako Fumaçando” e “Arrasta Pé” grupos com maior tempo em atividade.

E estar de acordo com os seguintes pontos:

-Ao voluntário só caberá autorização para aplicação da pesquisa tipo qualitativa.

-Ao pesquisador caberá o desenvolvimento da pesquisa de forma confidencial, cumprindo as exigências da resolução Nº466/12 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde.

-O voluntário poderá se recusar a participar, ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização do trabalho proposto, não havendo nenhuma penalização ou prejuízo para o mesmo.

-Será garantido o sigilo dos resultados obtidos nesse trabalho, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial.

-Não haverá despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários deste projeto científico, e em relação aos ricos este será mínimo, uma vez que será realizada apenas uma entrevista, e nem danos físicos ou financeiros ao voluntário e, portanto, não haveria necessidade de indenização por parte do pesquisador responsável.

-Como benefícios da pesquisa, a mesma poderá dar visibilidade ao âmbito de abordagem da história local e contribuir com mais uma leitura sobre a quadrilha junina que tem conquistado seu espaço no meio acadêmico.

. Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimento, o participante poderá contatar no número (83)999437887 ou e-mail amandasrip@gmail.com, com Amanda de Sousa Rodrigues.

Ao final da pesquisa, se for do seu interesse, terrei acesso livre ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados como pesquisador, vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficara em minha posse.

Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar de pleno acordo com o teor do mesmo, dado e assino este termo de consentimento livre e esclarecido.

Ipauimirim - CE , 13 de Setembro de 2018

Amanda de Sousa Rodrigues

Assinatura do pesquisador responsável



Assinatura do participante



Universidade Federal
de Campina Grande

CFP/CAMPUS – CAJAZEIRAS-PB

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente termo de consentimento livre e esclarecido eu Márcia Glaucivane Dória Chagas, em pleno exercício de meus

direitos me disponho a participar como voluntário no estudo “O espetáculo junino: modismo e tradição nos festejos julinos no distrito Felizardo (Ipaumirim-CE), 1985-2013”. Declaro ser esclarecido, que terá como objetivo geral: Analisar a formação e ressignificação da quadrilha junina na localidade do distrito Felizardo nos anos de 1985-2013. Esse estudo será feito a partir da análise das falas de fundadores das quadrilhas juninas locais, objetos que os mesmos possam disponibilizar como fotografias, vídeos (produções independentes) das apresentações que permitiram com suas diferentes linguagens elucidar as modificações na imagem da quadrilha e o auxílio de textos acadêmicos para discussão do tema.

Procuramos também desenvolver alguns objetivos específicos como: perceber por meio dos relatos orais as condições que proporcionaram a criação do “lugar de tradição” às quadrilhas, como esses sujeitos se apropriam da imagem dessa manifestação festiva e analisar a partir das fotografias/vídeos as transformações presentes no grupo específico da quadrilha “Arrasta Pé”.

A sua participação é muito importante, ela se dará da seguinte forma: entrevistas registradas com gravador de voz e transcritas, realizadas com aproximadamente três pessoas que fazem parte da fundação das quadrilhas juninas locais, a escolha desses sujeitos serão norteadas pela participação dos mesmos na quadrilha “Tabako Fumaçando” e “Arrasta Pé” grupos com maior tempo em atividade.

E estar de acordo com os seguintes pontos:

-Ao voluntário só caberá autorização para aplicação da pesquisa tipo qualitativa.

-Ao pesquisador caberá o desenvolvimento da pesquisa de forma confidencial, cumprindo as exigências da resolução N°466/12 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde.

-O voluntário poderá se recusar a participar, ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização do trabalho proposto, não havendo nenhuma penalização ou prejuízo para o mesmo.

-Será garantido o sigilo dos resultados obtidos nesse trabalho, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial.

-Não haverá despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários deste projeto científico, e em relação aos ricos este será mínimo, uma vez que será realizada apenas uma entrevista, e nem danos físicos ou financeiros ao voluntário e, portanto, não haveria necessidade de indenização por parte do pesquisador responsável.

-Como benefícios da pesquisa, a mesma poderá dar visibilidade ao âmbito de abordagem da história local e contribuir com mais uma leitura sobre a quadrilha junina que tem conquistado seu espaço no meio acadêmico.

Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimento, o participante poderá contatar no número (83)999437887 ou e-mail amandasrip@gmail.com, com Amanda de Sousa Rodrigues.

Ao final da pesquisa, se for do seu interesse, terrei acesso livre ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados como pesquisador, vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficara em minha posse.

Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar de pleno acordo com o teor do mesmo, dado e assino este termo de consentimento livre e esclarecido.

Ipauimirim - CE, 17 de Agosto de 2018

Amanda de Sousa Rodrigues

Assinatura do pesquisador responsável

Maria Hamilton de Oliveira Marques

Assinatura do participante



Universidade Federal
de Campina Grande

CFP/CAMPUS – CAJAZEIRAS-PB

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente termo de consentimento livre e esclarecido eu Regina Helena Alves de Sena

, em pleno exercício de meus direitos me disponho a participar como voluntário no estudo **“O espetáculo junino: modismo e tradição nos festejos juninos no distrito Felizardo (Ipaumirim-CE), 1985-2013”**. Declaro ser esclarecido, que terá como objetivo geral: Analisar a formação e ressignificação da quadrilha junina na localidade do distrito Felizardo nos anos de 1985-2013. Esse estudo será feito a partir da análise das falas de fundadores das quadrilhas juninas locais, objetos que os mesmos possam disponibilizar como fotografias, vídeos (produções independentes) das apresentações que permitiram com suas diferentes linguagens elucidar as modificações na imagem da quadrilha e o auxílio de textos acadêmicos para discussão do tema.

Procuramos também desenvolver alguns objetivos específicos como: perceber por meio dos relatos orais as condições que proporcionaram a criação do “lugar de tradição” às quadrilhas, como esses sujeitos se apropriam da imagem dessa manifestação festiva e analisar a partir das fotografias/vídeos as transformações presentes no grupo específico da quadrilha “Arrasta Pé”.

A sua participação é muito importante, ela se dará da seguinte forma: entrevistas registradas com gravador de voz e transcritas, realizadas com aproximadamente três pessoas que fazem parte da fundação das quadrilhas juninas locais, a escolha desses sujeitos serão norteadas pela participação dos mesmos na quadrilha “Tabako Fumaçando” e “Arrasta Pé” grupos com maior tempo em atividade.

E estar de acordo com os seguintes pontos:

-Ao voluntário só caberá autorização para aplicação da pesquisa tipo qualitativa.

-Ao pesquisador caberá o desenvolvimento da pesquisa de forma confidencial, cumprindo as exigências da resolução N°466/12 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde.

-O voluntário poderá se recusar a participar, ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização do trabalho proposto, não havendo nenhuma penalização ou prejuízo para o mesmo.

-Será garantido o sigilo dos resultados obtidos nesse trabalho, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial.

-Não haverá despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários deste projeto científico, e em relação aos ricos este será mínimo, uma vez que será realizada apenas uma entrevista, e nem danos físicos ou financeiros ao voluntário e, portanto, não haveria necessidade de indenização por parte do pesquisador responsável.

-Como benefícios da pesquisa, a mesma poderá dar visibilidade ao âmbito de abordagem da história local e contribuir com mais uma leitura sobre a quadrilha junina que tem conquistado seu espaço no meio acadêmico.

. Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimento, o participante poderá contatar no número (83)999437887 ou e-mail amandasrip@gmail.com, com Amanda de Sousa Rodrigues.

Ao final da pesquisa, se for do seu interesse, terrei acesso livre ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados como pesquisador, vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficara em minha posse.

Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar de pleno acordo com o teor do mesmo, dado e assino este termo de consentimento livre e esclarecido.

Ipauimirim - CE, 17 de Agosto de 2018

Amanda de Sousa Rodrigues

Assinatura do pesquisador responsável

Luiza Beatriz Dias Rolim

Assinatura do participante



Universidade Federal
de Campina Grande

CFP/CAMPUS – CAJAZEIRAS-PB

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente termo de consentimento livre e esclarecido eu Romulo Polo de Menezes

_____, em pleno exercício de meus direitos me disponho a participar como voluntário no estudo **“O espetáculo junino: modismo e tradição nos festejos juninos no distrito Felizardo (Ipaumirim-CE), 1985-2013”**. Declaro ser esclarecido, que terá como objetivo geral: Analisar a formação e ressignificação da quadrilha junina na localidade do distrito Felizardo nos anos de 1985-2013. Esse estudo será feito a partir da análise das falas de fundadores das quadrilhas juninas locais, objetos que os mesmos possam disponibilizar como fotografias, vídeos (produções independentes) das apresentações que permitiram com suas diferentes linguagens elucidar as modificações na imagem da quadrilha e o auxílio de textos acadêmicos para discussão do tema.

Procuramos também desenvolver alguns objetivos específicos como: perceber por meio dos relatos orais as condições que proporcionaram a criação do “lugar de tradição” às quadrilhas, como esses sujeitos se apropriam da imagem dessa manifestação festiva e analisar a partir das fotografias/vídeos as transformações presentes no grupo específico da quadrilha “Arrasta Pé”.

A sua participação é muito importante, ela se dará da seguinte forma: entrevistas registradas com gravador de voz e transcritas, realizadas com aproximadamente três pessoas que fazem parte da fundação das quadrilhas juninas locais, a escolha desses sujeitos serão norteadas pela participação dos mesmos na quadrilha “Tabako Fumaçando” e “Arrasta Pé” grupos com maior tempo em atividade.

E estar de acordo com os seguintes pontos:

-Ao voluntário só caberá autorização para aplicação da pesquisa tipo qualitativa.

-Ao pesquisador caberá o desenvolvimento da pesquisa de forma confidencial, cumprindo as exigências da resolução N°466/12 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde.

-O voluntário poderá se recusar a participar, ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização do trabalho proposto, não havendo nenhuma penalização ou prejuízo para o mesmo.

-Será garantido o sigilo dos resultados obtidos nesse trabalho, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial.

-Não haverá despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários deste projeto científico, e em relação aos ricos este será mínimo podendo haver: possíveis constrangimentos com as questões feitas durante as entrevistas, caso isso aconteça, entraremos em comum acordo discutido a melhor maneira de resolver a situação. Será realizada apenas uma entrevista, por isso não terá danos físicos ou financeiros ao voluntário e, portanto, não haveria necessidade de indenização por parte do pesquisador responsável.

-Como benefícios da pesquisa, a mesma poderá dar visibilidade ao âmbito de abordagem da história local e contribuir com mais uma leitura sobre a quadilha junina que tem conquistado seu espaço no meio acadêmico.

- Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimento, o participante poderá contatar no número (83)999437887 ou e-mail amandasrip@gmail.com, com Amanda de Sousa Rodrigues.

Ao final da pesquisa, se for do seu interesse, poderá ter acesso livre ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados como pesquisador, vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.

Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar de pleno acordo com o teor do mesmo, dado e assino este termo de consentimento livre e esclarecido.

Itaumirim - CE, 18 de Outubro de 2019

Amanda de Sousa Rodrigues

Assinatura do pesquisador responsável

Romulo Rabe de Menezes

Assinatura do participante



Universidade Federal
de Campina Grande

CFP/CAMPUS – CAJAZEIRAS-PB

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente termo de consentimento livre e esclarecido eu Francisco Aparecido Ferreira Alves

_____ em pleno exercício de meus direitos me disponho a participar como voluntário no estudo **“O espetáculo junino: modismo e tradição nos festejos juninos no distrito Felizardo (Ipaumirim-CE), 1985-2013”**. Declaro ser esclarecido, que terá como objetivo geral: Analisar a formação e ressignificação da quadrilha junina na localidade do distrito Felizardo nos anos de 1985-2013. Esse estudo será feito a partir da análise das falas de fundadores das quadrilhas juninas locais, objetos que os mesmos possam disponibilizar como fotografias, vídeos (produções independentes) das apresentações que permitiram com suas diferentes linguagens elucidar as modificações na imagem da quadrilha e o auxílio de textos acadêmicos para discussão do tema.

Procuramos também desenvolver alguns objetivos específicos como: perceber por meio dos relatos orais as condições que proporcionaram a criação do “lugar de tradição” às quadrilhas, como esses sujeitos se apropriam da imagem dessa manifestação festiva e analisar a partir das fotografias/vídeos as transformações presentes no grupo específico da quadrilha “Arrasta Pé”.

A sua participação é muito importante, ela se dará da seguinte forma: entrevistas registradas com gravador de voz e transcritas, realizadas com aproximadamente três pessoas que fazem parte da fundação das quadrilhas juninas locais, a escolha desses sujeitos serão norteadas pela participação dos mesmos na quadrilha “Tabako Fumaçando” e “Arrasta Pé” grupos com maior tempo em atividade.

E estar de acordo com os seguintes pontos:

-Ao voluntário só caberá autorização para aplicação da pesquisa tipo qualitativa.

-Ao pesquisador caberá o desenvolvimento da pesquisa de forma confidencial, cumprindo as exigências da resolução N°466/12 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde.

-O voluntário poderá se recusar a participar, ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização do trabalho proposto, não havendo nenhuma penalização ou prejuízo para o mesmo.

-Será garantido o sigilo dos resultados obtidos nesse trabalho, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial.

-Não haverá despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários deste projeto científico, e em relação aos ricos este será mínimo podendo haver: possíveis constrangimentos com as questões feitas durante as entrevistas, caso isso aconteça, entraremos em comum acordo discutido a melhor maneira de resolver a situação. Será realizada apenas uma entrevista, por isso não terá danos físicos ou financeiros ao voluntário e, portanto, não haveria necessidade de indenização por parte do pesquisador responsável.

-Como benefícios da pesquisa, a mesma poderá dar visibilidade ao âmbito de abordagem da história local e contribuir com mais uma leitura sobre a quadrilha junina que tem conquistado seu espaço no meio acadêmico.

- Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimento, o participante poderá contatar no número (83)999437887 ou e-mail amandasrip@gmail.com, com Amanda de Sousa Rodrigues.

Ao final da pesquisa, se for do seu interesse, poderá ter acesso livre ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados como pesquisador, vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficara em minha posse.

Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar de pleno acordo com o teor do mesmo, dado e assino este termo de consentimento livre e esclarecido.

Ipauimirim - CE, 26 de Outubro de 2019

Amanda de Sousa Rodrigues

Assinatura do pesquisador responsável

Francisco Alexandre P. Alves

Assinatura do participante

APÊNDICE C - ENTREVISTAS

ENTREVISTA 1 17-08-2018

Entrevista realizada no distrito Felizardo (Ipaumirim-CE) com a senhora Maria Flaucineide Vieiras Chagas, para o trabalho monográfico intitulado: “O espetáculo junino: as manifestações festivas das quadrilhas do distrito Felizardo (Ipaumirim-CE), 1985-2013”, a cargo da aluna Amanda de Sousa Rodrigues.

A- O nome completo da senhora?

M- Maria Flaucineide Vieiras Chagas (interrupção)

A- Qual é, qual é a idade da senhora?

M- A minha idade é 78 anos.

A- A senhora mora a quanto tempo no distrito Felizardo?

M- Eu nasci aqui, mas olha a minha vida quase que total foi em Fortaleza.

M- Eu nasci aqui em Felizardo.

A- Uhum.

M- Aí estudei no Crato, estudei em Cajazeiras, de Cajazeiras fui para Crato, de Crato fui para Fortaleza e lá me casei e fiquei lá.

M- Agora pra dizer quanto tempo, eu nasci aqui.

A- Tá certo. A senhora tem lembrança de como eram os festejos juninos antigamente?

M- As festas juninas aqui?

A- Uhum.

M- Não existia festa junina aqui, e existiam assim é (barulho ao fundo)... porque minha mãe foi a primeira professora daqui, ela fazia festinha com as alunas e com, é, na escola.

A- Uhum.

M- Na escola, e coisas muito simples, quadrilhas escolares mesmo.

A- Com os alunos né?

M- É, não existia uma quadrilha oficial.

A- Aí qual era a relação da senhora com a quadrilha?

M- Qual o quê?

A- A relação da senhora?

M- (Risos). Eu acho que a relação eu tenho toda, porque quem financia a quadrilha sou eu, minha irmã, eu e Mudinha.

M- Essa quadrilha ela é financiada por mim e por Mudinha, nós organizamos, nós compramos roupas, a quadrilha é feita com roupa, primeiro a gente comprava, alugava depois achamos por bem, comprar as fazendas e manda fazer e assim vem sendo né.

A- Uhum.

M- São todas financiadas por mim e por ela, a outra é minha irmã e se chama mudinha.

A- A que mora no Crato né?

M- A que mora no Crato é.

A- Aí segundo a avaliação da senhora a festa junina tem algum significado para o distrito?

M- Muito significado viu, porque ela, ela além de representar uma festa tradicional é, no calendário né.

A- Uhum

M- No calendário regional, ela também anima e traz é, fornece aos jovens, conhecimentos do que é uma festa junina, uma festa de São João e após tudo isso ela também desenvolve muito né os jovens daqui, e essa festa tem se expandido de forma que, agora pra gente, esse ano que a gente não pode fazer a festa.

A- Uhum.

M- Tá chamado, o pessoal tá reclamando muito, ela tem muito sentido essa festa junina daqui, porque a gente só faz a festa se for de primeira categoria, nós a começamos desde aquele São João tradicional que é Sangê, Balancê.

A- Uhum.

M- Abre a roda, aquela coisa simples, natural junina e avançamos muito com outras, com muitos outros festejos.

A- Aí a senhora sabe desde quando ela faz parte do calendário?

M- Ela, a::a (+), eu tenho impressão que ela foi desde, tá aqui 1997, ela foi criada em 1997.

A- Aí em 97 já havia os ensaios ou era uma coisa, só uma brincadeira?

M- não 97 essa quadrilha é foi, parece havia uma reunião de pessoas conversando há aqui não faz quadrilha, não tenho uma festa, e um grupo de jovens aqui, nessa época até formalizado por Esdra, Jodailson, Mariquinha aqui, essa mariquinha aqui de dona Ester e outros jovens da época disse vamos fazer uma quadrilha e nesse negócio é a minha irmã era Secretária de Educação do município, a Mudinha e solicitaram dela uma ajuda, ela

solicitou uma ajuda da Prefeitura e assim começaram a festa e essa festa tornou-se tradicional aqui.

A- E assim no levantamento que a gente fez sobre a festa junina, que a gente passou nas casas das pessoas perguntando se ele tinha fotografias.

M- Uhum.

A- A gente viu que tinha muitas fotos e vídeos também, aí essa, essa produção desses registros parte da iniciativa da organização da quadrilha ou dos quadrilheiros?

M- Não é da organização da quadrilha, ninguém, nenhum participante entra com nada, nós entregamos tudo pronto.

A- Uhum.

M- Tudo pronto, primeiro porque participantes dizem que não tem condição, segundo porque a nossa quadrilha ela tem um brilho especial, diferente, as roupas, e tudo, todas as roupas são feitas de maneira, obedecendo a tema, cada ano a quadrilha tem um tema, por exemplo, nós homenageamos Luiz Gonzaga, já homenageamos a Paraíba, nós já homenageamos é, o ano passado, o ano trazado, por exemplo, que faltou muita água em todo o sertão nordestino, nós temos o tema de é::é

A- “Vigiando as águas”.

M- Como é?

A- “Vigiando as águas”.

M- “Vigiando as águas”, vestidos as meninas de roupas de marinheiro.

A- Uhum

M- Né isso! E introduzimos o tema dentro da situação que a gente vivia e aquela cantora também da Paraíba, que eu não me lembro o nome, já homenageamos os poetas populares, já homenageamos muita gente aqui, já demos o nome de asa branca e assim a gente vai levando né.

A- São mais figuras ligadas ao Nordeste que vocês homenageiam?

M- Sempre, sempre regional né?

A- Uhum.

A- E as fotos são vocês que mandam tirar ou parte da iniciativa deles, as fotografias?

M- Tudo somos nós que tiramos.

A- Uhum.

M- A despesa é totalmente nossa, a despesa da festa é nossa, a despesa de, (pausa) de polícia militar é nossa, tudo é nossa. Então a noite sempre quando é, termina a quadrilha a

gente dar um lanche pro povo que vem, vem para essa festa, então a gente que financia tudo, nós não temos a ajuda de ninguém.

A- E qual a partição... porque a quadrilha é registrada né?

M- A quadrilha é registrada na, (+) aguarde um pouco aí.

A- Tá certo.

M- A quadrilha é registrada na associação brasileira de quadrilhas e festejos juninos do Ceará, em Fortaleza.

A- Aí qual é a participação desse órgão?

M- Nenhuma.

A- Só é pra ser/

M- Só porque foi registrada mesmo viu.

A- Uhum.

A- E da secretaria de cultura ou?

M- Nenhuma!

A- Nem da Prefeitura?

M- Nunca, nenhuma.

A- Uhum.

M- Eu quis até formalizar uma parceria, mas a secretaria de cultura não tem fundos para cultura aqui, viu.

A- Uhum.

A- Aí qual é maior dificuldade em fazer as quadrilhas?

M- Dinheiro, se chama dinheiro, a maior dificuldade é dinheiro. Ah, dona Cineide, mas vocês não vão fazer a quadrilha, que não tem festa, não tem nada, mas nós não temos dinheiro viu. Eu vivo do meu ordenado, eu sou aposentada, eu fui funcionária do INSS e me aposentei pelo INSS sou funcionária pública federal, eu tenho apenas o meu salário de aposentadoria não é.

A- Uhum.

M- E Mudinha também é aposentada com dados, com trabalho da educação da Bahia, então nós juntamos as peças e fazemos a despesa o que sai muito caro pra gente.

A- Aí qual o objetivo de vocês em liderar a quadrilha?

M- Olhe, aliás, nós não temos anseio nenhum, apenas de incentivar os jovens a conhecer um mundo diferente, quando a gente cria um tema, a gente explica o que é o tema, porque o tema, o porquê do tema e mostra também as razões pelas quais a gente tá fazendo aquela

quadrilha apenas para dar nome ao município, Ao distrito, porque essa quadrilha é avaliada como uma das primeiras daqui, aliás, nós tínhamos outra ai, mas não era organizada pela gente era o “Tabako Fumaçando,” né?

A- Uhum.

M- Que é muito antiga essa quadrilha, mas também por falta verba, de raízes financeiras.

A- Acabou.

M- A quadrilha deixou de funcionar. Nós já fizemos as duas juntas, viu, numa só pra poder ver se a gente conseguia coloca-las de pé, mas o, o, aspecto geral é esse mesmo. É dar nome ao distrito e dar nome a quadrilha e, e a gente fornecer alguma coisa de boa pros jovens e pro povo em geral.

A- E, na opinião da senhora a quadrilha arrasta pé, ela inova nas apresentações?

M- Se ela inova?

A- Uhum.

M- Anualmente ela inova as apresentações pelos temas, como eu já disse né, ela inova. Cada apresentação anual ela tem uma roupa diferente, ela tem, porque tem temas diferentes e a gente vai e, as roupagens vai de acordo com os temas né?

A- Uhum.

M- Porque elas, como elas saem né. E os jovens também são muito exigentes com as roupas viu, apesar de gente fornecermos tudo, mas são muito exigente, se eles não gostam, eles dizem logo. Então em face disso, você tá vendo a situação do país como é que está, nós também sofremos por essa situação financeira, e esse ano nós também perdemos a Prefeitura, porque no caso o prefeito nos ajudavam com alguma coisa para banda, né assim?

A- Uhum.

M- E aí a gente parou.

A- Tá certo.

M- Tá bom.

A- E as principais razões dessas inovações?

M- Como é?

A- Quais as principais razões pra essas inovações?

M- Das..

A- Na quadrilha.

M- Das inovações?

A- Uhum.

M- É justamente os temas, os tema, deixe me ver se tenho aqui temas, alguns tema, (+).

A- O que leva vocês querer inovar?

M- O que...

A- O que leva?

M- O que leva é porque a quadrilha em si é muito cansativa uma dan/, aquela dança a gente ver uma vez não quer ver mais, repetida, então a gente tem que ter inovação pra quadrilha, muda os temas pra automaticamente mudar o tipo de dança, o tipo de roupa viu, e tudo isso a gente também deve muito a Natâmia.

A- Uhum.

M- A Natâmia, que é uma menina muito inteligente a coreógrafa. Nós já passamos por muitos coreógrafos, caso o primeiro foi o Júnior, o de cana..., o de, aquela cidade aqui da Paraíba?

A- Cachoeira.

M- Cachoeira dos Índios, que quando ele começou era bem regional a quadrilha né. Depois de Júnior, veio Ariston um rapaz de Cajazeiras, depois do Ariston veio o Remulo meu sobrinho que tem muita tendência pra essas coisas regionais e depois disso foi Natâmia, viu, e aí a gente fica inovando pra dar um aspecto melhor a quadrilha.

A- Então as inovações é mais em relação ao público, né?

M- As inovações, ao público pra não se tornar muito cansativa.

A- Uhum.

M- A gente já fez uma quadrilha com o tema de asa branca que é a música popular de Luiz Gonzaga, que é um hino, hino popular de Luiz Gonzaga e tudo isso a gente explica, depois que a gente fez uma homenagem a Marines aquela cantora da Paraíba, convidamos os secr..., prefeito e secretariado de Cajazeiras esse pessoal veio e a gente deu um toque na, no comando aí confeccionamos uma bandeira de mais de 10 metros de metragem e ao terminar a apresentação, a gente, as meninas desenrolaram a bandeira ficaram por baixo da bandeira isso chamou muita atenção do prefeito, é os profetas populares nos fizemos porque aqui na região temos muitos poeta populares, cantador de viola, viu. Fizemos também quando homenageamos é, quando homenageamos a marinha no caso sobre as águas não é, elas cantaram, são inovações que bem representativas elas cantaram o hino dos marinheiros, na posição que canta os marinheiros ao sair do quartel e muitas, fizemos a da boneca, a da boneca, aquela, aquela, mamulengo.

A- Uhum.

M- Elas todas vestidos de boneca, e assim a gente vai mudando, reformulando, pra que o povo não canse. É tanto que, é, o povo que vem assistir essa quadrilha diz muito a mim, que eles chegam por aqui, e diz olhe a presença de tanta gente nessa festa é porque ela não é cansativa. Porque o São João já tá muito batido, né. Hoje com a televisão, com as notícias, do mundo, do mundo moderno, a gente quer ver coisa nova né isso e então todo ano nós apresentamos o mais novo possível de modo que o povo, o povo saia satisfeito. Houve um ano aqui, que as nossas roupas eram cumpridas.

A- Uhum.

M- Nós mandamos fazer umas roupas bastante alinhadas, mas cumpridas e essas roupas, aqui passava um casal na estrada, aí ouviu a zuada da festa e subiu e foi olhar a festa, quando terminou, quando terminou é, nos procurou. As pessoas que estavam no palco até ficou, ficaram meio estagiadas. Porque não reconheciam aquelas jovens, se eram daqui, tão bem preparados que elas estavam, e esse casal da Bahia, veio aqui para eu vender as roupas da festa, eu sem querer vender, sem querer vender, porque eu não vendo. Mas tive que me desfazer das roupas, porque eram roupas diferentes e eles precisavam de roupas para o São João nessa cidade da Bahia e eu terminei vendendo as roupas, porque chamou, essas roupas chamaram a atenção desses visitantes e então a quadrilha arrasta pé só nos deixar saudades, se para o ano que vem, tiver condições de fazer, faço novamente, e se não tiver só vai nos deixar muita saudade e vai abalar a cultura do município, aliás, do distrito, porque é, conforme ouviu por aí que é a melhor quadrilha do município, o arrasta pé, então você vê que o círculo lá onde eles dançam é todo preparado, pintado o chão, não é?

A- É.

M- O chão é pintado com a, com o símbolo do Arrasta-Pé. Sim, eu quero dizer também que ela foi, ela tem um distintivo, o arrasta pé tem um distintivo que foi feito, ele foi feito pelo meu sobrinho, um logotipo, ela tem um logotipo da quadrilha que é registrada nessa associação brasileira de quadrilha e ele tirou o 2º lugar do Ceará com esse logotipo e então a quadrilha está aí são 22 anos, é parece que são 22 anos de quadrilha e esse ano não vai haver por problemas financeiros.

A- Uhum.

A- E, se a senhora pudesse escolher uma inovação que é característica da Arrasta-Pé. Qual escolheria?

M- De todas essas que já se foram?

A- Aham.

M- Uma inovação (interrupção), uma inovação, eu acho que a inovação que eu poderia dizer aqui, é de temas que você quer dizer né?

A- Pode ser de temas ou ritmo.

M- De temas é, eu só crio inovação aqui com Natâmia, a coreógrafa que ela é muito inteligente, e ela se dispõe a traçar como ela quer fazer essas inovações, daí que a gente vai criando os temas como o ano passado, por exemplo, foi a festa das rosas né, pra você ver que todas tinham muitas rosas na cabeça e as inovações vão aparecendo de acordo com o tempo e as notícias do momento, depende disso viu.

A- E com relação ao perfil dos quadrilheiros? Havia algum critério para participar da quadrilha Arrasta-pé?

M- Voltamos para os dançarinos de quadrilha, os participantes, que tivesse ao menos 14 anos, pelo menos isso e pessoas com altura suficiente para corresponder a linhagem do perfil da quadrilha, porque garotas podia a até ter 14 a 16 anos se fosse muito baixinhas não correspondia né? Porque a gente levava em conta a altura também das da frente, porque isso era feito em filas e aqui, por exemplo, o nível de altura dos jovens é médio, nível médio.

A- Uhum.

M- Não tem altura de 1 metro e 70, não tinha é, mais 1 metro e 60 para baixo. Então a gente levava em conta essa especificação de tamanho e de idade. Às vezes, tinha garotos aqui com uma altura de 1 metro e 60, então tudo isso contribuía para que a gente organizasse a o perfil da quadrilha.

A- Aí eles vinham por espontânea vontade ou vocês faziam o convite?

M- Não, muitos nos procuravam por espontânea vontade vinha porque aquilo era um momento especial para a vida deles, já que aqui nós não temos nenhum, como se diz/ nada a oferecer aos jovens com relação a modismo, a::a distração, então eles não nós procurava e faltava a gente também ia procurar o jovem, até na casa da pessoa a gente ia: “você não quer dançar quadrilha?”. Mas normalmente eles viam nós procurar, ainda hoje nós procura mesmo tendo terminado essa fase, nós procuram.

A- Aí tinha algum limite?

M- Limite de quê?

A- De idade.

M- Não, a primeira coisa que nós fazia era falar com os pais, se fosse menor de idade a gente falava com os pais isso é muito natural respeitando até o código de justiça né? Então a gente falava com os pais e dizia que ele queria brincar quadrilha e dizia que precisava... muito embora toda a ornamentação da quadrilha, incluindo as peças individuais eram nós que fornecemos (eu e Mudinha).

A- Então o perfil era mais esse/ jovem de 14 a:a.

M- De 14 a 18, 20,22 até isso chegou a ter.

A- Vocês queriam deixar mais alinhados...

M- Mais alinhado, isso contribui muito para o visual da quadrilha, porque um alto outro baixo, não dava certo.

A- Era mais privilegiado o tamanho que a idade, é isso?

M- O tamanho e também a forma de dançar, a habilidade que a pessoa tinha para dançar, a gente colocava muito isso em conta porque uma quadrilha mesmo com uma pessoa alta, dançando ruim a gente vazia toda essa experiência.

A- Tá certo, então é isso Cineide. Obrigado!

M- De nada

ENTREVISTA 2

17-08-2018

Entrevista realizada no distrito Felizardo (Ipaumirim-CE) com a senhora Josefa Luciene Dias Rolim, para o trabalho monográfico intitulado: “O espetáculo junino: as manifestações festivas das quadrilhas do distrito Felizardo (Ipaumirim-CE), 1985-2013”, a cargo da aluna Amanda de Sousa Rodrigues.

A- Qual o teu nome completo? (barulho ao fundo de música)

L- Josefa Luciene Dias Rolim

A- A idade?

L- 52, não se admirem (risos).

A- Tu mora há quanto tempo no distrito?

L- Na realidade eu nasci aqui né!

A- Uhum

L- Aí fui...estudei minha vida toda na Paraíba aqui em cajazeiras, mas todo final de semana era aqui, férias era aqui. E depois estudei em Campina Grande fiz pedagogia e em 80, 91 quando terminei meu curso de pedagogia, eu fui para o Maranhão morei por 17 anos no Maranhão, mas todos os anos estavam aqui, duas a três vezes ao ano, e desde 2008 que eu vim embora para cá, definitivamente graças a Deus e estou aqui.

A- Aí durante esse tempo que tu morou aqui, como era os festejos juninos?

L- Bom em 83 pra 84 eu acredito, não tenho assim... acho que foi. A gente eu, Rubens (Maninho) né?

A- Uhum.

L- Como todo mundo conhece Serfola, Carmen Lúcia - minha irmã - nós, nós... partiu de uma ideia de Carmen da gente comemorar as festas juninas, uma vez que moravam em Campina Grande, que era o sempre tido como “o maior São João do mundo”.

A- Era!

L- E tinha aquelas quadrilhas né, muito bonitas e tudo, então foi uma inspiração para a gente também fazer aqui. Uma vez que aqui é, nós não tínhamos as quadrilhas, tínhamos o forró que é tradicional, mas as quadrilhas não tínhamos né. E aí foi quando a gente começou a fazer as quadrilhas aqui, que como hoje, já o que? São mais de 30 anos né?

A- Uhum.

L- Que era uma festa tradicional e aí foi crescendo, crescendo, crescendo, alguns anos não foi possível fazer a quadrilha às vezes pelo falecimento de alguma pessoa, às vezes pela falta de condição, mas o começo da festa, o intuito da festa, o objetivo da festa, era comemorar as festas juninas né? Em homenagem a São João, São Pedro e Santo Antônio. É tanto que as nossas quadrilhas eram fest... feitas no mês de junho, né? Mês que realmente são comemoradas essas festas. Aí era, era muito característica as roupas estampadas, aquela coisa de matuto né? Que a gente chamava, mas aí com o passar do tempo as coisas foram evoluindo e também foi perdendo essa questão tradicional né?

A- Uhum.

L- Mas, e estamos hoje sem as nossas festas né?

A- Uhum.

L- Infelizmente, né?

A- Aí antes da Tabako Fumaçando só existia o forró nera? Uma festinha...

L- Era as festas, festas de forró. A quadrilha, aquela quadrilha no meio de rua como a gente começou, iniciou, realmente não tinha né?

A- Uhum. Aí além da quadrilha que tem a noite, a festa né?

L- Uhum

A- Durante a manhã existia alguma outra atividade pela manhã?

L- Fazíamos, a gente fazia as tradicionais corridas de jegues, corrida de saco, do ovo na colher, né? Aquele folclore natural e tradicional do, do, do... dessa época também, tudo isso a gente fazia. Inclusive quando a quadrilha, a nossa quadrilha Tabako Fumaçando completou 15 anos foram três dias de festas, foi sexta, sábado e domingo e todos os três dias além dessas brincadeiras de rua e tudo, com distribuição de prêmios, é sorteios de brindes, tínhamos também sanfoneiros né? Daqui da nossa região, bandas também daqui da nossa região e até culminar no dia que era a grande quadrilha e depois a festa dançante para todo mundo.

A- Aí qual era o objetivo dessas atividades?

L- O objetivo principal na época era a diversão.

A- Uhum.

L- Diversão para o povo do distrito porque realmente a gente não tinha uma festa tradicional. Nós tínhamos, que que não é do tempo de vocês (risos), mas eu alcancei, eu era criança. Nós tínhamos as festas tradicionais da igreja, que era quando se dividia em dois grupos que chamavam de dois partidos, né? Aí cada um ia trabalhar pedir ofertas para igreja e aí tinha a questão da rainha que o partido que tirasse mais contribuição, no dinheiro, em alimento, seja o que fosse, que as pessoas ofertassem, era o partido vencedor. Aí a rainha ia ser coroada, e aí tinha festa aqui na calçada da igreja, era essas nossas festas assim mais tradicionais, aí pronto! E tinha essas festas de forró, depois tinha uma quadra aqui -hoje onde é ali a casa que Vicente mora- ali vizinha tinha uma quadra de dança. Tinha uma quadra também, que era do seu Cazuzza - onde é hoje o CRAS-, aqui também era uma quadra dançante que era de Tico – filho de seu Cazuzza – então eram os locais onde tinham festas, aí se contratava uma banda de música, que na época era banda de música.. era conjunto! Eram os conjuntos de músicas, não era banda, eram conjuntos... aí vinham tocavam e a gente dançava. Tinha as tradicionais tertúlias aqui na casa de Maria Divina (onde dona das Neves morava que faleceu recentemente) ali, naquele salão, aquela sala, serviu de salão de festa botava o som na radiola, e a gente dançava.

A- Tertúlia é festa?

L- Tertúlia era um tipo de festa, só que era uma festa assim mais caseira. Entendeu?

A- Uhum.

L- E aí tinha tertúlia ali, tinha tertúlias em outros locais aqui, e era esse o nosso divertimento e sentar na calçada da igreja e conversar e papear, até altas horas (risos) que não tínhamos hoje o risco que a gente tem hoje né?

A- Uhum. Aí qual a tua participação na quadrilha?

L- Eu fui... Eu sou denominada como uma das fundadoras, porque fomos eu Carmen, Séfora e Maninho nos juntamos, idealizamos é, e surgiu, foi surgindo. E... e... fomos chamar o pessoal para dançar, o pessoal muito assim..., a novidade de dançar uma quadrilha, mostrar para o distrito que a gente pode fazer algo diferente, então todo mundo com muita boa vontade. Os ensaios olhem para vocês terem uma ideia o pessoal que residia nos sítios, estudavam aqui na escola a noite e depois das aulas era o ensaio. Outra quadra também que teve aqui, ali onde hoje é a loja de Marcia e a mercearia de tio Zuca, ali tinha uma quadra também, tinha um bar e a quadra, nós ensaiava lá e quando era já na véspera da quadrilha nós ensaiava no meio da rua para demarcar os lugares, tudo direitinho para ver como ia ser. A- Uhum.

L- E tradicionalmente tinha o casamento antes da quadrilha, que sempre foi uma coisa que chamou muito a atenção. Porque é, a gente retratava no casamento aquela coisa folclórica de dizer que a moça casou grávida, que às vezes o filho não era do noivo, e assim era bem engraçado, era muito folclórico, e tínhamos e... E além de ser engraçados os casamento, nós passamos também nesses casamentos a retratar as coisas do cotidiano, problemas sociais, que aconteceu. A gente retratava isso de uma forma engraçada, e era muito divertido.

A- E as apresentações das quadrilhas sempre foi ali?

L- Sempre foi ali, de frente a capela.

A- Uhum.

L- Sempre foi! Lembro-me que nossa primeira quadrilha é o calçamento, que aquele calçamento, que é mais antigo, que é daquela parte lá, vocês podem perceber que ele é mais aberto entre as pedras, e nós dançávamos no calçamento. Aí depois alguns anos foi que se teve a ideia de cimentar aquela parte ali, para facilitar né? Quando começou a se dançar com calçados mais alto, as danças mais coreografadas, né?

A- Uhum. Mas vocês sempre enfeitavam, nera?

L- Enfeitava, nós sempre enfeitávamos de bandeirolas, os vulcões, quando a quadrilha ia entrando a gente ainda... pra embelezar a festa.

A- Aí tu chegou a dançar alguma vez?

L- Dancei, enquanto eu morei aqui antes de 91 acho que até 90, eu dancei quadrilha, antes deu ir me embora.

A- Na Tabako Fumaçando né?

L- Tabako Fumaçando!

A- Aí o que foi que te motivou a participar?

L- A dançar?

A- Uhum.

L- Eu acho assim, como nós estava à frente é, e também era um prazer né?

A- Uhum

(Conversas ao fundo)

L- Dançar, gente achava... eu achava bom demais, maravilhoso, ainda tenho uma, mamãe ainda guardou um dos, o primeiro vestido, eu não sei se era o meu ou de Carmen, mas era de um chitão assim, um chitão azul com as rodas coloridas de vermelho e a outra... Que a quadrilha era de dividida assim: a metade de uma cor, e metade de outra. A outra, a outra parte era o chitão cor-de-rosa também com as com as rosas vermelhas/verdes, se eu tiver enganada; a sandália, era uma sandalinha que a gente chamava japonesa, mas que hoje é Havaianas aí a gente pensava a sandália de tira, e amarrada na perna e o chapéu na cabeça. Eram esses os adornos que a gente tinha pra dançar, e dançávamos com prazer com vontade puramente diversão e mostrando que o nosso distrito, a gente sabe que sempre teve esse lado cultural muito enraizado e muito inflamado na gente. E era isso... (celular tocando)

A- Aí em relação às fotografias e vídeos, eles partiam da organização ou quadrilheiros?

L- De todos de uma forma geral, porque assim tinha os organizadores, mas todas as pessoas contribuía com toda a organização.

A- Uhum

L- Certo! No dia da quadrilha é, a título de exemplo no dia da quadrilha todo mundo ia para rua, varrer o chão, e pendurar bandeirola, todo mundo participavam não tinha ninguém que ficasse de fora. Aí foram surgindo às ideias de, das filmagens né?

A- Uhum

L- Aí pronto, aí eu... inclusive eu encontrei duas fitas da quadrilha, lá em casa, agora, a pouco dias Raimundinho encontrou. Aí vai ficar registrado né? (barulho ao fundo) Agora muita coisa se perdeu, como por exemplo, a parte escrita dos casamentos, eu não sei, a gente não sabe assim com quem ficou. Entendeu? Porque a gente primeiro escrevi o

casamento, se juntar várias pessoas e ia escrever. Não era uma só, aí um ia dizendo assim bota isso, bota o noivo pra falar isso, o pai da noiva vai dizer isso, o padre isso aí. Entendeu? E aí, mas muita coisa se perdeu, tem muitos anos que não tem registros, por exemplo, uma foto isolada de uma pessoa, não tem a quadrilha toda, mas é um acervo que infelizmente era para estar conservado e está né? Até porque a gente nem imaginava que ia tomar essa dimensão todinha, que tomou né? De ficar viva por mais de 30 anos. (Música ao fundo)

A- Porque começou só como uma brincadeira né?

L- Como uma brincadeira, como uma brincadeira...

A- Aí em relação a prefeitura e a Secretária de Cultura.

L- Uhum.

A- Eles tiveram alguma participação?

L- Tiveram, tiveram depois. Os primeiros anos da quadrilha quem patrocina quem ajudava era meu pai, e tio João. No início eles, a empresa que era deles dois (J Dias & Rolim) era quem ajudava, papai deu uma contribuição muito grande, tio João também, mas ia depois à medida que as coisas vão crescendo, você tem que elas vão precisando de mais recursos para que aconteça né? Infelizmente chegou um tempo que a questão política foi usada pra... né? Nestas festas.

A-Uhum.

L- A gente vê que infelizmente aconteceu né? Infelizmente e felizmente, porque também através da política, de apoio prefeitura, é foi que também começou a se trazer bandas melhores, até né? Porque o público quando entra e quando tem a disponibilidade como a Secretária de Cultura ou a própria administração, o gestor, aí vai contribuído de uma forma, e é uma forma também de aparecer, então a coisa fica mais né?

A- Uhum.

L- Evoluir, de uma forma que talvez a gente não queira, mas cresceu né?

A- Aí em relação às músicas o que predominava mais?

L- Quando, no início eram as músicas pé-de-serra mesmo, aquele ritmo de quadrilha, que era aquele (entrevistada canta o toque), a gente dançava uma quadrilha todinha com aquele ritmo. Entendeu? Não como hoje, que é um axé? E uma né? São umas coisa mais elaboradas, são esses ritmos, porque eu não tenho muita noção das coisa não, mas deu certo (risos). Esses ritmos baianos né? Que é muito usado, daí a pouco tem uma música mais lenta, tem os forros atuais, os ritmos atuais, a diferença é isso aí. Lá atrás não, era o

forró pé de serra mesmo, terminou a festa vamos pra sanfona – Luiz Gonzaga, Dominginhos, Marines –, que eu não sei se tem algum desse aqui que vocês não...

A- Conhecemos.

L- Vocês conhecem né?

A-Uhum. Aí qual o maior desafio em manter as festas juninas?

L- Olha quando eu fui embora daqui, outras pessoas foram assumindo a coordenação dos trabalhos, mas eu acredito que o maior desafio realmente de 2013 para cá eu, de certa forma eu quis resgatar essa quadrilha sem aquela questão política envolvida, envolver todo mundo em prol do quê? Da questão cultural do nosso distrito, de manter uma cultura que estava se desgastando, que não se tornasse é, aquele arrimo político?

A- Uhum

L- Não é, como a gente pode ver.

L- A questão mais difícil é a questão financeira mesmo. Primeiro porque, como mudou o cenário, aquela roupa de chita já não agrada mais as pessoas que vão dançar, os dançantes eles querem..., a gente hoje quer até fazer uma exibição mais bonita né? Da quadrilha.

A- É.

L- Isso requer mais recursos financeiros, então assim fica difícil de você conseguir em um distrito pequeno como o nosso, se você não tiver apoio financeiro, fica difícil de fazer, porque as roupas são caras, o aluguel da roupa é muito caro, a ornamentação é cara, entendeu? E o desafio maior é a situação, é o cunho financeiro para fazer a festa.

A- Uhum.

L- As bandas são caras, não são baratas, entendeu? Tudo é mais, o custo é maior com certeza! O que agradava lá no passado hoje não agrada mais, o público é mais exigente né?

A- Então as modificações que vocês fizeram parte também do público? Vocês querem agradar ao público?

L-Também precisa-se agradar o público né? E a gente, pra própria quadrilha ter o sucesso e ter reconhecimento, ela tem que agradar a público.

A- Uhum.

L- Né!

A- Aí no início, Luciene, quando vocês resolveram trazer a quadrilha para cá, qual era o verdadeiro objetivo de vocês?

L- Era a diversão, a gente só pensava assim em uma forma diferente de se divertir, de alegrar o nosso distrito, de trazer uma festa que envolvesse toda a população do distrito, mas que fossem uma apresentação saudável, uma apresentação divertida, uma apresentação que a gente não tinha aqui né?

A- Uhum.

L- E sabíamos que trazendo aquilo ali todo mundo ia gostar, porque também faz parte da nossa cultura enquanto nordestinos.

A- É. E em relação às inovações na tua opinião ocorreu?

L- Inovações?

A- Sim, no decorrer da quadrilha.

L- Muitas.

A- Aí tu poderia citar algumas?

L- Pronto! Olhe, foi se procurando temas para se desenvolverem durante a quadrilha, coisas assim que a gente lá atrás não tinha essa visão né?

A- Uhum.

L- Lembro-me de ano que se falou da seca do Estado do Ceará foi uma apresentação muito bonita; já se falou das águas do São Francisco foi uma apresentação muito bonita, tem aquela entrada, aquele painel mostrando (interrupção), então tudo isso é inovação, pessoas caracterizadas com relação ao tema isso é inovação.

A- E os temas eram todos relacionados ao Nordeste?

L- Em sua maioria sim, em sua maioria sim (interrupção).

A- Então é isso...

ENTREVISTA 3

13-09-2018

Entrevista realizada no distrito Felizardo (Ipaumirim-CE) com a senhor Rubens Dario Tavares Vieira, para o trabalho monográfico intitulado “O espetáculo junino: as manifestações festivas das quadrilhas do distrito Felizardo (Ipaumirim-CE), 1985-2013”, a cargo da aluna Amanda de Sousa Rodrigues.

A- Qual o nome completo do senhor?

R- Rubens Dario Tavares Vieira

A- E a idade?

R- Eu tenho 54 anos.

A- Mora há quanto tempo no distrito Felizardo?

R- Na verdade eu não resido no distrito né?

A- Uhum

R- Eu trabalho em Ipaumirim e sempre estou aqui, eu moro no município do Barro, na cidade do Barro, mas toda semana eu estou em Ipaumirim e aqui no Felizardo.

A- Tá certo! Aí durante o tempo que o senhor está aqui como era os festejos juninos? Logo no começo...

R- Olha, a quadrilhas digamos assim que preconizou, que começou todo esse trabalho foi o Tabako Fumaçando. Isso foi idealizado na década de 80, quando isso começou nós éramos universitários em Campina Grande - eu, Luciene, Carmen (irmã dela), e minha irmã Sefola - então fomos nós quatro que idealizamos a ideia de trazer uma festa junina pra cá, que em verdade o distrito não tinha, o distrito era carente disso, essa cultura tão nossa da cultura junina não tinha no distrito.

A- Uhum

R- Então, a gente conseguiu a princípio trazer ela para cá, de maneira é, logo no início um tanto improvisada, mas que ficou recheada como é até hoje. Então naquela época as festas juninas não existiam aqui, de forma sistematizada como uma quadrilha foi então o Tabako Fumaçando que deu início ao que temos hoje.

A- Então não tinha nenhuma quadrilha aqui antes da Tabako Fumaçando?

R- Não, não tinha nenhuma quadrilha.

A- Aí tu sabe dizer como era comemorado o São João?

R- A comemoração do São João aqui era típica, cada morador do distrito colocava sua fogueira na frente de sua casa e aquelas comidas típicas cada uma fazia em sua casa, mas não tinha uma festa que agregasse todo mundo.

A- Uhum

R- Uma festa que juntasse a comunidade, o Tabako Fumaçando realmente foi a precursora da história junina do distrito Felizardo.

A- Ok!

A- Aí além da festa a noite, no caso do Tabaco Fumaçando que tem a quadrilha e também uma banda né?

R- Uhum

A- Havia alguma outra atividade que ocorria pela manhã?

R- Com o passar dos anos o Tabako Fumaçando então passou a fazer umas atividades extras, houve ocasião que era atividade o dia inteiro como – gincana, competições, corridas de animal, corrida de pedestre – a gente sempre tentou somar a quadrilha a outras atividades de outros cunho cultural e sempre envolvia isso. Mas também não foram todas as vezes que a quadrilha aconteceu isso em situações esporádicas, que a quadrilha era acompanhada de outras atividades também de ordem cultural, esportiva que se somaria ao todo que era realizado a noite.

A- Aí tu sabe dizer o objetivo dessas outras atividades?

R- As atividades na verdade era uma espécie de abrir o leque de opções, porque você teria então a quadrilha junina a noite, que era especificamente das festas daquele período, no entanto o distrito sempre foi muito bom em produzir valores, o distrito Felizardo sempre foi vanguardista em ter pessoas com cabeças boas tal, pensantes e na verdade essa atividade era mais para agregar essas pessoas também trazê-las para estar junto conosco então tinha essa função.

A- Tá ok. Aí qual sua relação com os festejos juninos?

R- Desculpa eu não...

A- A tua história com as festas juninas aqui no Felizardo?

R- Aqui no Felizardo, bom, a minha com a festa junina daqui do felizardo começa na década de 80 a 85, 86 mais ou menos, 87. Durante esses três anos que eu fazia faculdade em Campina Grande como eu já lhe disse, e foi a partir daí que a gente pensou em trazer porque Campina Grande é uma cidade respira-se o São João.

A- É.

R- São 30 dias de festa lá.

A- Uhum.

R- Tem o parque do povo e tal, então a gente que morava lá vivia isso então a gente começou a pensar a ideia de trazer para cá. Só pra você ter uma ideia o nome Tabako Fumando foi pensado por mim, o Tabako Fumaçando o nome mesmo assim dos quatro que deram início no trabalho como eu já lhe disse – eu, Carmen, Luciene e minha irmã Sefola – a ideia de ter o nome Tabako Fumaçando foi eu que dei.

A- Aí da onde surge essa ideia?

R- Ah, na verdade tem um sentido duplo, tem um sentido duplo aí.

A- Uhum

R- O tabako em si é o fumo.

A- Uhum

R- Tradicionalmente, né? E tem o símbolo era o cachimbo, como ainda é hoje. A ideia seria o seguinte sabe, com o São João você fica inebriado com o fumo quando as pessoas fumam.

A- Uhum

R- E ao mesmo tempo era quente.

A- É.

R- O São João era quente, então tinha esse objetivo de fazer essas duas coisas de dizer que você ia ficar inebriado, envolvido né? A quadrilha ia envolver você, o São João. E também dizer que seria quente, então daí Tabako Fumaçando né? Então seria alguma coisa que estava em efervescência, queimando e mexendo com todo mundo, a princípio quando eu pensei denominação foi nesse sentido.

A- E em relação a festa de Campina Grande, além do São João vocês trouxeram alguma característica de lá?

R- Do São João de Campina Grande a gente trouxe de lá, na verdade a alegria sabe, porque o São João de Campina Grande é muito variado sabe.

A- Uhum

R- Tem muita coisa que acontece naquela cidade, é uma cidade muito grande. Mas o que a gente pensou a princípio e deu certo foi trazer a alegria sabe, trazer a alegria para distrito e fazer de forma que a gente pudesse contaminar as pessoas com essa alegria, com essa alegria lá. O São João de Campina Grande é muito alegre, as ruas são enfeitadas, os bares e tal. Então o objetivo era esse, a característica principal de Campina Grande era a alegria, alegria do povo e aí a gente resolveu trazer para cá.

A- Então assim, a Tabako Fumaçando ela é uma quadrilha própria do distrito?

R- Sim, sim é uma quadrilha própria do distrito. Eu me arriscaria a dizer inclusive, eu me arriscaria a dizer inclusive, que é a primeira quadrilha sistematizada do Ipaumirim, do município de Ipaumirim.

A- Uhum.

R- E talvez da região que diz respeito a Baixio e Umari, porque é a partir do Tabako Fumaçando nasceram outros arraiais como a gente chama por exemplo o Arraiá da Tabaka que é do Umari é posterior ao Tabako Fumaçando do Felizardo, então eu diria até que a quadrilha enquanto uma festa sistemática, o Tabako Fumaçando é precursor do município de Ipaumirim.

A- Ok. Aí você chegou a dançar alguma quadrilha?

R- Sim, dancei. Dancei no Tabako Fumaçando.

A- Só ela né?

R- Dancei o Tabako Fumaçando, e eu gostaria de dizer que fui a noiva.

A- A noiva!

R- De um ano da quadrilha, a noiva! Porque a gente combinou nesse ano que nós íamos fazer diferente, os homens ia dançar de mulher e as mulheres iam dançar de homens, ninguém teve coragem. E aí o que foi combinado eu com Isabel que atualmente é funcionária pública aqui né? Isabel. Nós combinamos seguintes, já que os outros não tinham coragem Isabel seria o noivo, se vestia de homem.

A- Uhum

R- E eu seria a noiva, eu viria vestido de noiva. Só que isso ficou sabendo apenas, eu, Isabel e mais algumas pessoas da coordenação da quadrilha. O resto da quadrilha ninguém sabia, nem o povo, então de noite eu tava de salto alto, vestido branco, e uma peruca loira e todo pintado. Alguma pessoa foi conhecer bem pouco tempo depois, então eu dancei sim no Tabako Fumaçando, algumas vezes.

A- Tá certo. Aí o que te motivou a participar da quadrilha?

R- Sempre o lado cultural sabe, sempre tá oferecendo ao povo cultura, sempre está oferecendo ao povo opção, fazer crescer o pensamento, enlanguescer a ideias, ampliar os conhecimentos e sem tem uma forma de fazer isso é através da cultura também, a educação é importantíssima, mas a cultura ela vem a reboque da educação. Então o objetivo sempre foi esse trazer cultura, incentivar as pessoas a absorver cultura, a crescer sabe? A amadurecer em cima da cultura, sempre foi isso que me motivou a tá envolvido com essa quadrilha, e principalmente porque como eu lhe disse antes o distrito Felizardo é diferente sabe? O Felizardo...as cabeças mais pensantes de Ipaumirim sempre estiveram no Felizardo, sempre, desde da década de 70, década de 80, década de 90 e hoje ainda continua assim, as boas ideias as boas cabeças estão aqui no distrito em relação ao município todo.

A- Então você vê a quadrilha enquanto uma geradora de conhecimentos também?

R- Sim, sem dúvida foi uma forma de você trazer conhecimento, de despertar nas pessoas o conhecimento. Porque a quadrilha Tabako Fumaçando no passado, ela era um tanto quanto crítica sabe? Ela, ela num, ela num era só uma quadrilha por exemplo todo ano a gente tinha uma temática para colocar no casamento matuto.

A- Uhum

R- Lembro-me que na época a discussão sobre a AIDS, sobre o HIV era muito forte nós fizemos um casamento matuto que falava da sexualidade e falava de AIDS. Lembro-me de um tempo também, é que o Felizardo tradicionalmente só tinha a igreja católica, há 30 anos atrás mais ou menos, 40 anos atrás e começou então a surgir igrejas evangélicas. Aí houve um clima da cidade as pessoas da igreja umas com as outras, nós colocamos isso dentro da quadrilha, o casamento o noivo tinha morrido e nesta ocasião o noivo era Gilberto Cavalcante.

A- Uhum.

R- E simplesmente Gilberto, ficou acordado com Gilberto que pouca gente saberia o que ia acontecer, e aí antes de começar a quadrilha eu subir no palco, peguei o microfone já tinha muita gente, era a banda de seu Chico Amadeu de, que fazia muito sucesso na época era de Várzea Alegre e eu pedi desculpas ao povo, pedi para o povo ir pra casa, embora, porque tinha morrido um grande amigo nosso que não ia ter mais festa. E aí todo mundo ficou em silêncio na praça, aquele negócio todo e aí a gente pediu desculpa a banda e tal, nem a banda não tava entendendo nada, ficou assim, sabe? E depois que criou o clima aí eu disse que quem tinha morrido era Zé Tabako (Zé Tabako era o nome do noivo Gilberto), nessa hora Gilberto entra em uma rede no pau que antigamente as pessoas eram muito pobres não tinha como enterrar seus entes queridos, não tinha caixão, não tinha plano... plano funerário, então na década de 50, década de 60 era muito comum enterrar as pessoas em uma rede, colocava um pau aqui e tal.

A- Uhum, era...

R- E lá entra Gilberto, as luzes foram apagadas propositalmente e sai da casa da minha vó ali Gilberto dentro de uma rede e todos os membros da quadrilha com uma vela na mão e cantando aquelas músicas de pessoas que morreu, e o objetivo então tinha um pastou na quadrilha, um pastor e esse pastor fez Zé Tabako ressuscitar, e a gente fez essa coisa da igreja. No outro ano a gente arrumava um tema, fazia críticas à gestão municipal né? A Prefeitura, é uma vez colocamos noivo dentro do carro de, de, da ambulância veio buscar

a noiva grávida tal e carro atrasou então a gente criticava a saúde por conta disso, o Tabako Fumaçando sempre foi, tinha esse lado crítico sabe?

A- Uhum

(Conversas ao fundo)

R- Objetivamente crítico também em relação a um bocado de coisa.

A- Vocês procuravam ligar o tema com contexto?

R- Sim, o que tava acontecendo a gente colocava dentro da quadrilha, aí eu lhe dizer que a quadrilha no pensamento da gente naquela época e no meu principalmente era de dar informação sabe? De fazer com que as pessoa além de ver a festa, elas tivessem um poder de criticidade sobre da realidade, sobre os fatos da vida, a Tabako Fumaçando sempre foi isso.

A- E vocês gostavam também de surpreender o público, nera?

R- Sim, todo casamento tinha uma surpresa, todo. Nós tivemos noivo entrando em carro de mão, um jumento com dois caçoar a noiva de um lado e o noivo de outro, entrou no carro da polícia a gente conseguiu, entrou na ambulância a gente conseguiu, essas coisas a gente organizava, e colocava. Então todo casamento matuto tinha uma surpresa, tinha uma coisa que chamava a atenção das pessoas.

A- Tá ok. Aí em relação aos registros da quadrilha, porque a gente fez um levantamento encontrou fotografias, vídeos.

R- Uhum.

A- Esses registros parte da organização da quadrilha ou das pessoas que dançam?

R- Eu diria a você que nunca houve assim uma preocupação na minha opinião conosco que fazíamos a quadrilha em tá guardado isso sabe?

A- Uhum

R- Por exemplo, realmente seria muito bom se a gente tivesse o primeiro vestido da quadrilha, que a gente tivesse muitas coisas, mas eu diria que a maioria dos registros fotográficos, até porque a época não tinha celular né?

A- É .

R- Era câmera mesmo digital, nem digital, era câmera mesmo de filme antiga.

A- Sim, Kodak.

R- E nem era todo mundo que tinha esses recursos, a gente contratava um fotógrafo pro cara vir fotografar. Mais pra frente o povo já filmava a quadrilha, já tinha câmera de filmagem né? No entanto eu diria a você que a maior parte dos registros hoje estejam com

pessoas que fizeram na época e tal, não houve uma preocupação na minha opinião de quem organiza ter um registro, fazer uma memória da festa em si.

A- A gente percebeu porque tinha pouca foto da quadrilha.

R- Verdade, é em função disso (barulho ao fundo).

A- Uhum. Aí em relação a Prefeitura, Secretaria de Cultura, ela tinha alguma participação na quadrilha?

R- Olhe na época que essa quadrilha começou ela não tinha envolvimento com, com a prefeitura sabe?

A- Uhum

R- A quadrilha era um esforço privado, e caso quem mais contribui com a quadrilha era é João Rolim, e seu Zezé que no caso pai de Carmen e Luciene, eles tinham uma empresa em conjunto, então no caso o patrocínio era um patrocínio basicamente privado e aí somado a esse patrocínio privado existia o esforço dos componentes, então a quadrilha no começo tinha muita liberdade de criticar.

A- É.

R- Várias coisas... o problema é que quando não foi possível fazê-la só com o patrocínio privado, já houve algumas dificuldades, os tempos foram mudando, então a Prefeitura começou a patrocinar, daí entendo também que lamentavelmente a quadrilha perdeu sua maior característica sabe? Sua maior característica.

A- Por causa da crítica? (Barulho ao fundo)

R- Que era exatamente essa por causa da crítica, levar a crítica, suscita debates, buscar envolver as pessoas, criar assim em bons termos a “confusão”, sabe?

A- Uhum.

R- Passavam o ano todinho o pessoal falando esperando a outra quadrilha sabe? Então depois passou a ter um patrocínio da Prefeitura, da Secretaria Cultura, ou seja, a gestão municipal, até deputados passaram a dar dinheiro e na minha opinião isso tirou o brilho da quadrilha sabe? No quesito é criticidade, poder de criticidade e também é verdade que o casamento matuto foi ficando sabe? Sem ser realizado, os passos da quadrilha (que aí eu não gosto disso) ficaram uns passos mais modernos sabe? A- Uhum

R- Você não tem mais o anarriê, o olha a cobra, o olha a chuva, então a quadrilha foi perdendo na minha opinião uma característica muito boa, que era o tradicionalismo dela, as quadrilhas hoje são mais, é um espetáculo de ser visto hoje, são passos, roupas coloridas, estilo europeu.

A- É (barulho ao fundo).

R- Sabe, não tem mais o vestido de chita, matuta, essa influência também de entrar outros patrocinadores tal foi também na minha opinião modificando o caráter e o perfil da própria quadrilha.

A- Uhum. Aí quais as maiores dificuldades em manter as festas juninas?

R- Olha eu diria pra você que a maior dificuldade em manter a festa junina foi exatamente é, até quando eu participei diretamente dela diga se de passagem, porque a quadrilha já tem 30 e tantos anos e eu participei efetivamente dela durante 15 anos.

A- Foi logo no comecinho né?

R- É, nos primeiros 15 anos eu estava juntamente com Carmen, Sefora, Luciene, com o pessoal que colaborou muito, fazendo essa quadrilha. Nos 15 anos da quadrilha eu me afastei dela.

A- Uhum.

R- Porque realmente ela começava a perder o brilho que eu entendo que ela tinha, nos 15 anos já teve muito ajuda de Prefeitura, aí você tinha que tá falando nome do prefeito e aquela coisa toda, e você não poderia mais nem criticá-lo, porque como você ia criticar alguém que tava dando...

A- Que estava ajudando.

R- Então perdeu, a quadrilha perdeu a maior identidade dela que era o poder de criticidade, então na minha opinião a maior dificuldade pra quadrilha depois foi exatamente esse, perder o caráter privado dela, de uma festa patrocinada pelo poder, pelo poder privado, pela parte mais empresarial e passar a envolver-se com os patrocínios públicos isso na minha opinião foi a maior dificuldade e que de certa forma chegou ao estado que nós vemos hoje não tem mais o mesmo brilho.

A- É.

R- Já não tem mais a mesma sequência sabe, já não tem mais a mesma paixão sabe, agora o nome Tabako Fumaçando ainda é muito forte, continua até hoje, a região toda conheci quando fala em Tabako Fumaçando.

A- Aí você acha que a Prefeitura, as autoridades públicas, eles tinham uma preocupação também com as festas juninas ou era mais do distrito?

R- Não era mais do distrito, e lá vai a minha criticidade ainda hoje a cultura em termos oficiais em Ipaumirim é pobre, a Secretária de Cultura é pobre sabe, pobre, pobre, pobre, pobre, Secretária de Cultura não tem estrutura, não tem pessoal, é terrível e o município de

Ipaumirim e o Felizardo principalmente é um potencial cultural é muito grande, então falta apoio, falta ação, e falta decisão política e investir em cultura no município de Ipaumirim nós não temos e o distrito Felizardo eu diria que é o mais prejudicado, porque entendo que aqui é onde estão as melhores cabeças, e o melhores pensamentos na parte cultural, artística, de música tá tudo aqui no distrito, mas não tem ainda infelizmente um poder político, uma decisão política de investir em cultura.

A- Tá certo.

A- Aí qual o maior objetivo em forma a quadrilha, no caso o Tabako Fumaçando em que você estava à frente?

R- O maior objetivo em forma a quadrilha, em tê-la naquela época é exatamente o que eu já lhe falei né? Era trazer cultura, fazer as pessoas beberem da cultura sabe, e na verdade enraizar o que já era raiz só que não tava mostrando seus frutos sabe, não crescia sabe?

A- Uhum.

R- O São João é nosso, o forró é nosso, é uma coisa nossa, é do povo. Só que o Felizardo não conseguia transmitir isso pra ninguém. Então o objetivo principal era fazer com que as pessoas bebessem na taça da cultura, que as pessoas pudessem se embebedar de cultura, de participar, de ter uma atividade cultural dentro do distrito esse era o objetivo maior foi esse pensamento que nós quatro em Campina Grande trouxe para cá, então fundamentalmente o objetivo maior da quadrilha, do Tabako Fumaçando foi cultura fazer com que as pessoas se envolvessem com a cultura junina.

A- Ok. Aí na sua opinião as quadrilhas inovaram nas apresentações?

R- Desculpa, faz a pergunta de novo!

A- Na tua opinião as quadrilhas inovaram nas apresentações?

R- Eu diria que sim e perderam na minha opinião na identidade, as quadrilhas hoje, as inovações nas quadrilhas hoje, as quadrilhas hoje elas estão mais voltadas para competir.

A- É.

R- Então as roupas são bonitas, e muito cheio de brilho, saias rodadas, gente muito bem maquiada, é... ou seja, são seus trajes são especiais, caríssimos porque quem não tem, tem que alugar tal, então eu diria que as quadrilhas inovaram, realmente há uma nova roupagem da quadrilha. Porém, infelizmente a gente tem que dizer perdeu a identidade, porque a quadrilha tradicional essa morreu, não existe mais.

A- Aí tu sabe dizer a razão que levou essa transformação? (Barulho ao fundo)

R- Eu diria que a mídia em si sabe, as informações, as tecnologias.

A- Uhum.

R- Então de uma certa forma as pessoas foram, foram tendo acesso às informações as quadrilhas não sei de onde, do festival de quadrilha disso, do festival de quadrilha daquilo, a música foi mudando sabe, antigamente você só, só dançava quadrilha com Luiz Gonzaga, era a música de Luiz Gonzaga sabe.

A- Uhum.

R- Era o forró bem tradicional, hoje em dia com Aviões do Forró, a música não sei de quem tal. Na minha opinião essa modificação não é tão benéfica, sabe? Porque ela tira, tira a identidade, descaracteriza realmente a cultura como ela deve ser, claro que não tem como você negar que os tempos são outros, a modernidade chegou e tal.

A- Uhum.

R- Eu também não seria ingênuo em dizer que a modernidade, as tecnologias, a informação não ia ter uma interferência na quadrilha. Sim, tem que ter, nós temos que nos adequar a modernidade, a contemporaneidade dos fatos, porém embora tenha havido uma inovação sabe, eu insisto em dizer que infelizmente isso levou a perder a identidade que a quadrilha junina tradicional do passado tinha.

A- Tá certo. Pronto, é isso. Sim, e essa questão da inovação de como ela foi recebida, tu já falou o lado negativo?

R- Uhum.

A- Aí tu acha que houve um positivo?

R- Tem o positivo na verdade é isso, ela, ela... de uma certa forma quadrilha está inserida em um contexto mais amplo sabe.

A- Uhum

R- Então ela já participa, já tem outros eventos que ela vai porque já está moldada de acordo com aquele torneio, então tem o torneio de quadrilha esse torneio de quadrilha exige que tenha mais, que o estilo seja outro, que tenha toda uma parte estética bonita demais, colorida, muitas roupas. Na minha opinião isso também é cultura não deixa de ser sabe? Não sou uma pessoa fechada pra cultura, na minha opinião tudo é cultura.

A- Uhum

R- Qualquer atividade artística é cultura, no entanto eu ainda acredito que as raízes não podem ser perdidas sabe, a identidade original, a base que você teve lá no passado não pode ser perdida e na minha opinião ela está perdida hoje. Então inovar também tem seu lado positivo deixa você em sintonia, deixa você contemporâneo, deixa você na vanguarda

do que está acontecendo no mundo, porém embora isso seja bastante positivo mais de uma certa forma prejudica a originalidade, a história.

A- Pronto é isso, obrigado!

R- Pois tá, minha querida. Por nada. (+) a quadrilha Tabako Fumaçando representa muito para esse povo, muito pra esse povo, sabe?

A- Uhum.

R- Na década de 70, o que ajudou muito esse distrito, o que ajudou muito esse distrito foi a cultura que era feita no show, chamado show de dublagem.

A- Que era aqui?

R- Aqui, show de dublagem. Quem dublava nesse show Concita Cavalcante, Conceição que hoje mora em Cajazeiras e tem um restaurante, dublava Elba Ramalho como ninguém (+) a gente fazia show de dublagem, Raimundinho irmão d::e Luciene fazia Belchior, fazia Ney Matogrosso com dublagem. Esse show de dublagem a gente apresentava em Cachoeira dos Índios, apresentava em Ipaumirim, apresentava aqui, sabe?

A- Uhum.

R- Era um sucesso naquela época.

A- Então, assim antes desse movimento de quadrilha, teve outros.

R- De quadrilha, ahhhhh, a história da cultura do Felizardo é muito antiga. A quadrilha veio surgir na década de 80.

A- Uhum.

R- Na década de 70 e 60, principalmente da década de 70 quando tinha a ditadura militar que você não podia fazer nada, nós fazíamos as coisa aqui sabe? Mesmo correndo risco, mas nós fazíamos, era proibido, os militares não deixava você pensar, se expressar... então a década de 60, 70, principalmente 70, sabe? Foi uma década de grandes, de grandes eu diria enfim, ebulições culturais aqui. Peças de teatros, peça de teatro, sabe? Raimundinho tinha uma peça chamada Doidivana, Carmem Lúcia irmã de Luciene era a protagonista dessa peça. A- E era uma coisa aqui do distrito?

R- Aqui, escrita pela gente. As peças eram daqui sabe? Os show, e::e as dublagens, lembro-me de músicas que eram dubladas, por exemplo Jane Herondy aquela música é... como era mesmo? (+) Herondy, “Não se vá!” Sabe?

A- Acho que eu sei, sei!

R- (entrevistado canta parte da música) aí dublava a parte da menina cantando. Tinha também na época fazia muito sucesso era aquela garota lá, que é irmã do Júnior, que é casal filhos de sertanejos, Sandy!

A- Uhum.

R- Sandy e Júnior que são filhos do sertanejo aí.

A- Uhum.

R- Eles cantavam uma música chamada de Mariquinha.

A- Eu sei qual é.

R- Aquilo ali era dublado por crianças na época... Há muita coisa, essa parte cultural do Felizardo, infelizmente os registros da época vão se apagando vai ficando só na memória.

A- Maninho, em relação às quadrilhas ainda, elas aconteciam do mês de julho né?

R- Na verdade as quadrilhas, por que elas não era em junho desde o início?

A- Uhum.

R- Porque nós éramos universitários, e morávamos em Campina Grande. Então a gente estava na universidade, então porque as quadrilhas do Felizardo era em julho, porque não era em junho?

A- É porque bem diferente?

R- Isso! Pronto, mas isso está explicado porque nós éramos universitários na época, eu fazia Psicologia, Carmen fazia Psicologia e Administração que ela cursava paralelamente, minha irmã cursava Serviço Social e Luciene Pedagogia nós todos moramos em Campina Grande. Então, nós não podíamos vir para cá em junho e nós vinha ensaiar, quando dava a gente vinha fazer ensaio de quadrilha sabe no mês de junho? E também porque, porque em junho a gente estava vivendo era o São João de Campina Grande que é feito em junho, lá é tradicional. Então o mês de junho todinho, nós estava vivendo isso lá. Então o que sobrou pra nós, sobrou pra nós organizar a quadrilha daqui no mês de julho, férias! Nós vinha de férias para cá, então daí a quadrilha ser feita dia 20 de julho, 26, 27 já no final das férias. Era uma espécie de fechamento das férias, as férias do mês de julho digamos assim, eram coroadas, chegava ao ápice dela, no culminou com as festas do Felizardo, todo mundo já podia voltar a estudar porque já tinha bebido a cultura do Felizardo do mês de julho. Então a explicação que todo mundo às vezes questiona, porque em junho? Exatamente por isso, porque os organizadores da festa não podia ir em junho, eles eram acadêmicos.

A- Aí além de vocês que vinha de fora tinha outras pessoas?

R- Sim, sim quando eu falo assim nós quatro, eu falo assim de onde nasceu.

A- Uhum.

R- Nasceu em uma conversa no apartamento nós morava juntos, nasceu em uma conversa de apartamento isso, nós morava juntos, eu, Luciene, Carmen, nós morávamos juntos. Isso nasceu lá, então foi dessas quatro cabeças, como eu lhe disse o nome Tabako Fumaçando foi sugestão minha foi lá. Mas a gente não pode negar que as pessoas que ajudaram aqui, Félix, importantíssimo, Isabel, Jarismar, Rasteiro.

A- Félix é Feli?

R- Félix, professor Félix, Feli como a gente chama, né? Rasteiro, é:: é muita gente, Geralda de Gilberto, Gilberto, há se eu fosse enumerar as pessoas que ajudaram, sabe? (Barulho ao fundo) Gilson que é da Serra da Areia hoje acredito que mora em São Paulo.

A- Uhum

R- Gerson irmão dele sabe? Então eram pessoas que participava efetivamente disso, dançavam a quadrilha com prazer, Livan irmão de Leomar, Leomar Crispim, professora Leomar hoje a::a sabe? Quando eu me referi aos quatro, em momento nenhum, não quero tirar o brilho dos demais.

A- Uhum

R- Todo mundo foi importante demais para construir a cultura do Felizardo no que diz questão a parte junina, esses quadro na verdade foram digamos assim os cabeças de onde surgiu a ideia.

A- Tá certo!

R- Mas muita gente importante aqui, mui::ta gente.

A- Tem outro aspecto também de gostaria de saber, como eram organizadas a questão das barracas?

R- Olha Amanda, no início essas barracas eram montadas de maneiras improvisadas como realmente são no São João típico tradicional né. As pessoas daí mesmo do Felizardo passaram a vender comida típica, bebida, enfeitando as barracas com palha de coco bem mesmo rústico e ao mesmo tempo valioso para a questão cultural. Com o tamanho da festa ela foi ganhando uma proporção muito alta, então essas barracas tanto por mim, é eu fiz muito isso , minha irmã também ou até outras pessoas também que estavam envolvidas a gente já fazia um contato lembro bem com a distribuidora de bebida que tinha em Icó no Ceará, e ela já chegava pra festa com as barracas em cima, mesa, cadeira e::e a bebida também e passou a ser de metal, aquela barraca de metal tradicional desse tipo de festa, então a origem das barracas foi muito simples e depois com o passar do

tempo acabou ficando essa parte mais moderna dessas barracas que sempre são ou era naquela época solicitadas junto a distribuidoras de bebidas, pessoas que vendiam cervejas principalmente na região e o depósito central disso que eu me lembro bem era no Icó, era de lá que vinha um caminhão com todas as barracas em cima para serem montadas, mais cadeiras, mais bebidas, o sistema era esse utilizado

A- Então é isso, obrigada!

R- Por nada.

ENTREVISTA 4

26-10-2019

Entrevista realizada no distrito Felizardo (Ipaumirim-CE) com a senhor Rômulo Rocha de Menezes, para o trabalho monográfico intitulado “O espetáculo junino: as manifestações festivas das quadrilhas do distrito Felizardo (Ipaumirim-CE), 1985-2013”, a cargo da aluna Amanda de Sousa Rodrigues.

A- Qual o nome do senhor completo?

R- Rômulo Rocha de Menezes.

A- Sua idade?

R- 53

A- O senhor mora há quanto tempo no Felizardo?

R- Faz um tempo, desde 83.

A- O senhor poderia falar um pouco sobre sua experiência como barraqueira na festa junina? (Interrupção)

R- Olha naquela época era bom, era divertido né.

A- Uhum

R- A gente ia trabalhar mais, assim, montar as barracas mais pela animação que tinha. Era bom você estar naquela/, era bom demais, homem, dois, três dias antes, a gente gostava de fazer nera nem pelo o dinheiro.

A- Aí o senhor ia três dias antes?

R- É

A- Pra marcar lugar?

R- Marcar lugar, montar a barraca cada qual nos seus lugares né, porque eram várias. Naquele tempo não eram poucas, tinha vezes até que eram de 30 barracas só com pessoal daqui né.

A- Uhum

R- e ainda tinha os de fora era bem animado.

A- Aí o senhor acha que houve mudança é? De antes para hoje?

R- Mudou muito! (+) agora praticamente ficou meio /.../ perdeu a animação eu acho, as festas mudou né, não tem mais aquilo de antes, quando entrava a semana ficava naquela expectativa. Hoje já não existe mais isso, as pessoas ficavam todas ansiosa pra aquele dia, não era só um dia de festa era dois, três dias.

A- É porque tinha a Arrasta-pé e no outro dia a Tabako Fumaçando

R- É, isso. Hoje é só/.../ mudou muito.

A- Uhum

A- Aí o que foi que te motivou a montar barraca na rua?

R- É porque a gente queria ganhar algum dinheiro né (risos), mas era mais para estar lá no meio da folia, da animação, conversando com um e com outro.

A- Tá certo.

A- Aí o senhor tem alguma ocupação?

R- Naquela época ou hoje?

A- Sim, naquela época.

R- Naquela época eu trabalhava na roça.

A- Aí trabalhava na roça e quando era o dia quadrilha montava a barraca?

R- Isso.

A- Aí o senhor montava essa barraca em outros lugares ou só aqui mesmo?

R- Não, era só aqui, só nos dias da quadrilha eu era. Outras pessoas não, eu sei que iam. Mas eu era só aqui mesmo.

A- Uhum.

A- Aí como ocorria essa montagem das barracas?

R- Era, era naquela época, era o pessoal de Vicente de Zeca né. Era Maninho, Débora, o Leônidas.

A- Uhum

R- Que falava com o pessoal de Ipaumirim e traziam. Pegava os nomes das pessoas, certo! Que queria barraca, aí trazia a barraca de cada um.

A- No caso, eles quem ficava responsável por pedir permissão.

R- Isso, a gente só ficava quando a barraca estava aqui, tomava de conta né.

A- Quer dizer que já vinha a barraca?

R- Vinha a barraca já.

A- Ah entendi.

R- A gente não tinha as barracas de madeira, a gente só montava depois que estava montada a responsabilidade era da gente, entendeu?

A- Entendi! Aí qual era os critérios que o senhor utilizava para escolher os espaços?

R- A gente ficava sempre procurando aqueles espaços melhores, assim, que achava que as pessoas frequentava mais né.

A- Uhum

R- Mais o centro.

A- No espaço de circulação, né?

R- É.

A- Mas ela poderia ser montada em qualquer lugar?

R- Poderia, naquela época não tinha as exigências acho que da prefeitura, sei lá.

A- Uhum.

A- Aí precisa de alguma permissão da prefeitura?

R- Isso era o pessoal /

A- O pessoal da quadrilha?

R- Era, o pessoal que tomava de conta.

A- Uhum

A- Aí você chegou a pagar alguma taxa ou teve conhecimento sobre?

R- Não, nessa época não, eu nunca paguei não, se alguém pagou não sei.

R- Agora já tem isso né?

A- É, mais os outros que eu perguntei também disseram que não tinha conhecimento, nunca pagaram taxa não.

A- Aí o que o senhor costumava vender na barraca?

R- Eu vendia só bebida, refrigerante, bebida quente, cerveja, só.

A- Alguém te ajudava?

R- Só minha família.

A- As pessoas de casa?

R- As de casa memo.

A- Aí essa questão acho que o senhor respondeu, se vinha alguém de fora?

R- Vinha sempre o pessoal de Ipaumirim e de outras cidades, de Cachoeira tinha sempre né. A- Uhum.

A- Todos possuíam a mesma estrutura de barraca?

R- Tinha alguns que já tinha sua própria barraca. Esses que vinham de fora já tinham, onde tinha uma festa eles montavam.

A- Só os de Felizardo /

R- A gente aqui não trabalhava muito com isso, só na quadrilha né.

A- Uhum, entendo.

A- Aí tinha algum tipo de fiscalização? Em relação às coisas que eram vendidas?

R- Não, não tinha nada disso.

A - Então só tinha a questão de marcar o lugar era ante da festa?

R- Só, só marcar cada um seu lugar, colocava até o nome no chão.

A- Uhum

A- Aí essas pessoas que montavam barraca, costumava trabalhar com isso já? Que nem o senhor que não trabalhava apenas nisso/

R- Eles tinha outras. O seu Lala tinha o bar dele né.

A- Uhum.

R- Sempre teve.

A- E o senhor não tinha?

R- Tinha não, só vendia nessa época.

A- E o senhor acha que era diversificado a questão das barracas? O que elas vendiam?

R- É tinha algumas pessoas que não vendia nem bebida, vendia comida né. Caldo, essas coisa, cachorro-quente, essas coisas assim.

A- Pronto, é isso.

ENTREVISTA 5

18-10-2019

Entrevista realizada no distrito Felizardo (Ipaumirim-CE) com Francisco Aparecido Ferreira Alves para o trabalho monográfico intitulado “O espetáculo junino: as

manifestações festivas das quadrilhas do distrito Felizardo (Ipaumirim-CE), 1985-2013”, a cargo da aluna Amanda de Sousa Rodrigues.

A- Qual teu nome completo?

F- Francisco Aparecido Ferreira Alves

A- Idade?

F- 23 anos

A- Qual sua relação com os festejos juninos?

F- É::é faz a pergunta de novo! Qual minha relação?

A- Sim, com a festa junina daqui do Felizardo?

F- Como assim?

A- Tu faz o quê? Sua participação, qual sua participação?

F- Rapaz, minha entrosação com o evento né?

A- Uhum.

F- A gente faz bingo, arrecada dinheiro, ajuda a dona da festa a fazer o evento, entendeu né?

A- Uhum.

F- E também a gente participa dançando, somos dançarinos.

A- Aí o que te incentivou a participar da quadrilha?

F- Acho que foi o fato de gostar de dançar, o evento também é muito belíssimo, só isso.

A- Aí dançar quadrilha tinha algum significado para você?

F- Tem, é pra mim assim, dançar é como se você esquecesse-se de tudo, porque dançar não é só chegar lá e dançar, você tem que gostar, você tem que, porque tipo você realmente tem que gostar de dançar, porque lá você só não dança não, tem que ajudar a fazer o evento. Você tem que arrecadar dinheiro, fazer bingo, passar em porta pedindo ajuda.

A- Então vocês não ficavam só com a questão de dançar?

F- Não, a gente e::e ficava na parte de fazer o evento acontecer, porque a dona da quadrilha, ela não tinha mais condições de pagar todos os custos que a quadrilha necessitava.

A- Então vocês também participavam dessa questão financeira da quadrilha?

F- Uhum.

A- Aí tu sabe dizer como se dava a formação do grupo? Quando dizia assim, vamos formar um grupo para ter a quadrilha, como se dava essa formação, tu sabe dizer?

F- A gente se reunia, de início a gente fazia uma reunião porque sempre tem um grupo, o grupo nunca foi apagado, aí quando chegava assim o dia de/ É/ Um mês próximo de junho né/ Em junho, porque sempre acontecia em junho/ Quando chegava em junho, a gente já começava os eventos/ Aí colocava no grupo dizendo que tinha uma reunião. A gente se reunia todo mundo, a gente dava a proposta a eles, dizendo quanto a gente tinha que arrecadar pro evento acontecer, aí a gente ia/ A gente conversava pra ver se dava certo, e assim a gente começava o projeto.

A- Mas as pessoas eram sempre as mesmas do grupo?

F- Sempre são as mesmas pessoas, a gente sempre trabalha com as mesmas pessoas.

A- Aí você possui espaço de fala pra dar opinião dentro da quadrilha?

F- Aham! Todo mundo tem livre arbítrio de falar o que quer, o que tá errado lá dentro. Por que lá eles trabalham como se fosse uma família.

A- Uhum.

F- Porque, até porque o grupo foi mudado, porque era Arrasta-Pé 2019, 2018/ Sempre, só alterava um ano. Agora, é, nos últimos anos foi conhecido como "Família Arrasta-Pé"

A- Aí quem foi que deu essa ideia de chamar Família Arrasta-Pé? Sabe dizer?

F- Foi todo mundo. É... A gente conversando em si, aí as meninas com negócio que tipo a gente é uma família, aí a coreógrafa que é Natâmia né, disse: rapaz, pois a gente vai agora mudar o nome do grupo e a gente vai ser reconhecido como "Família Arrasta-Pé", e assim foi.

A- Aí o que te agradava mais na quadrilha?

F- O que me agradava mais era/ É, a união de todo mundo, porque lá não tinha esse negócio de tá com discussão, todo mundo entrava num consenso quando alguma coisa tava errada, e lá todo mundo era amigo, um ajudava o outro.

A- Uhum! E os ensaios onde ocorria e como era?

F- Os ensaios ocorriam numa quadra, na quadra ali de Dr. Omar, ou então no ginásio e... Como ocorria?

A- Era!

F- Como assim ocorria, como ocorria?

A- Como era lá? Vocês chegavam e/

F- Não, a gente chegava e/ Aí a gente ficava lá discutindo o que era que a gente, como ia ser o tema da quadrilha. Por que o tema da quadrilha também tinha muita influência por

que era a gente quem escolhia/ É a dona da quadrilha jogava uns tema e a gente que escolhia entre si, as coreografias/ É/ o tema.

A- Então tudo era conversado, né? Entre o grupo.

F- Tudo era conversado.

A- Você tinha conhecimento do tema antes dos ensaios?

F- Uhum!

A- Aí em relação a questão financeira, vocês ajudavam né?! Tu disse/ E como era a relação entre o grupo? Vocês tinham algum contato fora da quadrilha?

F- Tinha. É todo mundo/ É tanto que todo mundo, a gente marcava de assistir outras quadrilhas, é pra gente tipo se inspirar mais, entendeu? A gente marcava de ir lá pra casa da coreógrafa, a gente ia lá pra dona Cineide que é a dona real da quadrilha, ia pra lá, fazia/ é/ ficava lá conversando, comprava algumas coisas e ficava conversando sobre o assunto como é que ia ser o próximo ano, se ia acontecer a quadrilha, porque sempre tinha/ é/ porque você sabe que quadrilha também depende muito da prefeitura né, da secretaria de cultura, então, a secretaria de cultura daqui ela optou por não mais ajudar o distrito. Então, tudo tinha que ser a gente/ Aí a gente ficava conversando se ia ter, o que a gente ia fazer pensando em novos projetos pra arrecadar, pra ajudar a quadrilha. Então, a gente tinha muito contato fora do grupo de dança.

A- Tinha até a questão do fim né? Quando você faz um passeio e tudo/

F- Aí em relação dos passeios também, porque o passeio ocorria depois da quadrilha/ Aí a gente tinha que tá, tinha que permanecer com esse contato, mas não era por obrigação, porque queria o passeio, era por amizade que a gente construía lá dentro.

A- Mas assim, quando vocês começavam a dançar não tinha uma garantia, de vamos dançar que vai ter um passeio/

F- Não! A gente ia dançar, porque a gente realmente gostava. É tanto que como eu falei antes/ É, tem que ter muito amor por a quadrilha, por dança, porque lá você não ia só dançar/ É tanto que tipo: tem gente que desfaz a quadrilha por casar, aí não quer mais ir né/ Aí a gente substitui por outra pessoa, quando chegava lá era tudo conversado/ Oh, vai ter que trabalhar, tem que fazer isso/ Aí pessoa: Não, pois eu não quero não. Aí já saía, então a pessoa que tinha/ e::é, ou casou ou teve filho, é/ aí ela realmente voltava ou deixava o menino lá com as meninas da comissão, porque tem a comissão também, comissão de frente/ Aí deixava a menina dela com as meninas da comissão e ia dançar.

A- Qual era mais o perfil das pessoas que dançavam? Porque assim tu diz que as pessoas que engravidavam, casavam não queriam mais participar. Então, quem eram que participava?

F- É...

A- Eram estudantes...

F- Não, era assim pra é/ pra dançar na quadrilha tinha que ter no mínimo 16 (dezesesseis) anos porque a gente optava assim por gente já de 16 a 17 anos porque já era maduro, por que você sabe que criança tem esse negócio de tá com picuinha né, tudo discussão/ quer dançar na frente, quer fazer isso, quer aquilo, isso acontecia muito então a gente começou a optar por sorteio. Quem dançasse na frente...

A- Sim...

F- Era sorteado, entendeu?

A- Entendi.

F- Aí... Sim, o perfil da pessoa: tinha que ter realmente compromisso, tinha que gostar de dançar, tinha que gostar de ajudar e não ir só porque - não tá faltando alguém, vou dançar porque realmente tá faltando alguém. Não, tinha que realmente gostar da dança, tinha que realmente gostar do festejo junino.

A- Então dos participantes não tinha nenhum que ficava assim de fora das atividades? Dizer não, não vou participar disso não...

F- Não.

A- Todos participavam.

F- Todo mundo se unia, todo mundo. Porque assim, se ficasse um de fora ia desfalcar os demais, porque um ia falar: oxe! Fulano não faz nada, a gente tem que trabalhar pra pagar a roupa dele. Porque era a gente que pagava a nossa roupa...

A- Uhum.

F- Aí todo mundo lá entrava num consenso, e todo mundo ajudava um ao outro, e a gente formava equipe pra não ir todo mundo num mutirão só, entendeu? A gente formava grupos de cinco, fulano ia pra uma rua, fulano ia pra outra, ciclano ia pra outra e a gente... E a gente assim se dividia em grupo quando a gente chegava ia bater é::é a conta, ia prestar conta com a coreógrafa, pra coreógrafa ir bater com a dona da quadrilha. Era tudo notado, tudo que entrava e tudo que saía, porque a gente, a gente lá tinha o controle de tudo que entrava e de todo o dinheiro que saía, porque tinha que comprar tecido, tinha que comprar/ é::é broche pra cabelo, tinha que comprar meia, tinha que comprar/ dependia muito, a

roupa dependia muito do tema da quadrilha e dependia muito do dinheiro que você ia arrecadar, se a gente arrecadasse pouco dinheiro é óbvio que o figurino ia ser mais barato né!

A- Porque você escolheu dançar na Arrasta-Pé?

F- Bom porque eu sempre achei interessante o lado de dança e eu fui assistir um ensaio, eu sempre gostei de dançar né, aí fui assistir um ensaio achei muito criatividade porque não era só, era uma mistura, era mista, uma mistura de dança com quadrilha e eram vários ritmos. Aí aquilo foi me cativando, eu fui gostando, aí dancei um ano e nunca mais deixei de dançar.

A- Tu sabe quando foi que tu começou a dançar?

F- 2014.

A- 2014... Na tu opinião qual o diferencial dessa quadrilha entre as outras que já tinha?

F- Porque ela não é a quadrilha em si, como eu já falei ela é mista, uma mistura de tudo, ela é danças, tem a quadrilha em si, mas entre a quadrilha eles apresentam vários tipos de dança: forró, axé, tudo... samba, pagode...

A- Aí na tua opinião ela inova nas apresentações?

F- Sempre.

A- Poderia dizer como? Algum aspecto que tu considere inovação?

F- Tipo o funk, eles dizem que funk não hit, não é cultura né?

A- Uhum

F- E eles sempre quiseram mostrar que funk também é... porque tudo aquilo que homem criar ou faz é cultura, então eles sempre quis mostrar isso, que quadrilha não é só aqueles passos tradicionais não, é uma mistura de ritmo, cores, isso tudo. Aí ela era diferencial por isso, por ter vários ritmos, é eles sempre vinham inovando nas danças.

A- Então, tinham pessoas que diziam que o funk não faz parte da cultura, aí vocês trazia ele justamente para quebrar com essa ideia...

F- Uhum.

A- Tá certo, entendi.

F- Só isso?

A- Só, obrigada!

ANEXOS

ANEXO A – PANORAMA DE EVOLUÇÃO DA QUADRILHA

QUADRO 1 – PANORAMA DA EVOLUÇÃO DA QUADRILHA

DÉCADAS	60	70	80	90
Modalidades de Quadrilhas	Quadrilha Tradicional – Q. T.	Quadrilha Tradicional Rocaiteira – Q.T.R.	Quadrilha Tradicional Rocaiteira / Quadrilha Rocaiteira Moderna – Q.T.R. / Q.R.M.	Quadrilha Moderna – Q.M. Quadrilha Rocaiteira Moderna – Q.R.M.
COREOGRAFÍAS				
Estrutura	Dividida em quatro partes, mostra a sequência dos passos tradicionais	Idem	1ª parte inclui passos de impacto, evolução e simetria, 2ª parte coreografias de modalidades de dança, 3ª parte quadrilha	Idem
Passos Tradicionais	Compõem a coreografia	Idem	Ficam mais restritos ao início da coreografia.	Idem
Introdução de Outras Modalidades de Dança	-	Passos de danças populares na quadrilha, como o Xote.	Coreografias de modalidades de danças populares e cênicas.	Idem, com a inserção do balé e dança moderna.
Trilha Sonora	Gênero Forró. Música mecânica ou Conjunto de Pau e Corda	Gênero Forró. Música mecânica	Composto Forró e diversificação de gêneros musicais.	Idem
Traje	Caracteriza o Rocaiteiro	Surgem alterações no traje	O traje modifica-se em ambas as quadrilhas, toma-se padronizado e estilizado.	Estilização prevalece
Marcador	Conduz cantando os passos.	Continua cantando os passos.	Marcador passa por vários tipos de conduções: apito, microfone e gestual codificado.	Estilização é menos acentuada
Coreógrafo	Presença do Ensaaiador.	Há o ensaiador da quadrilha e o de outras danças populares.	São fundamentais em ambas as quadrilhas.	Destaca-se no grupo.
Brincantes	Participação espontânea, São da vizinhança, São responsáveis por seus trajes, Participam no máximo doze brincantes.	Os brincantes começam a ser fixos no grupo.	Brincantes passam a ser técnicos e virtuosos. Aumenta o número de brincantes na quadrilha. Idem Q. R. M. Os brincantes dão preferência pela Q.M.	Participam desta quadrilha até o meado dos anos 90. Começam a preferir Grupos campeões.
Produção	Não havia recursos para produção. Por não haver grupos fixos.	Os grupos de quadrilhas organizam-se para a produção de várias danças.	Apresentam equipe destinada para a produção, responsável para financiar traje e transporte para o brincante, além de responsabilizar-se pela quadrilha.	50% das quadrilhas organizam-se criando vários meios para captar recursos financeiros.
Outros	Dancava-se entre os participantes da festa. As Quadrilhas eram dançadas depois do dia 10/06. Ensaios na rua, em frente das casas ou quintal. Os concursos de quadrilhas são entretenimento nas festas. Juminas	O espaço para apresentar a quadrilha começa a ser definido. Passam a apresentar danças populares após a quadrilha. As quadrilhas participam mais dos concursos. Instituição Municipal promove festivais folclóricos. O ritmo dos ensaios aumentam.	A Q.R.T. transforma-se, nos anos 80, em Q.R.M. Predomina eventos com concursos de quadrilha junina. A Q.M. destaca-se mais entre os quadrilheiros. Os ensaios passam a acontecer com quatro meses de antecedência. A competição torna-se acirrada entre as quadrilhas. Coreógrafo passa a ser prestador de serviço. A Q.R.M. apresenta uma diversidade de passos de modalidades de danças, enquanto que a Q.M. um pluralismo de coreografias de distintas modalidades de danças.	- A Quadrilha Rocaiteira Moderna sobressai. - Apresenta inovações a partir das releituras de outras danças. - É considerada uma quadrilha espetáculo.